



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

DEPARTAMENTO DE PAISAGEM, AMBIENTE E
ORDENAMENTO

A COMUNIDADE NO DESENHO DE ARQUITETURA PAISAGISTA

Rúben Leonel Pereira Prata

Orientação | Professora Doutora Rute Sousa Matos e
Arquiteta Paisagista Marta Tribuzi Paupério Melo (coorientação)

Mestrado em Arquitetura Paisagista

Relatório de Estágio

Évora, 2018

A COMUNIDADE NO DESENHO DE ARQUITETURA PAISAGISTA



RELATÓRIO DE ESTÁGIO
MESTRADO EM ARQUITETURA PAISAGISTA



Rúben Leonel Pereira Prata

MARÇO DE 2018 ■ UNIVERSIDADE DE ÉVORA ■ ESCOLA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS

Resumo

A comunidade no desenho de Arquitetura Paisagista.

Este trabalho resulta do período de estágio realizado no Atelier P4 - Artes e Técnicas da Paisagem Lda e pretende fazer a ponte entre a experiência profissional e a académica. Consiste numa reflexão teórica sobre a comunidade e a sua influência no desenho de Arquitetura Paisagista.

Abstract

The community as a starting point of Landscape Architecture.

This work is the result of the internship at P4 - Artes e Técnicas da Paisagem Lda office and aims to make a connection between professional and academic experience. It consists of a theoretical reflection on the community and its influence on the design of Landscape Architecture.

Agradecimentos

À professora Rute Sousa Matos pela forma como me orientou ao longo do curso e nesta fase final, sempre com disponibilidade para ajudar. Agradeço também a todos os elementos da Universidade de Évora, em especial aos professores, por me terem inculcido e ensinado a prática de arquitetura paisagista e por me terem acompanhado neste percurso.

Aos arquitetos paisagistas, Marta Paupério e Luís Paiva, pela oportunidade de trabalhar convosco, pela experiência transmitida e pelos conselhos dados ao longo de todo o processo. Um agradecimento especial à Marta por toda a disponibilidade dada ao longo da realização do relatório de estágio.

Aos meus pais por me terem dado esta oportunidade, por me incentivarem e apoiarem ao longo de todo o percurso, apesar destes quase 6 000km de distância.

Aos meus amigos, colegas e restantes familiares por compreenderem o fato de não estar presente em alguns momentos importantes.

E, por último, mas não menos importante que os outros, à Ana por ter estado ao meu lado em todos os momentos, tanto nos bons como nos maus. Foi sempre um grande apoio no decorrer deste percurso.

Índice

Resumo	2
Abstract	3
Agradecimentos	4
Índice	5
Índice de Figuras	7
Introdução	10
Organização do trabalho	11
1. Comunidade e Arquitetura Paisagista	14
1.1. Comunidade	14
1.2. Arquitetura paisagista	16
1.3. Conjugação de conceitos	17
2. A Paisagem e o Homem	20
2.1. Evolução da paisagem.....	21
2.2. Análise da paisagem.....	28
2.3. La Bazana.....	33
2.3.1. Critérios comuns para a conceção dos povos de colonização	34
2.3.2. Evolução Histórica.....	36
2.3.3. Identidade do lugar.....	41
3. O projeto de Arquitetura Paisagista para a Comunidade	44
3.1.Ordenamento do território em prol das comunidades.....	44
3.2. Planear a cidade para a comunidade.....	45
3.4. Fatores que criam um Sentido de Comunidade	49
4. Projeto para La Bazana, Espanha – Plan Acequia.....	53
4.1. Equipa.....	53
4.2. Sobre o EUROPAN	53
4.2.1. O EUROPAN em 10 pontos	54
4.2.2. Tema e Subtemas do EUROPAN 14	55
4.3. Programa do promotor.....	56
4.4. Plano Acequia	59
4.4.1. Conceito da proposta.....	60

4.4.2. Descrição da proposta.....	64
5. Outros projetos realizados no estágio	76
5.1. Projeto para Hornachuelos, Espanha – OutSideIn	76
5.1.1. Equipa	77
5.1.2. Sítio do projeto.....	78
5.1.3. Conceito da proposta.....	79
5.1.4. Espaços para criação de comunidade	80
5.2. Projeto para Lillestrøm, Noruega – Sløw Stream	82
5.2.1. Equipa	82
5.2.2. Sítio Estratégico.....	83
5.2.3. Sítio de projeto.....	84
5.2.4. Conceito da proposta.....	86
5.3. Projeto para o corredor Oxford Cambridge, Reino Unido – W.E.B. West East Bond	95
5.3.1. Equipa	97
5.3.2. Sítio do projeto	98
5.3.3. Conceito da proposta.....	102
Considerações Finais	107
6. Considerações finais	108
Referências Bibliográficas.....	110

Índice de Figuras

Figura 1: Província de Badajoz e as suas divisões administrativas. Fonte: GifeX, mapas e ortofotomapas do mundo.....	20
Figura 2: Conjunto de indústrias desenvolvidas com o Plan Badajoz. Fonte: Extraído do vídeo realizado pela rtve.....	23
Figura 3: Plano de “la zona regable del Rio Ardila”. Fonte: Rando (2015).....	24
Figura 4: Construção dos canais de água (acequias) da zona de rega do Rio Ardila. Fonte: Rando (2015).....	24
Figura 5: Ortofotomapa de 1945/46, sem escala. Fonte: Adaptação do SITEx-Sistema de Información Territorial de Extremadura.....	25
Figura 6: Ortofotomapa de 1956/57, sem escala. Fonte: Adaptação do SITEx-Sistema de Información Territorial de Extremadura.....	26
Figura 7: Ortofotomapa de 1986, sem escala. Fonte: Adaptação do SITEx-Sistema de Información Territorial de Extremadura.....	27
Figura 8: Localização das unidades de paisagem da Extremadura. Fonte: Relatório de Directrices de Ordenación Territorial de Extremadura.....	28
Figura 9: Brasão de armas da estremadura. Fonte: Wiki 2.....	29
Figura 10: Síntese do relevo. Escala 1:9000. Fonte: Equipa projetista.....	29
Figura 11: Uso do solo. Escala 1:9000. Fonte: Equipa projetista.....	30
Figura 12: Rede de percursos e património. Escala 1:9000. Fonte: Equipa projetista.....	31
Figura 13: Unidades de Paisagem. Escala 1:9000. Fonte: Equipa projetista.....	32
Figura 14: Elaboração da festa da chuleta. Fonte: Jornal Diario HOY Jerez.....	34
Figura 15: Procissão na festa de São Isidro. Fonte: Jornal Diario HOY Jerez.....	34
Figura 16: Vista de uma das praças antes da arborização.1956. Fonte: Programa do concurso.....	36
Figura 17: Vista aérea da praça do Perú, uma das cinco praças originais de La Bazana. Fonte: Google earth.....	37
Figura 18: Vista frontal da Praça do Perú, com a presença do muro que separa a praça da via. Fonte: Rando (2015).....	37
Figura 19: Planta do projeto original de la Bazana, elaborado por Alejandro de la Sota. 1954. Fonte: Programa do concurso.....	38
Figura 20: Evolução do espaço construído de La Bazana, desde do plano original, até aos dias de hoje. Fonte: Equipa projetista.....	39
Figura 21: Corte transversal do estado atual de La Bazana. Fonte: Equipa projetista.....	39
Figura 22: Fotografia de La Bazana com algumas habitações em construção.1956. Fonte: Rando (2015).....	40
Figura 23: Fotografia atual de La Bazana. Fonte: Ayuntamiento Jerez de los Caballeros (jerezcaballeros.es).....	40
Figura 24: Evolução histórica de La Bazana e perspetivas futuras. Fonte: Equipa projetista.....	40
Figura 25: Realização do presépio em La Bazana. Fonte: Jornal Huelva Información.....	42
Figura 26: Logotipo do European14. Fonte: Programa do concurso.....	53
Figura 27: Mapa com a localização dos locais a concurso. Fonte: Site do concurso European.....	55

Figura 28: Esquício de De La Sota de uma das praças de La Bazana. Fonte: Rando (2015).	57
Figura 29: Ponte romana num dos acessos a La Bazana. Fonte: Programa do concurso.	57
Figura 30: Paisagem que envolve La Bazana. Fonte: Programa do concurso.	57
Figura 31: Edifício a reaproveitar, Hermandad Sindical. Fonte: Programa do concurso.	58
Figura 32: Edifício a reaproveitar, antiga leitaria. Fonte: Programa do concurso.	58
Figura 33: Edifício a reaproveitar, Coso. Fonte: Programa do concurso.	58
Figura 34: Fotografia aérea do estado atual de La Bazana. Fonte: Programa do concurso.....	59
Figura 35: Esquema de explicação do conceito do Plano Acequia. Fonte: Equipa projetista.	61
Figura 36: Esquema da evolução e proliferação do projeto piloto de La Bazana para restantes povoamentos de colonização. Fonte: Equipa projetista.	63
Figura 37: Fotomontagem da proposta para uma das praças de La Bazana, com a sobreposição do esquício de Alejandro de la Sota. Fonte: Equipa projetista.....	65
Figura 38: Esquema explicativo dos princípios, funcionalidades e funções do centro cívico. Fonte: Equipa projetista.	66
Figura 39: Funções e estrutura de instalações públicas fundamentais para a evolução da comunidade. Fonte: Equipa projetista.	68
Figura 40: Fotografia ilustrativa da sobrelotação do espaço na festa da chuleta e da ocupação do campo de jogos para a sua realização. Fonte: Google imagens.....	68
Figura 41: Esquema explicativo dos processos realizados no centro de transformação. Fonte: Equipa projetista.....	69
Figura 42: Esquema explicativo das atividades realizadas pela sede da “Acequia”, as suas funções e os seus objetivos. Fonte: Equipa projetista.....	70
Figura 43: Esquema ilustrativo da evolução pretendida nas funções de La Bazana com o intuito de atingir um equilíbrio entre as funções do espaço. Fonte: Equipa projetista.	71
Figura 44: Esquema da primeira etapa de implementação do projeto em La Bazana, com o apoio da comunidade. Fonte: Equipa projetista.	73
Figura 45: Esquema da segunda etapa de implementação do projeto em La Bazana, com o apoio da comunidade. Fonte: Equipa projetista.	73
Figura 46: Esquema da terceira etapa de implementação do projeto em La Bazana, com o apoio da comunidade. Fonte: Equipa projetista.	74
Figura 47: Localização da área de intervenção e zonamento da área a intervir. Fonte: Programa concurso.....	78
Figura 48: Vista aérea de Hornachuelos. Fonte: espacios-naturales.blogspot.pt.....	79
Figura 49: Esquema do conceito da proposta. Fonte: Equipa projetista.....	79
Figura 50: Corte da primeira fase da intervenção 2. Fonte: Equipa projetista.	81
Figura 51: Localização de Lillestøm em relação a morfologia e hidrografia desta região. Fonte: Equipa projetista.	83
Figura 52: Zonamento do sítio do projeto e a sua envolvência. Fonte: Programa do concurso.	84
Figura 53: Polígono da área do projeto, sítio estratégico. Fonte: Equipa projetista.	85
Figura 54: Polígono da área do projeto sítio do projeto. Fonte: Equipa projetista.....	85

Figura 55: Fases de implementação do projeto e zonamento das indústrias existentes. Fonte: Programa do concurso.	86
Figura 56: Logotipo do conceito da proposta. Fonte: Equipa projetista.	86
Figura 57: Esquema representativo das dinâmicas pretendidas pelo sistema urbano, pela estrutura ecológica e pela água. Fonte: Equipa projetista	87
Figura 58: Esquema representativo das diferentes camadas da estrutura ecológica proposta e existente. Fonte: Equipa projetista	89
Figura 59: Esquema representativo do sistema de percursos proposto e existente. Fonte: Equipa projetista.....	90
Figura 60: Fotomontagem do percurso ribeirinho proposto junto às indústrias. Fonte: Equipa projetista.	90
Figura 61: Esquema da relação do movimento do sol e das brisas dominantes com a altura do edificado proposto. Fonte: Equipa projetista.	92
Figura 62: Tipologia e edifícios propostos na área de projeto e dinâmicas associadas. Fonte: Equipa projetista.	94
Figura 63: Corredor de ligação Oxford-Cambridge, sem escala. Fonte: 5th Studio; Programa do concurso.	95
Figura 64: Tipologias de crescimento propostas pelo NIC. Fonte: 5th Studio; Programa do concurso.....	97
Figura 65: Enquadramento do corredor em Inglaterra e localização das cidades mais importantes do corredor. Fonte: 5th studio, Programa do concurso.....	98
Figura 66: Relação da área de intervenção para com as características morfológicas e hidrográficas. Fonte: Programa do concurso.....	99
Figura 67: Rede viária. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.	100
Figura 68: Rede ferroviária. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.	101
Figura 69: Conceito geral da proposta. Fonte: Equipa projetista.	102
Figura 70: Esquema geral da tipologia de desenvolvimento. Fonte: Equipa projetista.	103
Figura 71: Esquiço da tipologia de desenvolvimento, integrando a estrutura ecológica. Fonte: Equipa projetista.	104
Figura 72: Tipologias estratégicas para preservar e melhorar a estrutura ecológica. Fonte: Equipa projetista.	104
Figura 73:Tipologias propostas para a rede de mobilidade. Fonte: Equipa projetista	105
Figura 74: Especificações das estratégias para o desenvolvimento dos aglomerados urbanos. Fonte: Equipa projetista.	105
Figura 75: Intervenientes no processo de desenvolvimento e respetivas funções. Fontes: Equipa projetista.....	106

Introdução

O presente trabalho resulta da experiência de estágio académico no *atelier* Paisagem4 - Artes e Técnicas da Paisagem Lda, realizado entre Fevereiro e Julho de 2017, e consiste na última etapa do 2º ciclo em Arquitetura Paisagista. Nesta experiência de contexto profissional tivemos a oportunidade de trabalhar a parte criativa de conceção de projeto e, apesar de não se ter trabalhado a componente mais técnica, foi uma boa experiência que permitiu desenvolver capacidades de conceção de projeto e experienciar como funciona a participação em concursos de ideias.

Durante o período de estágio participámos em três concursos distintos, quer em termos de objetivos finais, quer em termos de escala. O primeiro concurso corresponde a uma fase que nos permitiu conhecer a metodologia, o ritmo de trabalho e a linguagem utilizada no *atelier*, que nos permitiu ambientar aos programas utilizados e, ao mesmo tempo, permitiu à equipa do *atelier* perceber como era o nosso próprio método de trabalho. Este concurso o Rethinking foi realizado no período de um mês e tinha como área de intervenção a vila de Hornachuelos, localizada na parte ocidental da província de Córdoba, em Espanha. Este projeto estava muito direcionado para arquitetos, dividindo-se em duas partes: a primeira tinha como objetivo criar um conjunto de edifícios multifuncionais numa área de 5000m² e a segunda parte, já mais direcionada para a arquitetura paisagista, tinha como objetivo criar um espaço de uso comum, num lote com 435.33m².

O segundo concurso foi o European14. Este foi um concurso de ideias europeu, à escala urbana, que incluiu uma série de cidades e teve como tema as Cidades Produtivas. Numa primeira fase tivemos de realizar uma pré-seleção para definirmos quais eram as cidades onde iríamos trabalhar, tendo o *atelier* acabado por optar por apresentar duas propostas. As intervenções que selecionámos localizavam-se na cidade de Lillestrøm e na aldeia de La Bazana. Lillestrøm é uma cidade norueguesa localizada a 18 Km de Oslo, a capital. A intervenção pretendida para esta cidade tinha como principal objetivo uma reconversão da zona industrial, denominada Nesa, com o intuito de potenciar o desenvolvimento urbano para essa zona através da criação de novas áreas habitacionais, zonas de comércio, serviços e áreas verdes. La Bazana, por sua vez, é uma aldeia espanhola que pertence ao município de Jerez de los Caballeros (10 km de distância) no concelho de Badajoz, região da Extremadura. A intervenção neste local tinha como objetivo reavivar a localidade criando atratividade que captassem novos habitantes (atualmente La Bazana conta com 332 habitantes), reordenando os espaços públicos, conciliando os recursos etnográficos com os naturais e criando novos postos de trabalho através de novas funções dos edifícios públicos. Este concurso teve uma duração de 4 meses, tendo-me sido atribuída a função de coordenador interno do

projeto de La Bazana e à minha colega de estágio a função de coordenadora interna do projeto para Lillestrøm.

O terceiro e último projeto foi o “The Cambridge to Oxford Connection: ideas competition”. Este foi um concurso lançado pela Comissão Nacional de Infraestruturas de Inglaterra com o intuito de reunir propostas conceptuais para o desenvolvimento deste corredor. Esta proposta para as novas infraestruturas é apenas conceptual, sendo apresentadas diretrizes de desenvolvimento, uma visão para o futuro e alguns princípios de desenho. Este corredor encontra-se a norte de Londres e pretende ligar Cambridge a Oxford, passando por Northampton e Milton Keynes. Este concurso teve a duração de um mês e foi realizado na fase final do estágio.

Com base nos projetos desenvolvidos ao longo do estágio, proponho-me a desenvolver o tema “**A comunidade no desenho de Arquitetura Paisagista**”. Este tema vai ser desenvolvido usando como caso de estudo central o projeto de La Bazana, por ser considerado o mais relacionado com o tema explorado, afetando de forma inegável a vida de todos os habitantes desta comunidade, fazendo-se, no entanto, referência aos outros projetos em casos específicos. Através do desenvolvimento deste tema, pretende-se demonstrar a importância que a comunidade tem no desenho de arquitetura paisagista bem como a influência que este tem sobre a comunidade. Existem ligações em ambos os sentidos que têm interesse e devem ser exploradas.

Organização do trabalho

O trabalho encontra-se dividido em 6 capítulos.

O primeiro capítulo faz referência aos conceitos de comunidade, onde se explora as suas diversas vertentes, e de Arquitetura Paisagista, onde se faz uma reflexão sobre o que é a disciplina e as suas diversas áreas de atuação. No final, conjugam-se os dois conceitos com o objetivo de encontrar os pontos de contacto entre ambos.

No segundo capítulo surge o tema “A Paisagem e o Homem” que reflete a relação entre o Homem e o lugar que o suporta. Inicia com uma evolução histórica da paisagem envolvente a La Bazana e da influência do homem sobre esta. Faz uma análise do seu estado atual, com particular enfoque nas suas características e dinâmicas. Desenvolve-se o caso específico da vila de La Bazana onde se contextualiza o surgimento da localidade em relação aos critérios do INC¹, se descreve a evolução histórica desde a fase do plano à atualidade, se caracteriza a identidade do lugar partindo da definição do conceito de “identidade”.

¹ INC- Instituto Nacional de colonização.

No que respeita o terceiro capítulo, aborda-se a influência que a comunidade tem nos projetos de arquitetura paisagista. Reflete-se sobre a importância da comunidade nas políticas de ordenamento do território, sobre o processo de planeamento e intervenção ao nível da cidade considerando o carácter da comunidade, sobre os fatores que efetivamente criam uma “comunidade”.

Quanto ao projeto para La Bazana - o Plan Acequia - inicia com a apresentação da equipa que realizou a proposta e do programa do concurso, incluindo objetivos para as cidades europeias, condicionantes e objetivos do promotor para a localidade em concreto. De seguida, é apresentado o projeto defendido. Parte-se de uma ideia conceptual ou um conceito basilar e, a partir daí, densifica-se o nível de materialização e pormenor.

O quinto capítulo apresenta, de forma breve, os restantes trabalhos desenvolvidos ao longo do estágio. Para cada projeto exposto, é feita a apresentação da equipa projetista, um breve enquadramento geográfico dos locais a intervir, do conceito desenvolvido e, por fim, uma apresentação sintética da proposta. As explicações são sempre focadas no tema principal “A Comunidade no desenho de Arquitetura Paisagista”.

O último capítulo consiste na conclusão do trabalho. Retornando ao tema principal, retiram-se as ideias essenciais acerca do papel da comunidade no desenho de projeto. A partir da pesquisa teórica e dos estudos de caso presentes ao longo do relatório, evidenciam-se situações onde a comunidade é fundamental. Existe uma reflexão acerca do seu papel na conceção, construção e manutenção/evolução do projeto que poderá permitir uma visão mais atenta na conceção de projetos futuros. Terminamos com uma reflexão genérica sobre o presente relatório e todo o processo de aprendizagem ao longo do estágio.

Comunidade e Arquitetura Paisagista

1. Comunidade e Arquitetura Paisagista

Para se perceber na íntegra qual é a relação entre Comunidade e Arquitetura Paisagista, é necessário perceber o que é “Comunidade”² e em que contexto é que se pode utilizar esta definição cruzando-se, posteriormente, com a definição e a prática da Arquitetura Paisagista. Feita esta análise ficará mais perceptível qual é a relação entre ambas. É essencial fazer o cruzamento entre o conceito de comunidade e a prática da arquitetura paisagista, explorando os seus vários pontos de contato.

Para um melhor entendimento sobre o que é uma “comunidade”, é importante referir que é uma construção mental, um modelo. Este termo pode ser aplicado em várias situações fazendo com que adquira várias formas, tamanhos e localizações, não existindo duas iguais (Bartle, 2017).

Em relação à Arquitetura Paisagista, o Prof. Caldeira Cabral definiu-a como sendo a “profissão do nosso tempo, bem marcada com as preocupações do bem-comum, defende a primazia dos valores espirituais sobre os económicos, das soluções permanentes sobre a estrita visão do atual, sem antes nem depois” (Caldeira Cabral cit in Telles, 2016).

1.1. Comunidade

O que significa comunidade? Este termo pode ser distinto e ter várias interpretações, sendo que cada ciência tem a sua definição e pode ser entendido de diferentes perspetivas. Assim, serão analisadas as definições dadas pela ecologia³ e pela sociologia⁴, de modo a ser realizado um aprofundamento do conceito. Foram selecionadas estas ciências, porque na primeira é feita a relação entre o espaço e os seus utilizadores, enquanto que na segunda se estudam as pessoas que compartilham o mesmo espaço.

Numa abordagem geral, comunidade refere-se a um conjunto de indivíduos que se relacionam. Um grupo de pessoas ou animais pode formar uma comunidade desde que haja alguma característica entre si que os una. Pode-se dizer que um país é uma comunidade que, por sua vez, está inserido noutra comunidade. No caso de Portugal,

²O conceito de comunidade tem origem no latim *Communitate*. O conceito refere-se à qualidade daquilo que é comum, conjuntos de pessoas que vivem em comum com recursos que não são de sua propriedade pessoal (Costa & Melo, s/d).

³ Ecologia: Origem do grego oikos+logos e é o estudo da interdependência entre as instituições e o agrupamento dos homens no espaço (Costa & Melo, s/d).

⁴ Sociologia: Origem do latim sociu + logos do grego, ciência dos fenómenos sociais, que se apoia em dados diversos (Costa & Melo, s/d).

os portugueses são uma comunidade que está inserida numa maior - na comunidade europeia. Ao mesmo tempo, também dentro do país existem outras de menor dimensão, nomeadamente as pessoas que vivem num determinado território específico como o Alentejo por exemplo, formam uma comunidade ao terem laços culturais e sociais que os unem. O mesmo acontece com pessoas que partilham o mesmo estilo de vida e, porventura, não estão ligados a um determinado espaço, como é o caso das comunidades *hippies*.

O conceito de comunidade nas ciências naturais, como a ecologia e a biologia, não é muito distinto do das ciências sociais. No caso das ciências naturais, comunidade é um conjunto de organismos que habitam um espaço ou um ambiente comum e se interrelacionam (Lévêque, 2002). Nas ciências sociais, como a sociologia, comunidade não é apenas uma construção de um modelo é um conjunto de interações e de comportamentos do Homem com um determinado significado e que vai criando expectativas entre determinados indivíduos. Estas ações, realizadas pelo Homem, têm como objetivo a partilha de crenças, valores e experiências, o que faz com que uma comunidade nem sempre esteja associada a um local físico. Assim, por vezes, uma comunidade não pode ser tocada nem observada na sua íntegra (Infopédia, 2017).

O conceito de comunidade atinge grandes dimensões devido à globalização. No mundo, nenhum indivíduo nem nenhum país existem isoladamente; todos vivemos sobre influência uns dos outros; os povos e as culturas tornam-se cada vez mais semelhantes devido a homogeneizações políticas, sociais e tecnológicas, formando assim uma “comunidade internacional”⁵. Esta comunidade internacional expande conforme aumenta a divulgação da informação. Por exemplo, os fogos de Pedrogão foram divulgados pela comunicação social, o que fez com que pessoas que não vivem naquele local, ou mesmo no país, tomassem conhecimento e se unissem à causa, despontando assim uma ação global. Esta ação global é uma pequena amostra da dimensão que se pode atingir numa comunidade.

O facto de caminharmos para uma comunidade internacional⁶ pode vir a desvirtuar o sentido de comunidade a uma escala mais pequena e pode conduzir ao esquecimento de alguns hábitos culturais e tradicionais. Por isso, quando pensamos em comunidade, temos de ter em atenção os seus limites e características, para que não corramos o risco

⁵**Carta das nações unidas** (assinada em 26 junho de 1945); na carta das nações unidas existe uma visão partilhada de um mundo melhor para todos, o que significa que estamos a caminhar para fortalecer a comunidade internacional. Mas para que tal aconteça é necessário capacitar os grupos mais enfraquecidos (Unidas, 2014).

⁶“A comunidade internacional existe efetivamente. Quando os governos, instados pela sociedade civil, se reúnem para aprovar a lei orgânica de um tribunal criminal internacional, isso é a comunidade internacional em ação, em defesa do Estado de direito. Quando assistimos a uma grande demonstração de ajuda internacional às vítimas dos terremotos na Turquia e na Grécia - ajuda dada, em grande parte, por quem aparentemente não está ligado à Turquia e à Grécia a não ser por um sentido de humanidade comum - é a comunidade internacional que está a seguir o seu impulso humanitário”. secretário-geral da Organização das Nações Unidas (Annan, 1999).

de a descaracterizar. Para cada local há pelo menos uma característica que une aquela população, tornando-a numa comunidade, com características muito próprias. Estas características devem ser preservadas para que os grupos mais pequenos possam subsistir dentro de um grande grupo e de forma a não retirar o sentido de comunidade aos pequenos grupos que compõem as grandes comunidades.

Deste modo, uma das características centrais do conceito de comunidade e que nos interessa é que o ser humano é social por natureza e, normalmente, o seu tipo de comunidade é heterogêneo podendo ser composto por várias classes sociais e etnias, unidos por diferentes laços culturais e sociais.

1.2. Arquitetura paisagista

A Arquitetura Paisagista é uma área de conhecimento interdisciplinar com uma grande componente artística e ecológica, que tem como bases fundamentais essenciais a visão humanista e a profundidade cultural, bem como uma grande componente científica e técnica. Uma característica desta profissão é o fato de ter uma visão holística, o que faz com que atue em muitos dos valores que nos suportam, como os culturais, sociais e bióticos, devido à capacidade que tem para planejar e projetar paisagens ecológicas, sociais e economicamente sustentáveis, com o intuito de promover a qualidade de vida das comunidades, do ambiente e da diversidade biológica (Telles, 2017).

Sendo a Arquitetura Paisagista a “arte de ordenar o espaço exterior em relação ao homem” (Cabral, 1993), os arquitetos paisagistas planeiam, projetam e gerem espaços exteriores onde as pessoas vivem; realizam trabalhos desde o projeto, a construção e manutenção de jardins e de espaços abertos públicos, à integração de infraestruturas e ao ordenamento do território, para o qual o Arquiteto Paisagista está também vocacionado e preparado. Esta é uma atividade que cria beleza e funcionalidade, construindo paisagens equilibradas e respeitando os sistemas naturais, com o intuito de melhorar aquelas paisagens para quem delas subsiste e vive, atingindo assim o belo (Telles, 2016). O belo não são as obras que só tem uma componente estética, são também as que tem uma componente útil ou funcional. Este provém da realização de uma obra estética do homem que, ao longo da sua invenção, junta elementos dados pela natureza, pelo cultural e pela história, criando assim uma relação de continuidade temporal. O belo é desinteressado e admitido como universal, tendo como interveniente o entendimento e a imaginação e não a razão.

1.3. Conjugação de conceitos

Tendo estas definições como base de entendimento pretende-se fazer uma conjugação entre ambas, ou seja, entre comunidade e arquitetura paisagista. Pode-se referir que a Arquitetura Paisagista atua em prol da comunidade porque “fomenta a auto-organização das comunidades e a capacidade de adaptação, invés de tentar evitar a mudança” (Alberti, 2013). Existem algumas formas de atuação associadas à prática da arquitetura paisagista, que têm como principal função melhorar as relações entre os elementos de uma comunidade, entre comunidades e entre as comunidades e o ambiente, nomeadamente: integração da população no desenvolvimento de um projeto; capacidade de perceber quais as necessidades da comunidade e, assim, criar instrumentos legais para fazer face às mesmas; capacidade de educar a população para as boas práticas ambientais; capacidade de implementação de projetos educativos e pedagógicos permitindo assim à população conhecer e descobrir os ecossistemas naturais, bem como as práticas culturais; e capacidade de alterar facilmente a escala de trabalho.

Estas formas de atuação só se materializam se houver uma aceitação e contribuição da comunidade pois quanto mais as comunidades participarem e mais envolvidas estiverem, mais agradadas irão ficar com os projetos desenvolvidos e, conseqüentemente, melhor se conseguirão relacionar com o lugar. A comunidade deve fazer parte do projeto participando de forma ativa e interventiva. Os projetos de arquitetura paisagista têm o poder de afetar de forma permanente a vida das comunidades, devendo o resultado final ser da responsabilidade de todos. Se houver um trabalho conjunto entre os técnicos e a população, é possível desenvolver uma cidade melhor, contribuindo para a criação de uma maior e mais abrangente noção de comunidade (Project for Public Spaces, 2009).

Numa escala mais afastada, ao nível do ordenamento do território, esta profissão consegue criar e manter diversos padrões de desenvolvimento que sejam suporte de diversas funções sociais e ecológicas (Alberti, 2013) mas, para tal, também é necessário o envolvimento da população de forma a existir uma maior compreensão do planeamento e de como este processo, numa determinada escala temporal, irá afetar a vida de todos. Quanto mais participativas forem as comunidades, mais se identificarão com o resultado final.

A atuação da arquitetura paisagista tem sempre em consideração os intervenientes numa determinada paisagem e a relação entre o tempo e o espaço, de forma a preservar e valorizar as questões sociais, culturais e ecológicas, com o objetivo final de criar uma melhor qualidade de vida. É cada vez mais urgente uma visão sustentada da nossa ocupação da paisagem, conjugando as componentes culturais e as naturais, de forma

a encontrar o equilíbrio entre a harmonia, a beleza e a funcionalidade, para que estas paisagens perdurem ao longo do tempo e possam prosperar.

A união entre este dois conceitos, comunidade e arquitetura paisagista, guiou o desenvolvimento das propostas que se apresentam. O caso de estudo onde esta conjugação será mais explorada é a proposta apresentada para La Bazana, pelas características da comunidade que aqui se encontra; mas também pelas características da proposta, muito centrada na relação fortíssima entre esta paisagem e a comunidade. Em qualquer um dos projetos foram aplicados os saberes da Arquitetura Paisagista em prol do desenvolvimento e da dotação das comunidades. Todas as propostas desenvolvidas têm como objetivo aumentar a qualidade de vida da população ao mesmo tempo que atraem novos elementos que a integre e complemente. Isto, mantendo e protegendo a identidade da comunidade.

A Paisagem e o Homem

2. A Paisagem e o Homem

Todas as paisagens são diferentes e não têm limites definidos. O Homem quando deixou de ser caçador coletor começou a utilizar os recursos que a terra dava, para se alimentar e criar o seu abrigo. Esta transição permitiu que ele pudesse obter melhor conforto e qualidade de vida. Deixou de percorrer quilómetros para procurar alimento e passou a produzi-lo, através do cultivo, o que proporcionou uma alteração da paisagem. O homem foi um utilizador dos recursos naturais mesmo antes de existir o conceito de paisagem. A paisagem onde se inclui o homem, é a “casa” de todos os seres vivos. Os humanos evoluíram entre plantas e animais, sendo o céu o seu teto e a terra o seu chão. O homem é um elemento da paisagem, é parte dela, não podendo dela dissociar-se. Portanto, a paisagem em toda a amplitude do seu conceito, não se pode separar do conjunto de valores que serve o interesse do Homem em toda a plenitude. Assim, paisagem também terá de ser contemplada perante um aspeto objetivo (Telles, 2016).

La Bazana é uma aldeia Espanhola, localizada na província de Badajoz e pertencente ao município de Jerez de los Caballeros. Como todas as paisagens, esta também foi moldada pelo homem para que dela fossem retirados todos os elementos necessários à sua subsistência. Esta paisagem, para além de influenciar os usos do homem, também tem uma grande influência nos aspetos culturais das populações. “A Paisagem e o Homem são o reflexo um do outro” (Melo, 2013), mantendo uma relação de simbiose que, sem ela, não poderia existir.



Figura 1: Província de Badajoz e as suas divisões administrativas. **Fonte:** GifeX, mapas e ortofotomapas do mundo.

2.1. Evolução da paisagem

“A paisagem é uma construção do homem, o homem intervém e faz uma obra estética, que junta sempre os elementos dados pela natureza, pelo costume e pela história numa longa relação de continuidade” (Telles, 2012). O uso da terra não deve ser apenas uma economia de produção, mas também uma atividade para valorizar e manter a casa do homem. A construção da paisagem não deve ser regida apenas por uma visão economicista, guiada pelo lucro a curto e médio prazo, mas sim por uma visão sustentável, que garanta a subsistência a longo prazo. A profunda transformação que ocorreu na paisagem da Estremadura, conseqüente da implementação do Plan Badajoz, teve como base esta preocupação, tendo sido alicerçada por uma vontade de potenciar os recursos existentes, contribuindo de forma muito importante para a subsistência destas comunidades.

Esta paisagem, outrora de matos, sofreu uma grande transformação com a implantação do “*Plan de Badajoz*”. Este plano, formalizado pelo quadro legal instaurado a 7 de Abril de 1952 sobre o *plano de obras, colonização, industrialização e eletrificação da província de Badajoz*, ficou mais conhecido como “Plan Badajoz” e foi uma das medidas mais célebres do regime de Franco⁷ (Rando, 2014). Esta lei tinha como objetivo rentabilizar e melhorar a produção da província; para tal, foram estabelecidas **7 ações**:

- 1- **Regularização do Rio Guadiana** - assegurar o caudal e a disponibilidade de água disponível do Rio e dos seus afluentes;
- 2- **Construção de sistemas de regadio** – assegurar que as zonas a transformar tivessem acesso à água;
- 3- **Colonizar as zonas transformadas** – construção de pequenos “pueblos”⁸ para a instalação de famílias, com a finalidade de constituírem a classe trabalhadora. Estas famílias teriam direito a uma porção de terreno para a sua própria produção;
- 4- **Repovoamento florestal** – repovoar o território com várias espécies florestais com o intuito de proteger o solo e as linhas de água;
- 5- **Melhorar as comunicações**;
- 6- **Construção de uma rede elétrica**;
- 7- **Industrialização dos produtos.**

⁷Francisco Franco Bahamonde – Nascido em 1892, foi general espanhol e depois governou Espanha como um ditador militar desde 1939 até a sua morte 1975. O seu regime ficou conhecido como regime Franquista (Francisco Franco Bahamonde em Biografías y Vidas, 2017).

⁸Pueblos – Pequenos aglomerados urbanos com baixa densidade populacional. Pueblo em Portugal corresponderia a uma aldeia.

O principal objetivo deste plano foi a colonização e o aumento de produtividade da província. Pretendia-se que este vasto território fosse ocupado, que tivesse um grande potencial económico e a capacidade para produzir uma grande variedade de produtos agrícolas. Para tal, foi feito um plano que determinava o número de pessoas a instalar em cada povoação e qual a atividade económica principal para cada localidade, de forma a criar uma grande rede que se complementava. La Bazana foi construída para que a população trabalhasse na destilação de lenha (NO-DO, 2005), processo a partir do qual é possível extrair diversas matérias combustíveis.

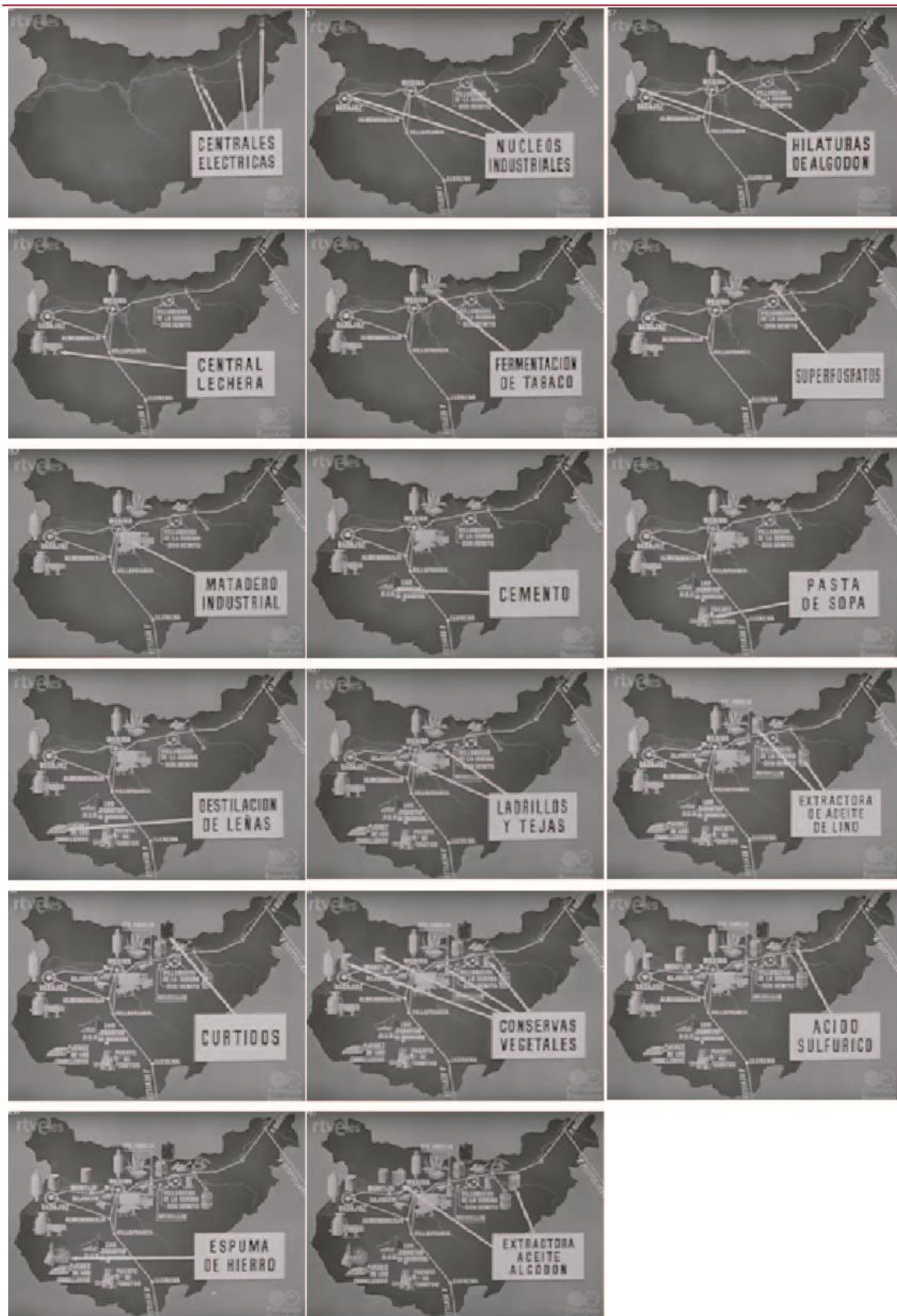


Figura 2: Conjunto de indústrias desenvolvidas com o Plan Badajoz. **Fonte:** Extraído do vídeo realizado pela rtve.

O Plano Badajoz fez com que o território sofresse uma grande transformação. O acesso facilitado à água permitiu que surgissem grandes áreas de agricultura de regadio, um dos objetivos centrais do plano. Esta paisagem que, outrora, tinha como cores dominantes o castanho e os verdes secos, passou a exibir uma grande quantidade de verdes vivos devido aos 53,299ha de culturas de regadio. Desta área, apenas 1,686ha pertencem ao Município de Jerez de los Caballeros, sendo esta parcela do plano designada de “pequenos regadios de Jerez de los Caballeros”. Esta zona, onde se encontra o Pueblo de La Bazana, apesar de fazer parte do Plan de Badajoz, figurou um sub-plano diferente. As culturas de regadio aqui presentes são abastecidas pelo Rio Ardila (ao contrário do que acontece na restante área de regadio do plano, que é abastecida pelo Rio Guadiana). Desta forma foi criado o “Plano de la zona regable del Rio Ardila”, um sub-plano do plano principal, que incluiu o projeto das localidades de La Bazana, Brovales e Valuengo.

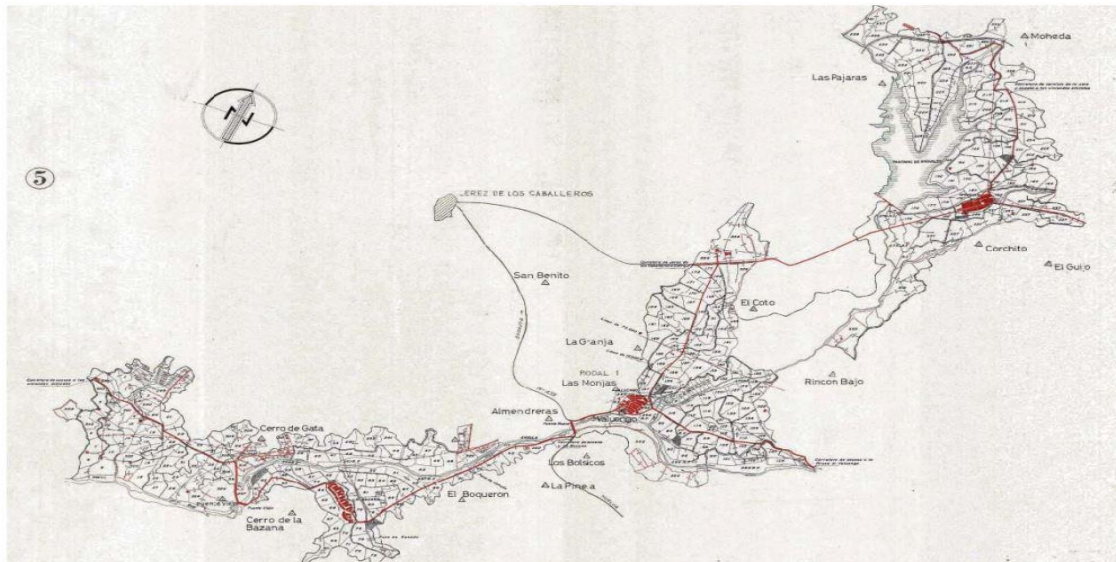


Figura 3: Plano de “la zona regable del Rio Ardila”. **Fonte:** Rando (2015)



Figura 4: Construção dos canais de água (acequias) da zona de rega do Rio Ardila. **Fonte:** Rando (2015)

Nos ortofotomapas seguintes podemos ter a percepção de algumas das transformações que esta paisagem sofreu. No primeiro, que remonta aos anos 1945/46, podemos ver Jerez de los Caballeros à esquerda, numa zona de cumeada e de domínio sobre a paisagem. Podemos ainda observar algumas explorações agrícolas a nordeste, rodeadas por uma morfologia de terreno ondulada, característica desta zona. Verificamos também, de forma bem vincada, a organicidade do Rio Ardila. Outra das características desta paisagem é a escassa e esparsa distribuição de vegetação, notando-se apenas pequenas manchas na zona norte do mapa.

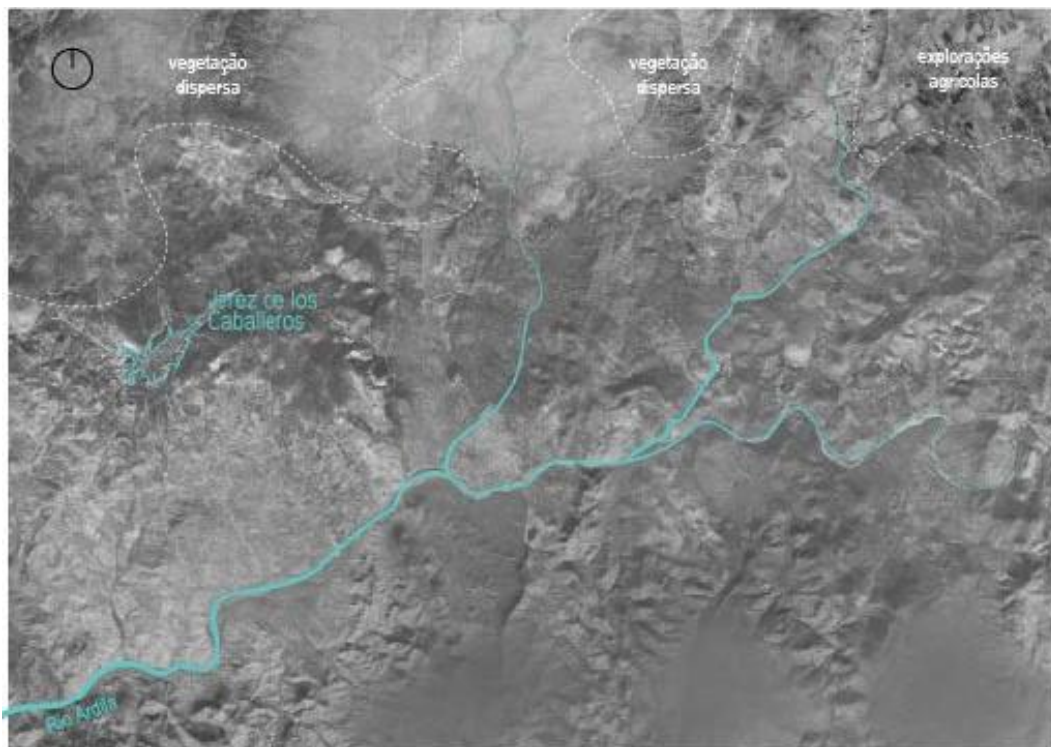


Figura 5: Ortofotomapa de 1945/46, sem escala. **Fonte:** Adaptação do SITEx-Sistema de Información Territorial de Extremadura

Na figura 6, um ortofotomapa dos anos 1956/57, já podemos verificar algumas alterações provocadas pelo Plan Badajoz. A alteração mais marcante é o surgimento de novos povoamentos florestais que não existiam na década anterior. Outra das mudanças marcantes é a proliferação das áreas de produção agrícola: as culturas que já existiam sofreram uma expansão surgindo agora outra área, a norte, onde o terreno é mais plano e que mais tarde será o local onde surgirá a aldeia de Brovales. Outra das alterações provocadas por este plano é o surgimento de um grande reservatório de água

que abastecerá e servirá de apoio às novas localidades, nomeadamente La Bazana e Valuengo, já presentes nesta data.

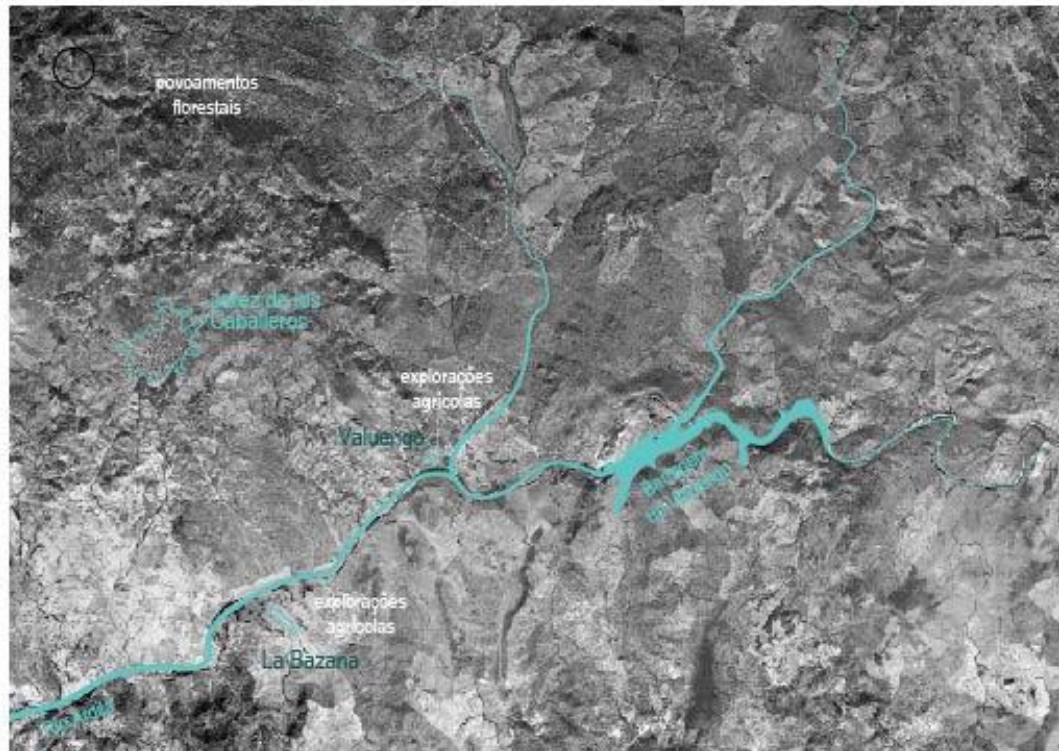


Figura 6: Ortofotomapa de 1956/57, sem escala. **Fonte:** Adaptação do SITEx-Sistema de Información Territorial de Extremadura.

No ortofotomapa referente ao ano de 1986 destaca-se o espelho de água que no mapa anterior estava em construção. Agora, com o nível de água mais alto, apresenta-se com uma maior expressão. Neste mapa também são visíveis novas transformações, como as explorações agrícolas associadas a La Bazana e Valuengo. Outro elemento novo é a barragem mais a norte. A ela associada surge Brovales, o terceiro Pueblo de colonização de Jerez de los Caballeros. Nesta imagem também se percebe que houve um aumento de densidade dos povoamentos florestais.

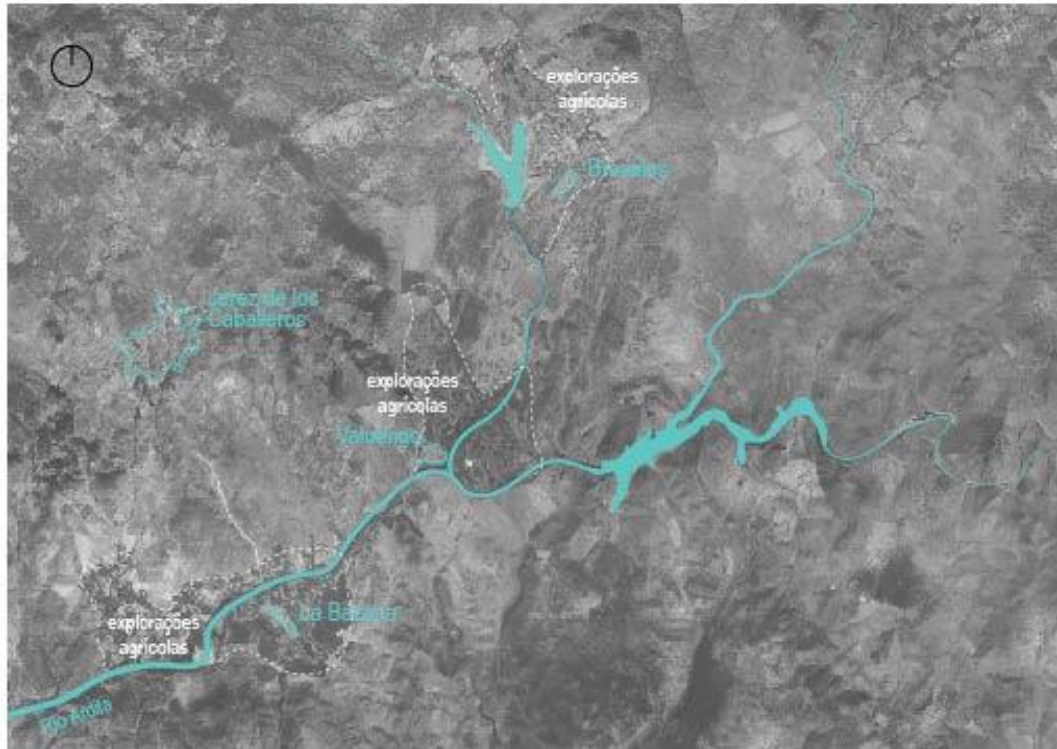


Figura 7: Ortofotomapa de 1986, sem escala. **Fonte:** Adaptação do SITEx-Sistema de Información Territorial de Extremadura

Ao analisar estes mapas, percebemos que o homem exerceu uma grande influência sobre a paisagem, transformando-a, utilizando os sistemas naturais para satisfação das suas necessidades (habitação, alimento, etc) (Matos, 2011). Esta paisagem que estava empobrecida, em termos de elementos naturais e culturais, foi valorizada com esta intervenção. Foi repovoada com elementos vegetais, foi destacada a presença da água e ganhou, também em termos culturais, com a construção das aldeias que tornaram possível a presença constante do homem. Estas transformações fizeram com que a paisagem se tornasse mais rica e atrativa. Assim sendo, o homem tirou partido das características desta paisagem, potenciando-as, conseguindo usufruir delas.

Atualmente verificam-se novas alterações devidas, maioritariamente, ao envelhecimento da população e à mecanização da agricultura, afastando a população do trabalho agrícola a que estavam habituados. O êxodo rural, consequência das diversas transformações sociais e económicas, foi também um fenómeno que influenciou muito esta paisagem, conduzindo a um abandono generalizado das terras. Estes fatores fizeram com que terrenos férteis deixassem de ser cultivados e passassem a estar abandonados, apesar de estarem capacitados com boas estruturas para que se praticasse agricultura de regadio. Quanto menos pessoas existirem nestas localidades, mais terras serão abandonadas e mais difícil será fazer a gestão da paisagem.

2.2. Análise da paisagem

A Extremadura é uma das regiões autónomas de Espanha e está dividida em duas grandes províncias: a província de Cáceres, a norte do Rio Guadiana, e a província de Badajoz, a sul do Rio Guadiana. Cada uma destas províncias está dividida em quatro “conjuntos territoriais”⁹, cada um deles caracterizado pela sua morfologia, uso do solo e potencial ecológico.



- (1) Serras e Vales do Norte. (2) Regadios e afluentes do Tejo.
(3) Serras centrais e extremenhas. (4) Planaltos de Cáceres.
(5) Corredor do Guadiana. (6) Zona de barragens.
(7) Serra Alange- Campiña sul. (8) Serras e montados do sul.

Figura 8: Localização das unidades de paisagem da Extremadura. **Fonte:** Relatório de Directrices de Ordenación Territorial de Extremadura.

O conjunto territorial em análise pertence à província de Badajoz e designa-se de “Sierras y Dehesas del Sur”¹⁰. Como o próprio nome indica, este conjunto territorial é o limite sul da Extremadura e é dominado pela Serra Morena e outras serras menores, bem como por grandes áreas de montado (Extremadura, 2015). Devido à grande presença de serras, esta zona apresenta um relevo ondulado, mas sem grandes declives, sendo o ponto mais alto o pico da Serra de Tentudía com 1,112m de altura. Este conjunto de serras faz a separação de duas grandes bacias hidrográficas presentes: a bacia hidrográfica do Rio Guadiana e a bacia do Rio Guadalquivir. É na bacia hidrográfica do Rio Guadiana, nas serras atrás referidas, que encontramos as nascentes do Rio Ardila, do Rio Guadajira, do Rio Alcarreche e do Rio Bodión. Já na bacia hidrográfica do Rio Guadalquivir encontramos as nascentes dos Rios Viar e Bembézar.

Quanto ao clima, esta zona encontra-se na região mediterrânica que se caracteriza por uma estação quente e seca bem demarcada. Apresenta um ombroclima sub-húmido e precipitações na ordem dos 800 a 900 mm. A temperatura média anual oscila entre os 16 e 17°C, sendo a temperatura mínima no inverno de aproximadamente 7.5°C e a máxima de 41°C nos meses de verão (Rivas-Martinez, 1987). A região é caracterizada

⁹ Conjuntos Territoriais – Estes são o equivalente às unidades de paisagem usadas em Portugal, desenvolvidas por Alexandre Cancela d’Abreu.

¹⁰Tradução livre – “Sierras y Dehesas del Sur” – Serras e montados do sul.

pelo domínio da azinheira (*Quercus rotundifolia*) que é identitária das zonas estremenhas, estando representada no centro do escudo desta região presente na bandeira da estremadura.



Figura 9: Brasão de armas da estremadura. **Fonte:** Wiki 2.

Verificamos que Jerez de Los Caballeros se encontra numa posição de domínio sobre a paisagem, estando situada no sopé da Serra Morena. Enquanto isso, os povoadamentos de colonização, La Bazana, Brovales e Valuengo, encontram-se no vale do Rio Ardila, nas cotas mais baixas, onde a morfologia do terreno é mais plana e os solos mais férteis. La Bazana e Valuengo encontram-se rodeados de encostas acidentadas, em zonas onde o vale se alarga.

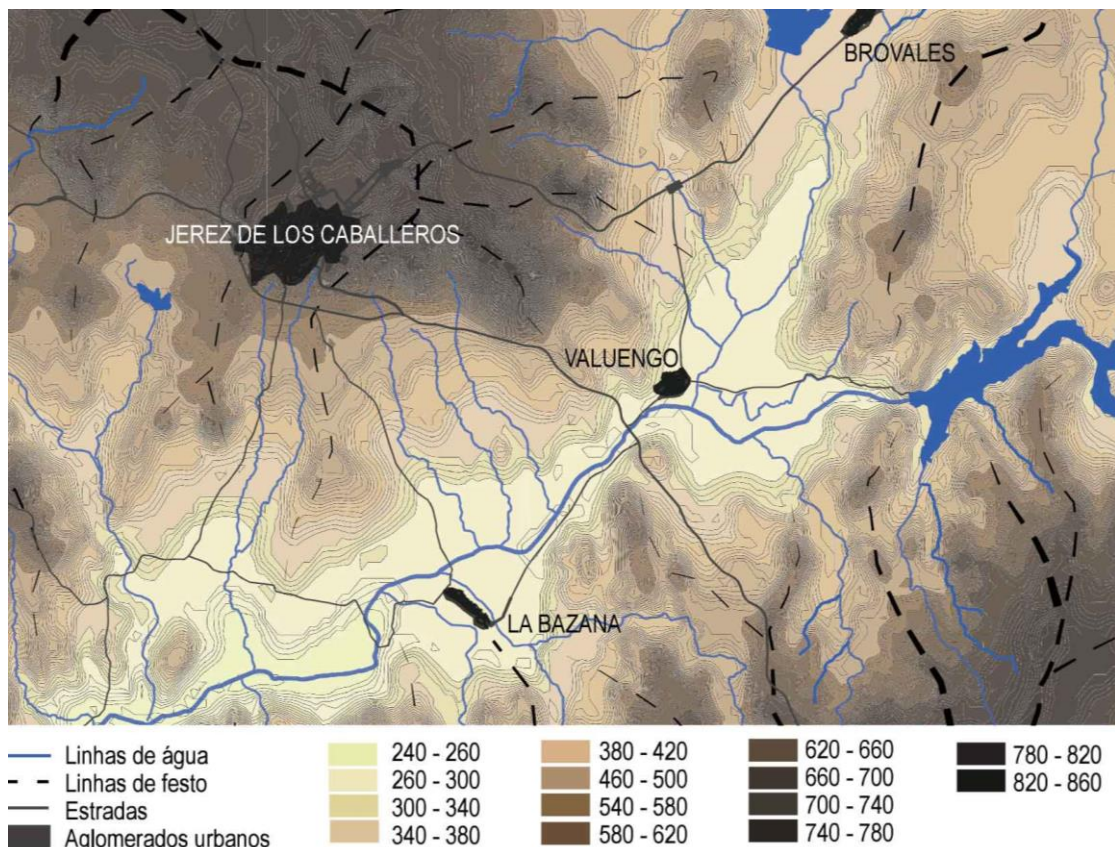


Figura 10: Síntese do relevo. Escala 1:9000. **Fonte:** Equipa projetista

Estas quatro localidades encontram-se rodeadas por zonas agrícolas, sendo que os povos de colonização estão envolvidos por culturas agrícolas de regadio. Jerez de los Caballeros, por sua vez, está envolvida por culturas de sequeiro e culturas permanentes, maioritariamente o olival. No município de Jerez De Los Caballeros, as culturas de regadio têm uma grande expressão; mas, nesta zona do território da Extremadura, que corresponde a “Las Sierras y Dehesas Del Sur”, as culturas de regadio só correspondem a 0.6% do território. Na área de estudo, a tipologia de uso do solo predominante, de acordo com a tríade romana (ager-saltus-silva), é o Ager, que abrange todos os espaços de cultivo. O montado, uso do solo muito presente e capaz de conjugar usos agro-silvo-pastoris permite, ainda, a extração de cortiça, a criação de gado e a recolha de produtos florestais, entre outros.

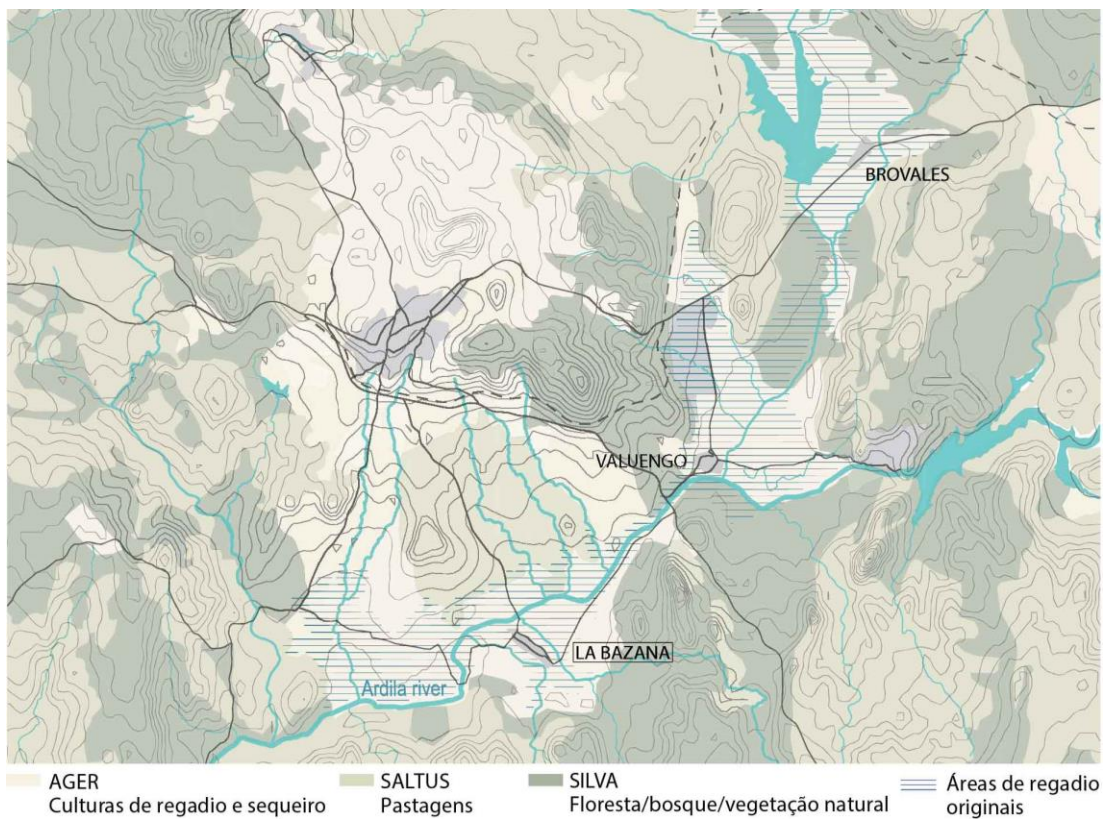


Figura 11: Uso do solo. Escala 1:9000. Fonte: Equipa projetista.

O património cultural presente nesta zona surge, essencialmente, associado à cidade de Jerez de los Caballeros. Merecem especial destaque o castelo, o convento de N^a Sra da Graça e de várias igrejas (sendo as mais relevantes a de Santa Catarina, S. Bartolomeu, S. Miguel e Sta Maria da Encarnação). No entanto, ao longo de todo o território, é possível verificar outros pontos de interesse associados à ação humana nesta paisagem, como a ponte romana que atravessa o Rio Ardila e faz uma das principais ligações que une Jerez de los Caballeros a La Bazana, um grande número de azenhas, uma antiga pedreira, diversas ruínas e monumentos megalíticos.

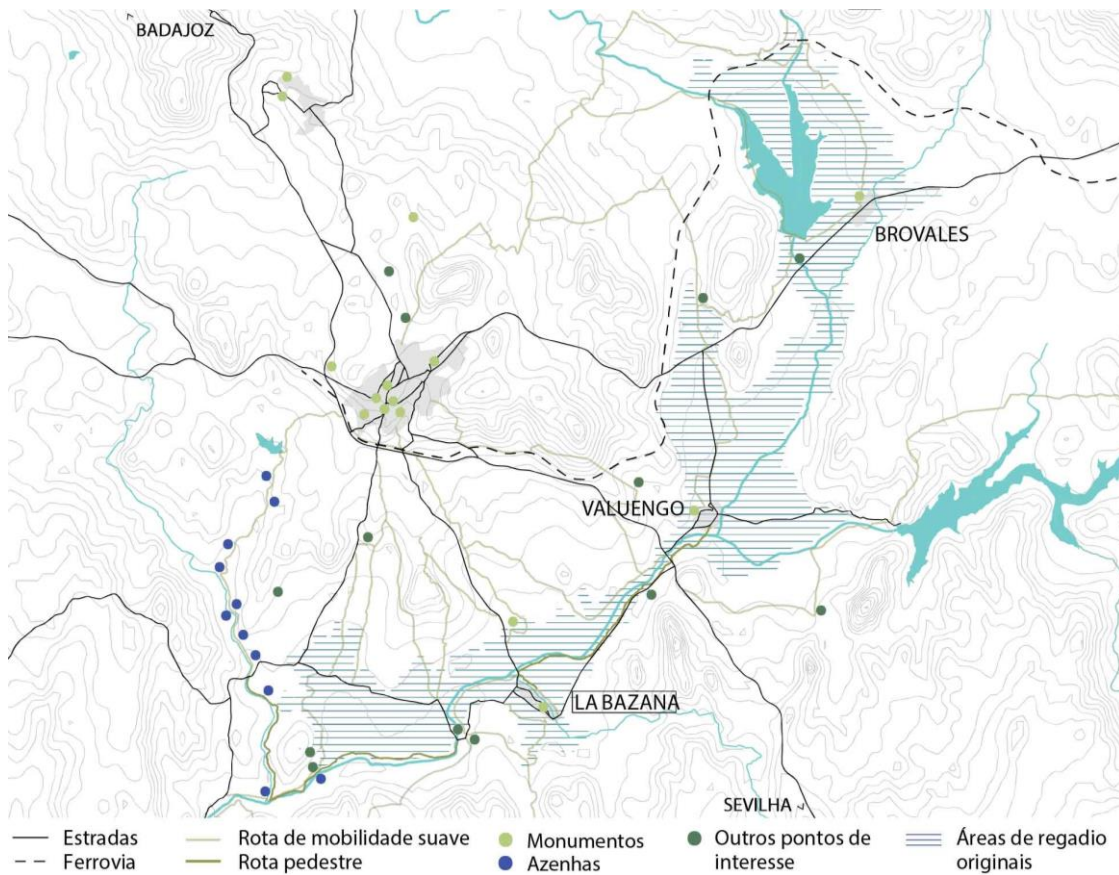


Figura 12: Rede de percursos e património. Escala 1:9000. **Fonte:** Equipa projetista.

A unidade de paisagem das Serras e Montados do Sul, subdivide-se em quatro subunidades, sendo elas os “Vales Fluviais encaixados”, “Serras do sudoeste e Morena”, “Peneplanície da Extremadura¹¹” e “Colinas graníticas e reservatórios de água¹²”. Os novos povoamentos de colonização, localizados em zonas de vale, pertencem à mesma subunidade de paisagem, -os Vales Fluviais- Encaixados, caracterizada pelos solos ricos e férteis.

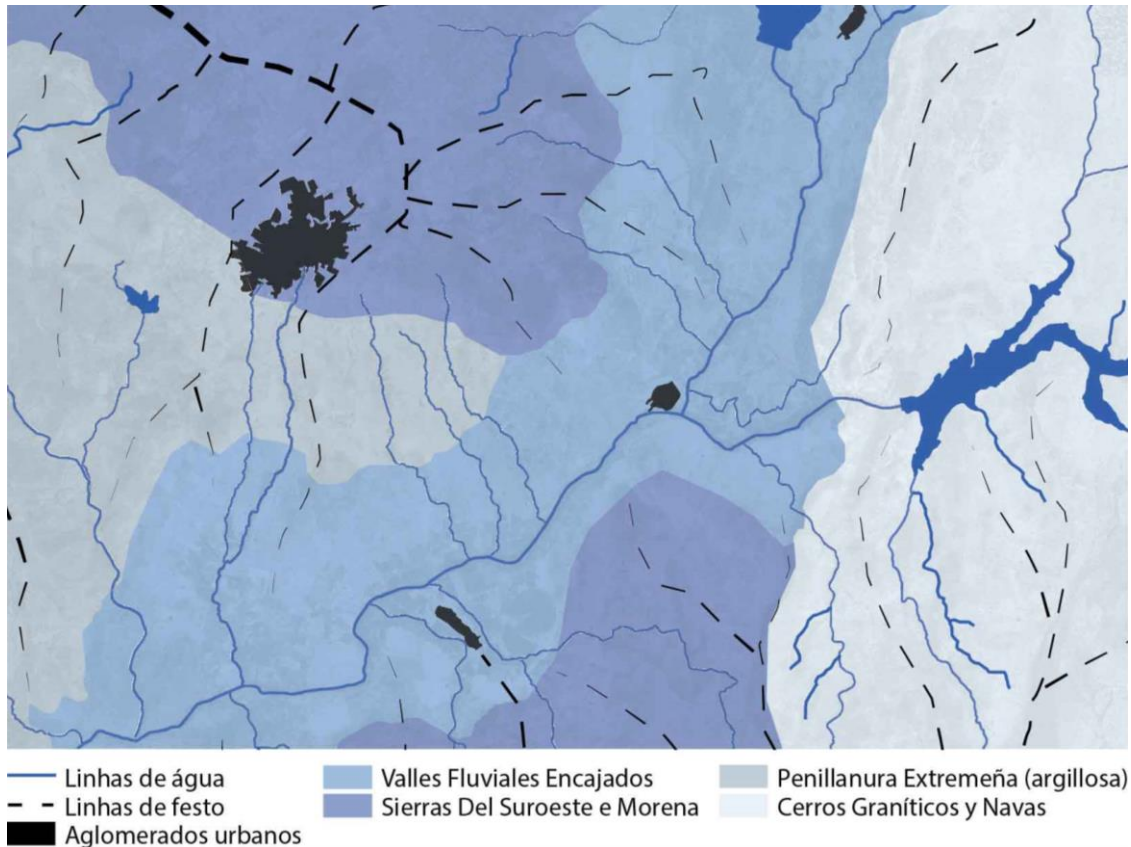


Figura 13: Unidades de Paisagem. Escala 1:9000. Fonte: Equipa projetista.

Assim sendo, La Bazana encontra-se numa zona de vale onde os terrenos são mais férteis e têm uma maior disponibilidade de água. Junto à localidade verificamos a grande presença de culturas de regadio e, nas zonas mais afastadas, a existência de montado. Numa maior aproximação, verifica-se que La Bazana se encontra numa zona de cumeada que separa duas linhas de água, tendo esta morfologia do terreno tido uma grande influência no desenho da localidade.

¹¹Penaplanície – é uma região quase plana, devido à erosão normal das águas correntes, que desgastam as elevações e formam uma zona aplanada (Sem autor, 2017).

¹² Tradução livre de “Valles Fluviales Encajados”, “Sierras Del Sur-oeste e Morena”, “Penillanura Extremeña” e “cerros Graníticos y Navas”

2.3. La Bazana

A aldeia de La Bazana¹³ pertence ao município de Jerez de los Caballeros, Badajoz, e foi projetada no ano de 1954 pelo Arquiteto Alejandro de la Sota Martinez para o INC¹⁴, organismo dependente do Estado Espanhol. Este foi o autor do traçado geral da trama urbana e das vivendas dos colonos. O projeto foi executado para dar resposta a uma política de reforma social e económica pertencente ao plano Badajoz (Rando, 2015).

As origens de La Bazana estão profundamente relacionadas com a produtividade. Este acordo remonta ao governo de Franco que, na tentativa de contrariar a tendência de abandono e desertificação na província de Badajoz, desenvolveu o Plano Badajoz, convertendo extensas áreas em culturas irrigadas criando infraestruturas, bem como condições de moradia para seus novos residentes - os "colonos". Hoje em dia, essas cidades compartilham não apenas a mesma herança, mas a mesma realidade - desemprego, abandono e falta de oportunidades, atratividade e produtividade.

Estas localidades foram planeadas de raiz e de uma só vez, o que faz com que tenham muito em comum. As poucas diferenças que existem, para além da localização geográfica e fisiográfica de cada uma, que influenciou de forma marcante o traçado urbano, é que cada povoamento tinha uma função específica, de modo a, no conjunto, apresentarem uma grande variedade produtiva. As semelhanças entre as povoações são muitas e são essenciais na compreensão destes novos sítios: planeadas de raiz; os colonos que ocuparam estas localidades não tinham nenhuma familiaridade com o local; todas as localidades, estão próximas de uma linha de água, onde os solos são mais férteis; e todas têm o objetivo de colonizar paisagens empobrecidas.

La Bazana está localizada perto do rio Ardila e, juntamente com Valuengo e Brovales, foi construída numa zona profunda de vale, compartilhando uma forte relação visual com Jerez de los Caballeros. As novas áreas irrigadas tornaram-se parcelas agrícolas produtivas, partilhando uma estrutura complexa de acequias - canais de irrigação que usam a força gravítica para distribuir a água. Estes lugares também estão ligados através de uma rede de caminhos de mobilidade suave, que deve ser aprimorada por razões turísticas, mas também para servir os movimentos pendulares diários que certamente aumentarão com a implementação do projeto.

¹³ O nome de La Bazana provem de uma antiga quinta que se encontrava nesta zona e que foi expropriada no ano de 1946 com o objetivo de se construir uma Aldeia (Rando, 2015).

¹⁴ Instituto Nacional de Colonização - surge em 1939 como organismo dependente do Ministério da Agricultura do estado Espanhol. Foi criado devido à necessidade de organizar o setor da agricultura, e tinha como objetivo efetuar uma reforma social e económica dos recursos da terra (Rando, 2015).

La Bazana foi planeada por De La Sota como um lugar para viver, tendo este conceito influenciado fortemente o traçado urbano. Foi polarizada por 5 praças, cercadas por bordaduras expressivas de vegetação. À volta de cada uma delas desenvolvem-se 5 núcleos, compostos por dez vivendas cada, formando assim um espaço de uso pedonal, público, comunitário e aberto à paisagem. Hoje em dia, as praças são ocupadas por carros e os corredores de vegetação perderam a expressão.

Com o passar dos anos, os habitantes de La Bazana foram adquirindo alguns hábitos culturais que se tornaram característicos desta localidade e que são repetidos todos os anos. São estes: a festa de San Isidro, uma das festas religiosas mais importantes em Espanha; festa da *chuleta*, um dia de convívio gastronómico que se realiza em volta da carne de porco, nomeadamente das costeletas; a festa do emigrante, celebração para integrar os emigrantes que regressam a esta região no mês de agosto; o carnaval; e, por último, o Belen-viviente, um presépio vivo que se desenvolve ao longo de toda a povoação e que atrai visitantes de todo o país.



Figura 14: Elaboração da festa da chuleta. **Fonte:** Jornal Diario HOY Jerez.

Figura 15: Procissão na festa de São Isidro. **Fonte:** Jornal Diario HOY Jerez.

2.3.1. Critérios comuns para a conceção dos povos de colonização

Para os novos povoamentos, o INC estabeleceu um conjunto de critérios que se consideravam essenciais para o urbanismo espanhol na época. Estes critérios poderiam ter maior ou menor destaque, dependendo do arquiteto. Eram eles:

- Criação de uma praça onde se encontravam os serviços e os equipamentos de comércio;
- Agrupamento das construções de forma a criar uma imagem de continuidade;
- Fazer a separação das vias de circulação pedonal, animal e viária;
- Traçar uma via principal, tendo como perspetiva a torre da igreja;

- Marcação de áreas a plantar, de forma a criar um bosque que envolva a área edificada;
- Dar especial destaque e enfatizar as igrejas, elemento patrimonial agregador das novas comunidades;
- Variação tipológica das vivendas, para que se adaptassem a vários tipos de famílias e para atrair um maior número de pessoas.

Tendo estes critérios em atenção foram também definidos **dois tipos de programas** para as novas povoações. O **primeiro** destinava-se à construção de um núcleo rural ou aldeia, que teria entre 25 a 30 vivendas com uma parcela agrícola cada, uma escola mista que também se pudesse utilizar como capela, uma casa para o professor e um pequeno edifício administrativo. Com estas características, o programa faria com que estes locais albergassem entre 150 a 200 habitantes. O **segundo programa** destinava-se a localidades maiores, devendo conter entre 80 a 150 casas, uma igreja, um centro de saúde, o edifício do “Ayuntamiento”¹⁵, escolas mistas, locais de recreio, cinema, pousada, café, casas para profissionais, entre os quais, professores, médicos, presidentes da junta e, pelo menos 10% dos edifícios, para a instalação de locais de comércio e artesanos.

Segundo estes critérios e programas, o INC teve a necessidade de fazer uma classificação destas novas povoações separando-as em dois grupos:

Grupo I povos estabilizados: este grupo correspondia às povoações que ficariam com um número de população fixo, sem perspectivas de crescimento. Este grupo seria ainda dividido em dois subgrupos: para o primeiro seriam as localidades que teriam até 50 pessoas para o segundo teriam entre 50 e 100 pessoas.

Grupo II povos com possibilidade de expansão: este grupo correspondia às povoações que tinham possibilidades de crescer, deixando espaços em aberto, ou zonas pré-programadas para uma futura expansão. Estes estariam associados às grandes zonas de regadio, onde as culturas agrícolas tinham possibilidade de serem aumentadas e intensificadas o que, por consequência, aumentaria a população. Estava dividido em dois subgrupos: as localidades que teriam entre 100 e 200 pessoas e as que teriam uma população superior a 200 indivíduos.

Conforme o número de pessoas de cada localidade seriam acrescentados alguns edifícios para fazer face às necessidades das populações, como a instalação de novos serviços, áreas comerciais e habitações.

¹⁵Ayuntamiento – Edifício da Junta de freguesia. Tradução livre

2.3.2. Evolução Histórica

“Se pensó en el alejamiento de esta pequeño Pueblo. – Por su situación de vivir aislado; no se verá desde ninguna carretera, ni camino importante. Se proyectó por esto, para si, hacia dentro” (Alejandro de la Sota 1954)

Esta povoação, projetada como um local para se viver, teve origem num desenho muito direcionado para o peão. Como já foi referido o projeto original consiste num aglomerado centrado em 5 praças, formando um núcleo com 50 vivendas, cada uma com direito a um talhão agrícola. O aglomerado previa ainda uma escola-capela e vivendas para albergar os professores. As 50 vivendas foram agrupadas em 5 grupos de 10 vivendas, cada grupo rodeando uma praça e cada praça marcada por uma fonte, todas elas diferentes. As praças têm uma forma que faz lembrar um rim (Figura 17), estando a zona mais estreita direcionada para as vistas mais atrativas, afinando a perspetiva. Esta configuração do espaço influencia a distribuição do edificado, estando os edifícios mais altos localizados na zona mais aberta da praça, de forma a tornar a utilização do espaço público menos claustrofóbica. Na zona norte da praça foram projetados uns muretes (Figura 18) para conferir à praça um carácter mais íntimo, ao separá-la da via principal (European ES, 2017).

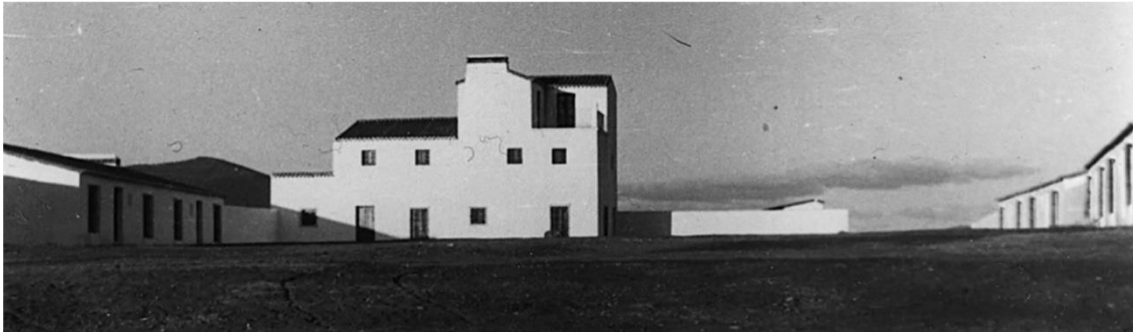


Figura 16: Vista de uma das praças antes da arborização. 1956. **Fonte:** Programa do concurso.



Figura 17: Vista aérea da praça do Perú, uma das cinco praças originais de La Bazana. **Fonte:** Google earth.



Figura 18: Vista frontal da Praça do Perú, com a presença do muro que separa a praça da via. **Fonte:** Rando (2015).

O ponto mais alto da localidade foi o local escolhido para a implantação da escola-capela, ficando numa posição de destaque. Na envolvente da localidade foram projetados pequenos bosques de forma a criar uma cintura verde que tinha como objetivo não só a proteção visual do aglomerado, mas também cumprir funções ecológicas e de regulação climática. Estes bosquetes, apesar de também terem sido projetados com o objetivo de limitar a expansão do aglomerado, foram bastante reduzidos com os projetos de ampliação consequentes. O projeto de De La Sota interpretava La Bazana como um sitio “que é preciso querer lá ir”, ou seja, não era um local de passagem em que se tropeça a caminho de um outro destino. Os bosquetes projetados contribuem para esta característica, assim como o facto de La Bazana não se encontrar no caminho de nenhuma estrada principal. Apesar de funcionar como barreira visual, garantindo alguma privacidade ao aglomerado, os bosquetes despertavam também alguma curiosidade de quem passava, atraindo assim visitantes.

Com estas características, a localidade era classificada como um povoamento estabilizado. Contudo, como o número de habitações não se incluía nem no primeiro programa (25 a 30 casas) nem no segundo (80 a 150 casas) foram identificadas algumas carências de edifícios, nomeadamente para serviços, comércio, administração e educação.

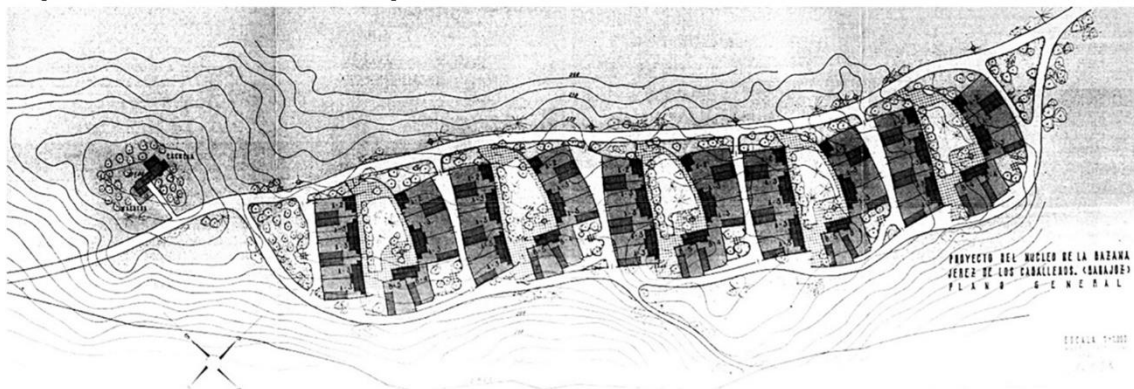


Figura 19: Planta do projeto original de la Bazana, elaborado por Alejandro de la Sota. 1954. **Fonte:** Programa do concurso

De forma a fazer face a estas necessidades, La Bazana foi sujeita a um plano de expansão pelo Arquitecto Gómez Álvarez onde foram acrescentadas habitações, uma nova praça, uma igreja independente, o edifício da junta de freguesia, uma nova escola e cinco edifícios para artesãos. Esta e as intervenções seguintes acabaram por desvirtuar o conceito e o desenho original de De La Sota.

A escola, que antes se encontrava no ponto mais alto da localidade, passou a ser uma casa unifamiliar. Naquele ponto, anteriormente um local ermo, com vistas e visível de toda a povoação, foi construído um pavilhão desportivo, um depósito de água, duas novas escolas, uma casa unifamiliar, o centro de juventude e a secção feminina¹⁶. O que antes era um espaço de grande importância naquela localidade, passou a ser um local descaracterizado pelo grande número de edifícios com funções diferentes. As novas habitações periféricas ao projeto original fizeram com que as vistas que existiam a partir das praças desaparecessem, destruindo ainda a mata que envolvia esta localidade. Estes novos projetos/ampliações fizeram com que as praças, que eram locais unicamente pedonais e de reunião, passassem a ser locais de estacionamento. A existência de ruas apenas de acesso às garagens, não conseguiu diminuir a invasão do automóvel dentro das praças.

¹⁶ Secção feminina, tradução de seccion femenina. Este era um edifício de apoio a filiar feminina da Falange espanhola, a Secção Feminina defendeu a ideia de inferioridade moral e ideológica das mulheres, com uma subordinação total à figura do homem, daí a radicalização da imagem das mulheres domésticas (Los ojos de hípata, 2018)

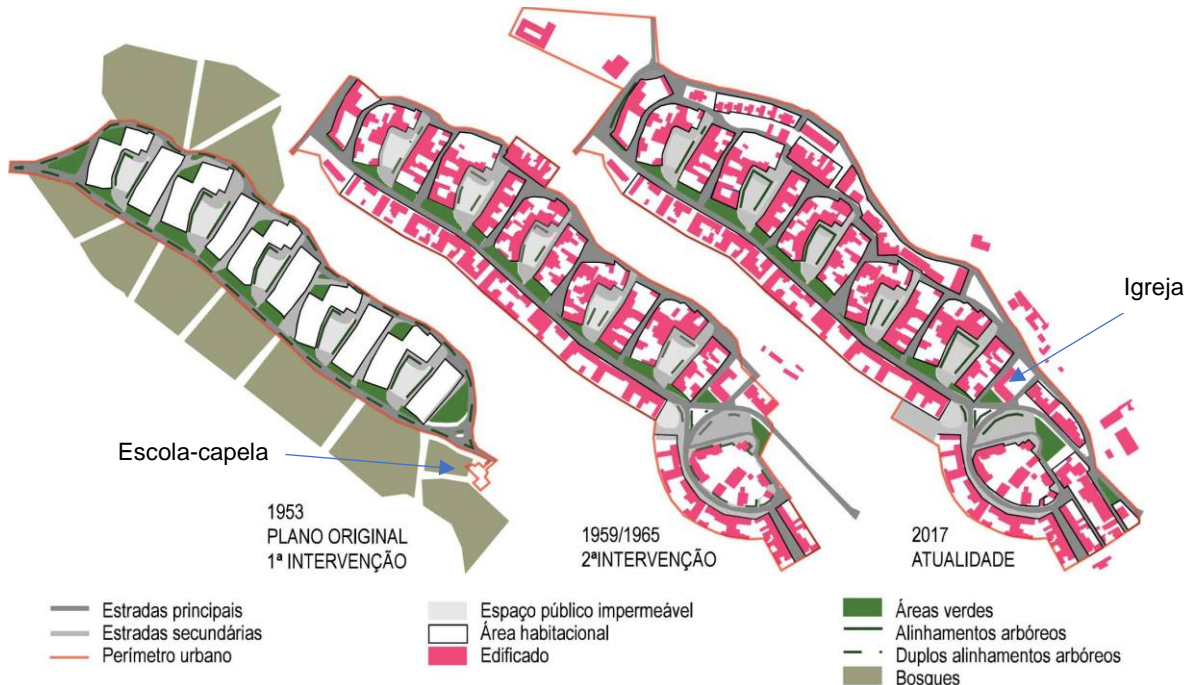


Figura 20: Evolução do espaço construído de La Bazana, desde do plano original, até aos dias de hoje. **Fonte:** Equipa projetista.



Figura 21: Corte transversal do estado atual de La Bazana. **Fonte:** Equipa projetista.

Atualmente, habitam 332 pessoas em La Bazana. Denota-se uma população muito envelhecida, que sofre com a descaracterização urbanística e com estilo de vida atual do local que lhes deu qualidade de vida num período socioeconómico tão conturbado. Quanto ao sistema de percursos, o peão ficou desvirtuado. A localidade, ao perder as suas características originais, perde a atratividade que tinha. A eliminação da orla protetora fez com que este local perdesse o efeito surpresa e os curiosos já não se deslocem até ela. Neste contexto, ao desenvolvermos uma proposta para esta localidade, é necessário ter estes fatores em atenção, de forma a devolvermos a esta comunidade atratividade.



Figura 22: Fotografia de La Bazana com algumas habitações em construção.1956. **Fonte:** Rando (2015).



Figura 23: Fotografia atual de La Bazana. **Fonte:** Ayuntamiento Jerez de los Caballeros (jerezcaballeros.es)



Figura 24: Evolução histórica de La Bazana e perspetivas futuras. **Fonte:** Equipa projetista

2.3.3. Identidade do lugar

Para se definir a identidade de La Bazana é necessário obter um entendimento teórico entre memória e identidade. Isto porque a memória é uma construção mental realizada por um indivíduo ou por um grupo social, e identidade provém de uma memória que é herdada ao longo do espaço e tempo (Pollak, 1992). Tanto a identidade como a memória são elementos que crescem e são fomentados num dado período de tempo. Assim, podemos considerar que a identidade provém das relações sociais e culturais criadas em determinado período temporal.

Logo, a identidade é uma criação do espaço e do tempo onde as pessoas e as relações estabelecidas entre si têm uma grande influência. Por vezes, a identidade de um lugar não é definida ao longo do tempo, fruto do processo natural de desenvolvimento de uma comunidade, mas imposto por um acontecimento ou decisão marcante, que definem novas características para aquele lugar. La Bazana foi marcada por um acontecimento que definiu novas características disruptivas em relação à identidade anterior deste sítio, tendo sido criada uma identidade num curto período de tempo. La Bazana tem uma curta história como localidade; no entanto, a sua génese tão ímpar confere-lhe características identitárias bastante vincadas.

Para se perceber como se constrói identidade é necessário recorrer à psicologia social que diz que são necessários três elementos para a construir. Um primeiro elemento refere a unidade física, que é o caso do indivíduo, limitado, podendo também ser aplicado a um grupo, que é representado pelo sentimento de pertença. Outro dos elementos é a continuidade dentro do tempo, isto porque, se não houver tempo, no sentido físico e psicológico da palavra, é muito difícil construir uma identidade. E por último o sentimento de coerência, ou seja, todos os elementos que formam um grupo têm de estar unificados (Pollak, 1992).

Neste caso não houve muito tempo para consolidar uma identidade, mas os fatores espaço e função fizeram com que as pessoas seguissem a mesma linha de pensamento e, assim, criassem uma comunidade com identidade. Estes fatores, espaço e função foram criados pelo projetista que pensou no espaço para as pessoas e criou elementos para que elas se reunissem e relacionassem, por exemplo, as praças e as ruas. No caso das praças, elas foram pensadas como um local de reunião onde a população se pode encontrar, partilhar ideias e criar memórias. As ruas foram projetadas para serem largas, de forma a permitir a circulação de veículos e, simultaneamente, abarcar espaços de encontro, servindo de extensão das zonas de praça.

Para que a identidade desta localidade permaneça é necessário fazer com que as pessoas continuem a fazer parte da construção do lugar, criando uma memória afetiva que possa vir a ser herdada. Cria-se, assim, um sentimento de pertença, de unidade, de continuidade e de coerência.

Como descreveu Christian Norberg-schulz com a expressão *genius loci*, a identidade de um lugar é formada pelos conjuntos socioculturais, pelas características biofísicas do espaço e pelos hábitos que caracterizam um lugar, sendo estas características tradicionalmente entendidas pelas gerações (Telles, 2003).

Assim sendo, a identidade desta localidade, apesar de ser uma identidade relacionada com a agricultura e com a multifuncionalidade da paisagem, está muito relacionada com a partilha, com a relação entre pessoas, o sentido de cooperação e o civismo. Esta relação e cooperação entre as pessoas desta localidade é muito notória na realização do *Belen viviente*¹⁷, tradição que já faz parte da identidade e da cultura de La Bazana.

Com a proposta que realizamos para esta localidade, tentamos enfatizar este sentido de partilha e cooperação que já existe, e queremos que as pessoas que se venham a fixar nesta localidade se relacionem facilmente com esta identidade, de forma a poderem integrar esta comunidade.



Figura 25: Realização do presépio em La Bazana. **Fonte:** Jornal Huelva Información.

¹⁷Belenviviente – Esta atividade já começou a mais de uma década e recria o momento histórico no qual nasceu Jesús e a atividade social da cidade de Belém. Todos os moradores de La Bazana fazem parte deste presépio vivo, 200 deles como personagens e o resto a montar as diferentes cenas que integram a representação.

O Projeto de Arquitetura Paisagista para a Comunidade

3. O projeto de Arquitetura Paisagista para a Comunidade

“[we need] new policies to make the design professional more responsible for the social suitability of the neighborhood environments they create. Particularly, we need policies to clarify to whom the designer is responsible, the owner or the use of neighborhood spaces, to guarantee the input of users' values into the neighborhood design process, to eliminate professional ethics as a justification for the high cost and questionable results of neighborhood space design, to provide for socially suitable neighborhood environments in both old and new communities, and to guarantee increased user involvement throughout the neighborhood design process (Hester, 2002).

3.1. Ordenamento do território em prol das comunidades

Como referido por Simões Lopes, nada se localiza por acaso. Tudo o que hoje se encontra distribuído pelo território é resultado de decisões planeadas ainda que, por vezes, não assumidas (Lopes, 1987).

As comunidades dispersam-se pelo território com um objetivo, seja ele de maximização dos lucros dos produtores ou das necessidades dos consumidores, da otimização na utilização dos recursos naturais e humanos ou de estratégias de defesa ou de prazeres individuais. Assim foi desde que o homem começou a viver em comunidade. Numa primeira instância fixava-se onde a natureza lhe garantia os meios para a sobrevivência, quer fosse pela disponibilidade de alimento, através de caça e pesca, como pela presença de água potável, ou pela posição de defesa. Estes constituíam os principais fatores de fixação do homem. Posteriormente, com a descoberta de meios que lhe permitiam o desenvolvimento de práticas agrícolas e pecuárias, a localização destas comunidades passou a ser onde os solos eram mais férteis e onde as condições climáticas eram mais favoráveis. Mais tarde, algumas destas populações voltaram a deslocar-se devido à descoberta de materiais como o ferro e o bronze. Os solos férteis, presença de madeira para construção de habitações, existência de minas para exploração de metais e locais estratégicos de defesa constituíam, assim, os principais fatores de posicionamento das comunidades (Reigado, 2000). Com a fixação das comunidades foi necessário desenvolver vias de comunicação que interligassem as localidades, podendo assim desenvolver o comércio.

Este breve resumo de perspectiva histórica da fixação das populações, permite-nos perceber que a atual organização do território é fruto de um processo dinâmico de ocupação e apropriação do espaço ao longo da história. Esta ocupação foi fruto de fatores físico-naturais (geologia, morfologia, clima, hidrografia, vegetação e fauna) que impulsionaram o desenvolvimento de fatores económicos, sociodemográficos, políticos, culturais e administrativos, entre outros. Ou seja, ao longo da história as populações, em função de alguns fatores para elas eram essenciais, organizaram o espaço geográfico e a paisagem em prol das suas necessidades, o que demonstra que as comunidades tiveram uma grande influência no ordenamento do território. Como tal, é necessário que as políticas de Ordenamento do Território, bem como as diferentes medidas políticas, sejam em prol das comunidades.

Para que estas políticas de Ordenamento do Território consigam zelar pelas comunidades, é necessário criar equipas multidisciplinares de forma a que se perceba concretamente, e nos diferentes domínios, quais são as suas necessidades, onde e como se deve atuar. Mesmo que estas políticas nem sempre façam jus às necessidades, elas têm um papel importante no território. Deverão repensar teorias, e rever as práticas de aplicação destas (Reigado, 2000). Este repensar de teorias deve ser baseado na função social do espaço de forma a respeitar os hábitos, necessidades e exigências das populações, sem pôr em causa os sistemas naturais.

3.2. Planear a cidade para a comunidade

“Colocar as pessoas no centro das políticas urbanas, dando resposta às necessidades, está no topo das recomendações para construir uma cidade (...) há que desdobrar este urbanismo de vertente mais humanista e refletir sobre o que é, afinal, uma cidade pensada para as pessoas.”

(Coville-Andersen, 2017)

O planeamento de uma cidade não é uma temática nova visto que vivemos há milénios em centros urbanos. Durante grande parte do tempo, o planeamento foi uma questão racional, usando o desenho das cidades para satisfazer as necessidades imediatas, deixando alicerces para o crescimento futuro. As ruas eram os espaços mais democráticos (Colville-Andersen, 2017).

Nos últimos séculos cometeram-se grandes erros, muito pela força da economia que se sobrepôs às necessidades do homem. A visão economicista tende a esquecer os domínios sociais e ecológicos, essenciais ao bem-estar humano. Os espaços que outrora era utilizado pelas pessoas, que eram comuns, foram sendo reduzidos, ora para

benefício pessoal, ora para resolver problemas originados pela industrialização, como o traçado de novas vias. A circulação automóvel, por exemplo, desvirtuou as ruas que outrora eram os espaços de encontro por excelência. No fundo, a construção do espaço urbano foi-se tornando mais desligada das comunidades e da natureza resultando numa certa desorganização.

O homem identificou estes erros de forma positiva no ano de 1933 com a *Carta de Atenas*, tratado muito importante no contexto da época. Este documento foi criado com o objetivo de reger e orientar o planeamento por forma a alcançar uma melhoria da qualidade ambiental do meio urbano. Apesar deste tratado tentar resolver os problemas ambientais causados pela revolução industrial, associados a questões de saúde, ambientais e sociais, causou também alguns problemas ao nível do urbanismo. Neste documento foram identificados problemas como a “desordem instituída pelo maquinismo”, que veio a desvirtuar a harmonia e o equilíbrio que existia entre a cidade e o campo. Esta industrialização fez com que o equilíbrio das cidades fosse perdido “aplicando um golpe fatal ao artesanato, esvaziando o campo, entupindo as cidades, (...) perturbando as relações naturais que existiam entre a casa e os locais de trabalho” (CIAM - Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, 1933). Nesta época, fruto da industrialização, o planeamento começou a ser pensado de acordo com valores económicos, deixando para segundo plano as condições de vida das populações. A era da “máquina” é caracterizada pelos subúrbios e pelas áreas sem qualidade urbanística, ficando estes como símbolo do fracasso e da tentativa.

Esta carta foi consequência da consciencialização do homem, proveniente de uma análise feita a várias cidades, onde este se apercebeu que a cidade já não desempenhava as suas funções originais de satisfazer as necessidades primordiais, biológicas e psicológicas da sua população. Foi a partir desta consciencialização que surgiu o conceito de “espaço verde urbano” designando, assim, as áreas onde se tentava “recriar a natureza no meio urbano”, funcionando como locais de encontro, estadia ou passeio público (Fulgência, 2001). A criação deste conceito veio fazer com que se comesse a pensar novamente nas cidades como locais onde se desenvolve a comunidade.

Um dos exemplos muito explícitos da falta de consideração pelas pessoas utilizadoras do espaço é o planeamento feito para o automóvel. Este fez com que os espaços que eram utilizados pelas pessoas fossem sendo reduzidos para que a máquina pudesse ter o seu espaço. O impacto do automóvel desvirtuou as cidades. Só nos dias de hoje é que começamos a reverter os danos causados pelo uso excessivo deste meio de transporte, removendo o uso do automóvel de alguns espaços essenciais das cidades e, assim, devolvendo-os à população, por vezes em forma de praça, ruas, ou simples alargamentos dos passeios.

Atualmente, estamos a olhar para as cidades de forma diferente, mais positiva, com uma maior preocupação com as pessoas que ocupam as ruas e que delas usufruem.

Continuamos a procurar soluções para resolver os problemas urbanos que se arrastam desde o domínio do automóvel. É necessário ter uma visão integradora e holística do espaço urbano para que se possa devolver estes espaços à comunidade. O espaço urbano foi criado por e para as comunidades devendo o seu planeamento considerá-las.

Durante décadas deixámos que as nossas ruas fossem projetadas sem se considerarem todos os intervenientes nem a multifuncionalidade do espaço urbano. Está na hora de começar a usar os princípios básicos do planeamento, regressando à conceção, da criação de espaços para as pessoas nas nossas cidades, para que voltem a ter a vivência e a utilização de outrora. O planeamento urbano é um processo que deve considerar o Homem como o principal utilizador do espaço.

“<< A cidade são os homens e não as casas>> afirmou Santo Agostinho, num dos seus sermões, dando nota de que as cidades só o são quando existe uma sociedade que vive, anima e dá sentido aos edifícios, às vias e aos espaços abertos.”

Leonel Fadigas, 2010

No caso específico da área em estudo -La Bazana- foi desenvolvida para ser um local para se viver, sendo o projeto feito a uma escala humana. Daí todos os espaços serem pensados para as pessoas que por ali passam e vivem, nomeadamente as praças e as ruas largas. Uma povoação, aldeia, cidade tem de ser sempre pensada para as pessoas porque, sem elas, as localidades são meros aglomerados de construções abandonadas. O facto de esta povoação ter sido planeada fornece a esta comunidade uma boa estrutura para ter boas condições de vida. Para que tal aconteça desenvolvemos o “Plano Acequia” que pretende criar condições que, complementando as pré-existências, façam com que esta comunidade possa ter uma boa qualidade de vida. Para o “Plano Acequia”, a criação de espaços de encontro, lazer, partilha, postos de trabalho, entre outros, são essenciais para o desenvolvimento destas comunidades. São criadas condições favoráveis ao nível social, económico e ecológico de forma a possibilitar a sobrevivência do lugar. No fundo pretende-se criar uma estrutura que possibilite um desenvolvimento sustentável.

“É tempo de o meu império, já demasiado crescido para fora – Pensava Kan -, começar a crescer por dentro”
(Calvino, 2015)

As características do lugar são a sua identidade; esta identidade é transmitida às populações tornando-se, também, na identidade delas, criando assim uma relação íntima entre o homem e o lugar. Esta relação de intimidade faz com que o homem respeite e preserve o espaço fazendo, assim, com que o lugar prospere.

*“Marco Polo descreve uma ponte, pedra a pedra.
- Mas qual é a pedra que sustém a ponte? -pergunta Kan
-A ponte não é sustida por esta ou por aquela pedra – responde Marco -, mas sim pela linha do arco que elas formam.
Kan permanece silencioso, refletindo. Depois acrescenta: - Por que me falas das pedras? É só o arco que me importa.
Polo responde: Sem pedras não há arco”.*

(Calvino, 2015)

Para tornar as cidades locais mais atrativos é necessário promover as interações sociais. Para tal, é necessário centrar o seu desenho nas pessoas, principalmente nas que usam o espaço frequentemente. Para tornar as cidades mais habitáveis é necessário oferecer aos seus habitantes liberdade de escolha, dando-lhes a possibilidade de escolher o meio de transporte, locais distintos onde podem desenvolver atividades ou, até mesmo, diversidade de bairros, para que possam escolher o local ideal para viver.

As comunidades necessitam de lugares de encontro que, por sua vez, são mais atrativos na medida em que for possível visitá-los por vários meios de transporte. Os espaços públicos, principalmente os de maiores dimensões, são lugares de reunião e partilha por excelência. É necessário aproximar estes espaços dos locais de residência e de trabalho da população, para que possa circular e possa desfrutar das experiências que aqueles oferecem (Matos F. L., 2010). Estes espaços podem ser utilizados para atividade física, sem se ter de recorrer a locais fechados apropriados para o efeito. Ao desenvolver atividades em espaços abertos faz-se com que a cidade tenha mais movimento e faz com que as pessoas tenham menos gastos e interajam mais umas com as outras. A revitalização das ruas através do uso misto é outra das formas de trazer mais vida a uma cidade. Esta qualificação do espaço também é uma forma de produzir comunidade, uma vez que está intimamente relacionada com a utilização do espaço pelas pessoas, fazendo com que elas se relacionem, estabeleçam pontos em comum e formem elos de ligação. É necessário criar dinâmicas como forma de potenciar o espaço urbano, de modo a que atraia as pessoas e as influencie a utilizá-lo. No caso de La Bazana, a criação de dinâmicas é muito importante para atrair e fixar população, uma vez que é um meio de combater a desertificação.

Os espaços públicos que fomentam o sentido de comunidade podem dividir-se em duas tipologias: os espaços de permanência e circuitos (Matos F. L., 2010). Os espaços de permanência são locais que estimulam ações e comportamentos espontâneos como um

simples passeio, correr, brincar, encontro com amigos, o ver e ser visto, etc. Estes espaços têm geralmente equipamento apropriado para apoiarem as atividades e comportamentos desenvolvidos pela população como parques infantis, campos desportivos, simples bancos de jardim ou até mesmo relvados amplos para uso criativo. Quanto mais multifuncionais forem os espaços, mais pessoas atraem e, com isso, mais sentido de comunidade têm capacidade de criar.

Os circuitos são definidos como percursos urbanos que têm como função permitir a mobilidade das pessoas (Matos F. L., 2010). Este tipo de espaço público torna-se cada vez mais presente no espaço urbano adquirindo cada vez mais importância. Com o atual destaque do espaço urbano e com a função (por vezes única) de permitir a mobilidade, torna-se interessante e necessário começar a pensar nestes espaços, de modo a que ganhem mais funções e possam também fomentar comunidade. Além do mais os circuitos geram corredores capazes de ligar o espaço rural ao espaço urbano, fazem a ligação entre toda a cidade, e assim, criam dinâmicas urbanas capazes de aumentar a capacidade de a cidade unir pessoas.

3.4. Fatores que criam um Sentido de Comunidade

“Sense of community is a feeling that members have of belonging, a feeling that members matter to one another and to the group, and a shared faith that members’ needs will be met through their commitment to be together.”

(McMillan & Chavis, 1986).

A citação acima mencionada foi escrita pelos psicólogos sociais McMillan e Chavis, que formaram uma teoria sobre a compreensão das comunidades e como é que elas funcionam, ficando conhecida como “*Sense of Community*”. Esta teoria do sentido de comunidade é apoiada em quatro pilares: *Membership, Influence, Integration and Fulfillment of Needs* e *Shared Emotional Connection*¹⁸. Estes encontram-se no plano desenvolvido para La Bazana.

Em seguida, relacionaremos os quatro pilares base da teoria do sentido, de comunidade (Companheirismo, Influência, integração e Cumprimento das Necessidades e Partilha de uma Conexão) com a proposta para La Bazana explorando de que forma tentámos cumprir cada uma destas premissas.

Membership - assenta na necessidade de ter um sentimento de pertença, de partilha ou de relação interpessoal. Para isso é necessário compreender as questões identitárias

¹⁸ Membership, Influence, Integration and Fulfillment of Needs e Shared Emotional Connection: Companheirismo, Influência, integração e Cumprimento das Necessidades e Partilha de uma Conexão Emocional. Tradução livre.

de cada comunidade, para que as pessoas percebam o que as distingue de outras comunidades. No caso de La Bazana, o sentimento de pertença é dado pela integração da rede de povoados de colonização, fazendo com que todas estas localidades pertençam à mesma comunidade. Também é necessário criar um sentido de segurança emocional, desenvolvido a partir de um sentimento de segurança que, por sua vez, é criado a partir da confiança entre os elementos da comunidade. A confiança é desenvolvida através da interação e partilha de atividades. Na proposta desenvolvem-se vários mecanismos de interação entre os membros da comunidade, desde os projetos de autoconstrução aos diversos espaços multigeracionais, à criação de diversas redes que unem as várias populações. A participação ativa na comunidade aumentará os níveis de confiança entre todos os elementos e, conseqüentemente, o sentimento de pertença e o espírito de cooperação. Para que uma comunidade se sinta única, também é necessário criar um símbolo, uma marca, algo que unifique os seus membros, fazendo com que se sintam orgulhosos por terem algo com que se identifiquem. Esta marca, no nosso projeto, é desenvolvida no “Plano Acequia” sob a forma da marca “Acequia”. Para além de ser parte de um plano de desenvolvimento e englobar um grande projeto para a localidade, é uma marca associada à agricultura biológica, à solidariedade e à valorização do património, elementos identitários unificadores da rede “acequia”.

Influência, ou sensação de importância. Os membros de uma comunidade têm de sentir que são parte integrante e importante da comunidade, tendo alguma influência sobre ela. No caso de La Bazana, para que as pessoas sintam que têm influência, é necessário criar ambientes onde elas possam dar a sua opinião, como locais de reunião e debate sobre o desenvolvimento do “plano acequia”, onde podem ouvir e ser ouvidas. No fundo, usufruir do direito e dever da participação pública, contribuindo de alguma forma para a coletividade. Valorizando o plano poderão potenciar a sua localidade e devolver-lhe o valor simbólico.

Integration and Fulfillment of Needs aqui a questão central é a de atingir as expectativas dos elementos integrantes da comunidade, de forma a que cada um se sinta respeitado e realizado enquanto parte desta. É importante fazer com que os membros de uma comunidade se sintam recompensados pelo seu contributo e participação, para que continuem a contribuir. É também necessário perceber quais as suas necessidades e desejos, por forma a cumprir as expectativas. O Plano “Acequia” assenta num planeamento “Bottom-Up”, em que as comunidades têm a primeira palavra assim como a palavra final no que toca ao destino da associação e de tudo o que esta gere. É através do envolvimento consciente e ativo de toda a comunidade que se irá conseguir cumprir o novo sentido de La Bazana.

Shared Emotional Connection - aqui podemos realçar a importância do envolvimento afetivo do indivíduo com a comunidade em que este se insere. No caso de La Bazana, sendo expectável que dentro de uma década a população já não seja composta, na sua

maioria, por residentes de longo prazo desta localidade, este terá que ser um trabalho coletivo e contínuo. Os alicerces sobre os quais assenta o Plano “Acequia” – ecologia, solidariedade e cultura – têm como objetivo a criação de uma comunidade mais unida, em torno de premissas positivas. As novas tradições e atividades previstas, a desenvolver no parque, no centro cívico e na sede da “Acequia”, conjugadas com as tradições existentes, como o Presépio Vivo e a festa de San Isidro, irão certamente funcionar como catalisadores de afetividade entre os indivíduos que compõe esta comunidade e entre esta e o exterior.

Assim, podemos concluir que a proposta apresentada para La Bazana pode configurar um exemplo de projeto centrado na comunidade, pensado para esta e dela dependendo para prosperar. A criação de um sentimento de pertença, dar voz à população, perceber, respeitar e cumprir as suas expectativas, assim como fornecer-lhes ferramentas para a criação de afetividade, estiveram no centro da proposta apresentada. A construção de comunidade, neste caso, é apoiada pela construção de uma paisagem multifuncional, que desempenha as funções de produção, proteção e recreio, garantindo um suporte à nova La Bazana e as gerações futuras.

Projeto para La Bazana, Espanha – Plan Acequia

4. Projeto para La Bazana, Espanha – Plan Acequia

“equilibrio a favor del usuario; se pensó que se vive mejor en plazas que en calles y se proyectan todas plazas.” (Sota A. d., 1954)

4.1. Equipa

Arquitetura paisagista: P4 – Artes e Técnicas da Paisagem

Arquitetura: Ana Queirós e José Maia

4.2. Sobre o EUROPAN



Figura 26: Logotipo do European14. **Fonte:** Programa do concurso.

O EUROPAN é uma Associação Europeia composta por organizações que têm por objetivo organizar e realizar competições de arquitetura em locais onde os países membros identifiquem problemas, unidas sempre por um tema comum. É um concurso virado para programas estratégicos de desenvolvimento sustentável, é direcionado para jovens arquitetos, ou profissionais relacionados com a área, com menos de 40 anos e dedica-se a questões urbanas e arquitetónicas na Europa, desde 1989. O EUROPAN é um concurso de ideias, normalmente bianual, e é uma das mais prestigiadas competições de arquitetura, portanto, uma distinção internacional deste valor pode alavancar a carreira de inúmeros jovens.

As propostas devem seguir um tema central, um regulamento e um calendário comum a todos os países participantes. Os concorrentes podem fazer uma participação individual ou em equipas, podendo apresentar propostas para qualquer local elegível pelo concurso. As propostas são avaliadas por um júri internacional em cada país, sendo a atribuição dos prémios da sua responsabilidade. Este também é responsável por dar seguimento às propostas vencedoras, ajudando na implementação dos projetos.

4.2.1. O EUROPAN em 10 pontos

O EUROPAN é um concurso público com extensas regras para os participantes e para os jurados. De seguida são apresentadas as regras mais importantes do EUROPAN 14, em 10 pontos¹⁹:

1. O European é dirigido a jovens profissionais com menos de 40 anos, formados ou a trabalhar na Europa. Cada equipa deve incluir pelo menos um arquiteto.
2. O EUROPAN é um concurso de ideias à escala urbana com o objetivo de serem implantadas.
3. O EUROPAN é uma associação europeia com estruturas nacionais que organiza concursos lançados simultaneamente, com temas e objetivos comuns.
4. As regras e métodos de avaliação são idênticas em todos os países participantes. Os concursos são abertos, públicos, europeus e anónimos, podendo os concorrentes registarem-se num país à sua escolha.
5. Vários locais em cidades europeias, acompanhados de breves programas, são propostos aos concorrentes. Os participantes podem escolher mais do que um local, desde que sejam em países diferentes.
6. Cada projeto entregue é dividido em duas partes: a primeira é uma reflexão estratégica que responda ao tema do concurso (no caso do European 14, o tema foi Cidades Produtivas) e à escala urbana do local escolhido. A segunda responde à elaboração de um projeto de arquitetura, apresentado em 3 painéis, com pelo menos 3 imagens e um breve texto explicativo da proposta.
7. Em cada país, um júri nacional pré-seleciona os projetos mais inovadores. Em seguida, a Comissão Científica do EUROPAN analisa todos os locais a nível Europeu e lança um debate com os júris durante um fórum. No fim, os júris nacionais reúnem-se mais uma vez para decidirem quais as equipas vencedoras.
8. Cada concurso nacional tem o seu próprio júri que designa os vencedores e os segundos classificados, que também recebem prémio. Algumas propostas podem eventualmente receber uma “menção-honrosa”.
9. As equipas premiadas serão ajudadas pelos organizadores do EUROPAN na implementação dos seus projetos. Após o anúncio dos resultados são organizadas reuniões em cada local com representantes da cidade, jurados e equipas vencedoras.
10. As propostas premiadas são expostas e publicadas a nível nacional e à escala europeia, sendo elaborado e publicado um catálogo com os resultados.

¹⁹ Regulamento completo do EUROPAN em <https://www.european-europe.eu/en/session/european-14/rules/>

4.2.2. Tema e Subtemas do EUROPAN 14

O tema central do EUROPAN 14, “Cidades Produtivas” é subdividido em 4 temas, de acordo com as características e especificidades dos locais selecionados. Nesta edição do concurso estavam disponíveis 44 locais. Cada local está, portanto, inserido num dos subtemas. Os subtemas do concurso são 4 e agrupam os locais segundo o seu contexto: “de área produtiva a cidade produtiva”, “de cidade a cidade produtiva”, de infraestruturas funcionais a cidade produtiva”, “e produtivo outra vez!”²⁰. La Bazana insere-se no segundo subtema que pretende criar um local produtivo através das características do local e da sua população. Por outras palavras, pretende criar produtividade através da manufatura, experiência e sabedoria da população local, reavivando as pequenas produções.



Figura 27: Mapa com a localização dos locais a concurso. **Fonte:** Site do concurso European.

²⁰ Tradução livre de “DE ÁREA PRODUCTIVA A CIUDAD PRODUCTIVA”, “DE CIUDAD A CIUDAD PRODUCTIVA”, “DE INFRAESTRUCTURA FUNCIONAL A CIUDAD PRODUCTIVA” e “Y... ¡DE NUEVO PRODUCTIVA!”

O tema “Cidades Produtivas” baseia-se no conceito de cidade multifuncional, onde é preciso compatibilizar as necessidades e os valores ecológicos, económicos e sociais, de forma a criar condições de vida, onde se consigam desenvolver simultaneamente as funções de produção, de proteção e de recreio.

Um dos maiores problemas vividos nas cidades atuais relaciona-se com a homogeneidade da mão de obra existente: geralmente, nos centros das cidades estão apenas localizados escritórios onde trabalham maioritariamente indivíduos altamente qualificados, mas que representam apenas uma pequena parte da população. Este facto gera múltiplos problemas que afetam os sistemas de transportes, a economia e as relações sociais. Exemplo disto foi o afastamento das indústrias dos centros urbanos, o que fez com que a classe trabalhadora tivesse de se deslocar para fora da cidade. Consequentemente, foi criando trânsito e congestionamentos. Para que tal problema seja corrigido, as nossas cidades têm de deixar de ser seccionadas em centros urbanos especializados em serviços e em periferias repletas de indústrias. A estrutura urbana tem de se tornar híbrida, misturar pequenas indústrias; com serviços pouco qualificados; produção de alimentos; energia ou novos produtos industriais, de forma a que a o dia a dia das pessoas se misture com o trabalho; criando assim mais interações sociais; desenvolvimento de economias locais e redução da carga nos transportes, fazendo com que a cidade se torne mais produtiva. Esta interação de funções pode contribuir para que uma cidade se aproxime de uma cidade sustentável.

Em suma o concurso tem como objetivo: criar novas relações entre os cidadãos, através da inserção de certas atividades produtivas na cidade; encontrar soluções de como produzir em ambiente residencial, e como viver em territórios produtivos; como integrar, favorecer e incorporar todos os ciclos de produção numa escala local, articulando-os com uma escala maior, para que sejam reduzidos os desperdícios e os custos de produção.

4.3. Programa do promotor

Os objetivos do promotor do concurso, para esta localidade, eram que fossem criadas estratégias de desenvolvimento urbano para La Bazana que pudesse ser aplicada em outras localidades com a mesma origem, nomeadamente Brovales e Valuengo. O intuito era alterar a tendência de despovoamento que estes núcleos têm vindo a sofrer. Para tal, a proposta deverá estar relacionada com o conceito de produtividade e deverá criar diversidade, zelando sempre pelo bem-estar da comunidade.



Figura 28: Esquiço de De La Sota de uma das praças de La Bazana. **Fonte:** Rando (2015).

A fim de catalisar o desenvolvimento desta região e aumentar a sua produtividade, é necessário combinar a exploração responsável dos recursos naturais com os etnográficos, principalmente a água, recurso essencial na subsistência de vida e o montado, paisagem característica desta zona, com as infraestruturas existentes e com a implementação de várias atividades relacionadas a esses recursos, nomeadamente o turismo e outras atividades associadas ao lazer, ao pequeno comércio, a uma nova indústria agrícola ou a pequenas produções artesanais. Com esta relação na exploração dos recursos é possível gerar uma atividade económica que atraia novas pessoas e que sirva, também, para preservar o património existente mantendo a conexão com as regiões e localidades vizinhas.



Figura 29: Ponte romana num dos acessos a La Bazana. **Fonte:** Programa do concurso.

Figura 30: Paisagem que envolve La Bazana. **Fonte:** Programa do concurso.

La Bazana, local para a proposta, encontra-se numa situação geográfica favorável, próxima da província de Huelva e de Portugal, o que é um incentivo ao desenvolvimento

de diferentes áreas de produção, como a agricultura, a indústria, o comércio e o turismo. Contudo, é necessário preservar o património existente e atrair novos habitantes para combater a desertificação que se tem sentido.

Para tal, o promotor pretende que o espaço público seja reordenado e que se recuperem alguns edifícios públicos para gerar novas dinâmicas e atratividade. Os edifícios públicos propostos a recuperação são: um edifício industrial correspondente a antiga “Hermandad Sindical”, um armazém, que era uma antiga leitaria e o coso, (uma pequena praça de touros). Estes edifícios foram construídos na altura da expansão levada a cabo pelo Arquiteto Gómes Álvarez.



Figura 31: Edifício a reaproveitar, Hermandad Sindical. **Fonte:** Programa do concurso.



Figura 32: Edifício a reaproveitar, antiga leitaria. **Fonte:** Programa do concurso.



Figura 33: Edifício a reaproveitar, Coso. **Fonte:** Programa do concurso.

Atualmente, estes aglomerados, que compartilham a mesma herança partilham, também, a mesma realidade desencorajadora: desemprego, abandono, falta de oportunidades, falta de atratividade e produtividade.

Para contrariar o êxodo rural que esta zona tem vindo a sofrer é necessário desenvolver uma proposta inovadora para melhorar a qualidade de vida desta comunidade e aumentar as oportunidades. A criação de mais atratividade e a inversão da tendência do êxodo rural, atraindo as pessoas para um local com melhor qualidade de vida, foi o objetivo de La Sota quando desenvolveu o projeto para La Bazana, criando um sítio para se viver, “é um sítio que é preciso querer lá ir” (Sota A. D., 1954).

Neste sentido, a proposta por nós realizada para La Bazana - o Plano Acequia - é um novo impulso para estas cidades. Para implementar o plano em La Bazana enquanto projeto piloto, a reestruturação dos sistemas ecológicos e urbanos é a chave para a criação de uma rede produtiva. A conversão das várias infraestruturas abandonadas é uma oportunidade para oferecer novos serviços, novas oportunidades e uma nova atratividade a La Bazana, que aumentará a produtividade geral e proporcionará qualidade de vida a esta comunidade.

4.4. Plano Acequia



Figura 34: Fotografia aérea do estado atual de La Bazana. **Fonte:** Programa do concurso

4.4.1. Conceito da proposta

A proposta - Plano Acequia – quer ser um impulso de desenvolvimento para os aglomerados que surgiram com o *Plan Badajoz*, com destaque para La Bazana. O termo acequia²¹ provém do árabe *as-sáqiya*, nome dado aos canais de distribuição de água construídos para fins de irrigação. Este termo foi utilizado como nome do projeto porque representa a origens destes povos de colonização e, simbolicamente a união que existe entre eles. Para além deste simbolismo, o termo acequia também é uma metáfora para a intenção da proposta: unir, criar vida, distribuir riqueza, criar oportunidades e gerar produtividade.

O plano pretende fazer face aos problemas atuais destes aglomerados que se encontram numa situação de desemprego (principalmente feminino), envelhecimento, abandono, falta de atratividade, de oportunidades e deficiência nos serviços. O plano trará uma gestão comum das funções produtivas dessas cidades, de acordo com as suas sinergias e complementaridades, através de uma organização centralizada, na Associação Acequia e de uma visão baseada em solidariedade, ecologia e promoção patrimonial. Os objetivos principais são: **gerir** a rede de povos de colonização, aproveitando o potencial produtivo de cada um, através de uma visão holística e integrada; **aumentar e melhorar a produtividade da região**, criando um sistema produtivo mais sustentável, diversificado e complexo; **aumentar a oferta de produtos e serviços de qualidade** através da paisagem e da identidade cultural; **atrair população para estes povos**, por meio da organização acequia que pretende criar postos de trabalho para os residentes, durante todo o ano, bem como ajustar os preços da educação, saúde e habitação para estas pessoas; implementar um **novo paradigma social e económico** onde os moradores são o principal foco, sendo a felicidade, a qualidade de vida, a prosperidade, o sentido de comunidade, a segurança, a saúde e a educação o grande objetivo.

La Bazana será um projeto-piloto que, posteriormente, se irá expandir para todos os povos de colonização. Numa primeira fase em Brovales e Valungo, que são os povos pertencentes a Jerez de los Caballeros e, posteriormente, aos restantes povos.

O Plano Acequia assenta em 7 pilares: Montado, Água, Património, Pessoas, Comunicação, Ciclos e Rede de povos de colonização. Estes serão os fundamentos de cada intervenção sob a alçada deste plano.

²¹ À semelhança das acequias, podemos encontrar na ilha da Madeira, - Portugal - as levadas, que são canais de irrigação que usam a força gravítica para distribuir a água.

A comunidade no desenho de Arquitetura Paisagista

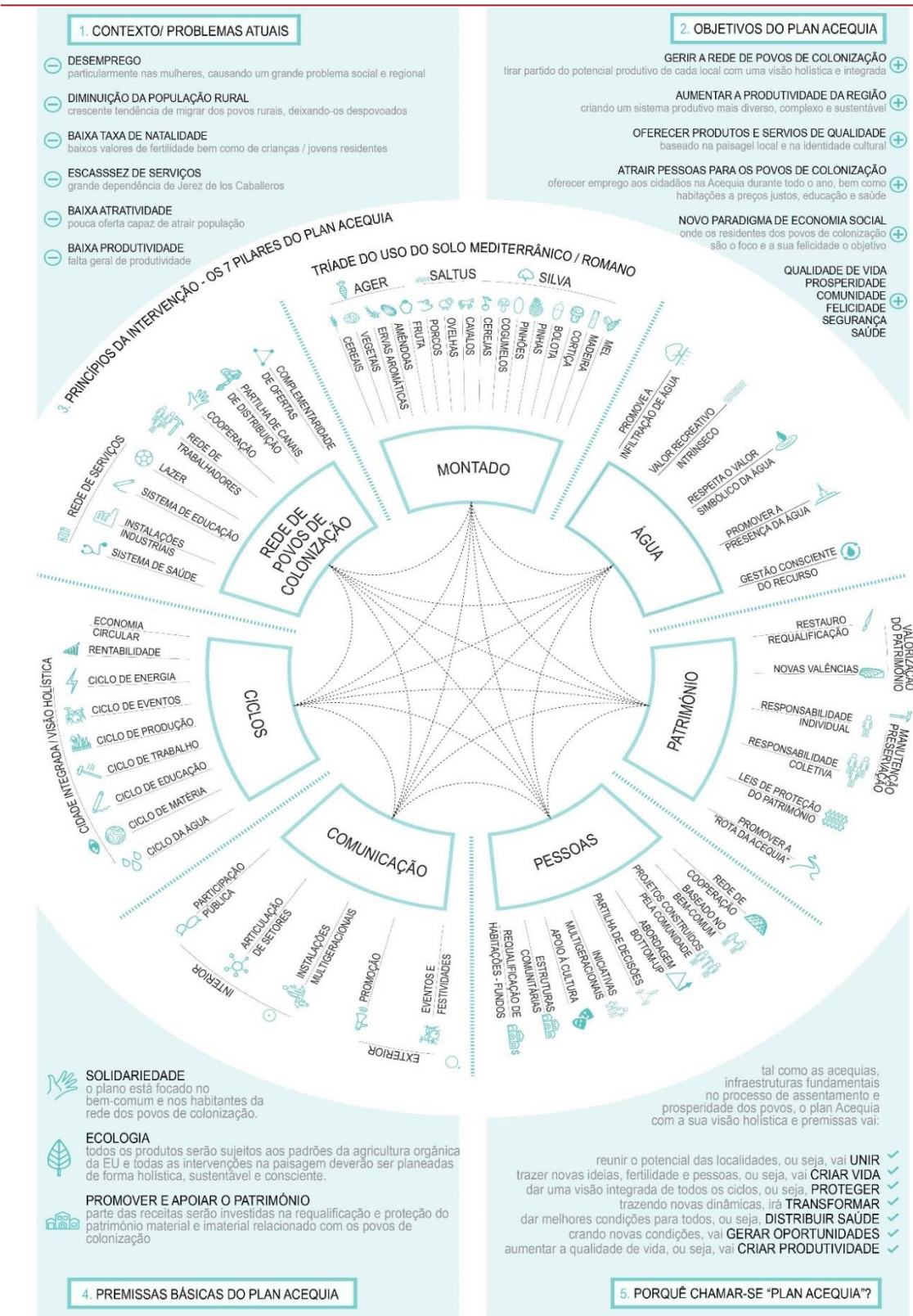


Figura 35: Esquema de explicação do conceito do Plano Acequia. Fonte: Equipa projetista.

Cada um dos pilares do plano agrega um conjunto de objetivos dentro do mesmo âmbito temático, que orientarão a definição de ações concretas para cada um dos aglomerados. Em relação ao **Montado** é necessário preservar, gerir e aumentar, porque este ecossistema, para além de ser o grande fornecedor de matéria-prima faz parte da identidade deste lugar, contribuindo para a sua atração turística. Tirando partido deste bem - o montado - as localidades são capazes de atingir um desenvolvimento sustentável. As matérias-primas ou produtos obtidos deste sistema subdividem-se em três grupos, produtos obtidos nas zonas *ager* (talhões de cultivo), produtos relacionados com o *saltus* (as zonas de pastagem) e os produtos recolhidos nas zonas de *silva* (zonas florestais). No *ager* podem extrair-se frutos, vegetais e cereais; no *saltus*, haverão animais como o porco e a ovelha para produção de alimento e matéria-prima, e cavalos para recreio e saúde; na *silva*, poderão recolher cortiça, mel, pinhas ou bolotas. Estes e outros produtos, provenientes do montado, serão transformados, embalados, distribuídos e comercializados através das instalações da Acequia e sobre a sua marca. Em relação à **Água**, este é um recurso essencial para a sobrevivência de todos os seres, o que faz com que seja de grande importância, quer a nível ambiental, como patrimonial e cultural. Esta terá uma gestão consciente e será devidamente aproveitada e recolhida. Nuns casos será infiltrada no solo, noutros será devidamente encaminhada para usos lúdicos e recreativos, para que a sua presença seja enfatizada no tecido urbano. Quanto ao **Património**, tanto o material como o imaterial, será preservado e valorizado. A sua preservação acontece por meio da consciencialização e responsabilização individual e coletiva. A valorização será conseguida através da reabilitação urbana, com projetos que envolvam a comunidade, ou com a criação de novas valências, como a criação de rotas de mobilidade suave. O pilar das **Pessoas** pretende enfatizar que a comunidade deverá ter um papel central e decisivo no processo de implantação e evolução das estratégias. Estas pessoas irão criar uma rede de cooperação baseada no bem comum, com o intuito de tornar esta comunidade mais consistente e assim tornar mais fortes os elos de ligação entre os povos de colonização. Serão criadas iniciativas multigeracionais para que haja uma maior relação e intimidade entre as várias classes etárias; será aplicado o sistema de decisão *bottom-up*, onde as decisões são partilhadas por todos; será desenvolvido um fundo para restaurar as habitações, ou repô-las conforme o projeto original, incorporando um sistema de aproveitamento de águas pluviais; serão concebidas infraestruturas comunitárias e culturais; as pessoas serão incentivadas a realizar projetos de autoconstrução, com o intuito de se relacionarem ainda mais com o espaço onde vivem. O pilar da **Comunicação** divide-se em iniciativas de dois âmbitos: a comunicação interna e a externa. A comunicação interna deverá ser promovida através da participação pública, da informação constante sobre as atividades desenvolvidas pela “Acequia”, e da partilha de experiências entre as pessoas. A comunicação externa deverá ser realizada através da publicidade da marca “Acequia”, aos seus produtos, serviços e atividades, de forma a promover estes povos de colonização. Outra forma de dar a conhecer esta localidade é através de eventos e pequenas festas, que para além de divulgarem os diferentes aglomerados, promove a interação entre pessoas de vários locais. Em relação ao pilar dos **Ciclos**, este integra

uma visão holística sobre os povos de colonização. A estratégia a adotar em relação a este tema centra-se na tentativa de que os ciclos sejam, sempre que possível, fechados, para que não haja desperdícios de matéria e energia. Os principais ciclos considerados são o da água, da matéria, da educação, do trabalho, da produção, dos eventos, da energia e da economia, podendo com o decorrer da implantação complementar-se a estratégia com outros ciclos. Por último, mas não menos importante, surge o pilar da **Redes de Povos de Colonização** remetendo para a existência de complementaridades de serviços e estruturas. A complementaridade de serviços, ocorre ao nível da saúde, da indústria, da educação e do recreio. Estas comunidades podem usufruir de qualquer serviço prestado por qualquer uma das povoações. Em relação às estruturas, estas povoações podem partilhar trabalhadores, canais de distribuição de produtos e usufruir do sentido e cooperação. Por exemplo, um habitante de Valuengo pode usufruir das instalações desportivas de La Bazana. Outro exemplo, de complementaridade: uma povoação pode produzir azeite e a outra vinho, mas ambas têm acesso aos mesmos produtos, existindo uma rede de distribuição dos produtos a preços justos. Esta relação não é mais do que aquilo que estava previsto no plano de Badajoz para estes povos.

Como já foi mencionado, o objetivo deste plano é atuar em todas as povoações de colonização e terá



Figura 36: Esquema da evolução e proliferação do projeto piloto de La Bazana para restantes povoações de colonização. **Fonte:** Equipa projetista.

início em La Bazana como projeto-piloto. O plano pretende tirar partido de todo o potencial destas localidades e do seu capital natural²² para que estas se desenvolvam e cresçam de uma forma sustentável. Para tal, é essencial fazer uma boa gestão dos recursos. Para os terrenos agrícolas afetos pelos canais de rega, o plano Acequia oferece várias opções aos proprietários: (1) se não estiverem a utilizar os seus terrenos poderão alugá-los à associação “acequia” recebendo um rendimento mensal, que irá geri-los usando uma visão holística das necessidades de toda a rede; (2) poderão fazer parte da associação enquanto produtores, mantendo a gestão dos seus terrenos, desde que cumpram o regulamento do Plan Acequia e, desta forma, utilizar os meios de distribuição da rede “Acequia” e a marca “Acequia”; (3) sendo proprietários ou residentes serão incentivados a fazer parte da rede “acequia”, integrando os diversos serviços (ver figura 35). Este Plano pretende tirar partido dos recursos naturais e culturais existentes através de uma gestão de conjunto, para que se possa atingir uma produção sustentável em toda a rede de povos de colonização. Pretende ainda criar uma verdadeira rede de cooperação entre todos os povos de colonização, criando diversas mais-valias para todos os sítios que integrarem o plano, contribuindo paralelamente para o bem comum desta paisagem.

4.4.2. Descrição da proposta

Acompanhar a leitura com o plano presente no Anexo 1 – Plano Acequia

Para este projeto tínhamos a possibilidade e intervir tanto no espaço público como no privado, mas preferimos projetar só para o espaço público, com a exceção dos locais que, de momento, são privados, mas que outrora foram públicos, como a escola-capela.

O projeto para La Bazana centra-se na recuperação da estrutura original da localidade e atribui novas funções a alguns edifícios já existentes. Os elementos novos a inserir serão todos na periferia da localidade de forma a consolidar a estrutura urbana.

Esta proposta baseia-se na reabilitação dos sistemas ecológicos e urbanos como a base para uma rede produtiva - o corredor ribeirinho é replantado e, a partir desta estrutura, vários corredores ecológicos conectam esta área de frescura aos meandros urbanos, permitindo que as brisas fluam para a cidade. Como complemento desta nova estrutura ecológica, as parcelas agrícolas são limitadas por sebes de forma a aumentar a diversidade e potenciar a diversidade ecológica.

A nossa visão para o futuro da localidade, está alinhada com a de De La Sota – as praças como locais de criação de comunidades, complementadas por novas funções

²² Capital Natural – é o stock dos recursos naturais que fornecem um fluxo de benefícios às pessoas (Saldanha, 2017).

relacionadas com a produtividade. Para tal, tentamos dar destaque ao projeto de De La Sota, de modo a esta localidade voltar ao conceito original de um aglomerado virado para um conjunto de praças. As praças são o coração de La Bazana. Para lhes devolvermos importância retomamos ao desenho original das 5 praças principais, com a reposição de espécies arbóreas e removendo o acesso dos carros às mesmas, recuperando assim um importante local de reunião e encontro.



Figura 37: Fotomontagem da proposta para uma das praças de La Bazana, com a sobreposição do esboço de Alejandro de la Sota. **Fonte:** Equipa projetista.

Foi realizado um novo desenho para a praça criada pelo Arquiteto Gómez Álvarez que se encontrava desvirtuada, pela fraca linguagem urbana, e desarticulada dos diferentes espaços. O objetivo desta proposta foi o de desenvolver um sentido identitário através de um conjunto de espaços multifuncionais e comunitários que respondessem às necessidades da comunidade devolvendo este espaço aos habitantes. Nesta praça, à semelhança das praças de De La Sota, foi projetada uma fonte, para que a presença da água fosse constante ao longo de toda a localidade, preservando assim a simbologia inerente à água e replicando-a de diferentes formas, como marca da sua identidade. A presença da água nesta praça faz com que o seu valor estrutural e simbólico seja trazido para dentro da localidade. A água neste projeto foi um fator determinante na estrutura e no desenho.

Novas valências dos espaços

O espaço que originalmente era a escola-capela e passou, posteriormente, a ser uma casa unifamiliar, foi transformado num **centro cívico** trazendo as pessoas de novo aquele lugar e voltando a assumir-se como um espaço de valor simbólico. Este centro cívico será fundamental na dinâmica social, oferecendo apoio diário às crianças, jovens

e comunidade anciã de La Bazana, hospedando vários programas educacionais. Tendo todos os elementos desta comunidade como intervenientes serão desenvolvidas várias atividades para que estes utilizem este espaço de várias formas. As atividades associadas ao centro serão relacionadas com a educação, a cultura, a comunicação, a solidariedade e a partilha de experiências, através de salas de estudo, salas de multimédia, biblioteca e realização de workshops. Este centro foi projetado com o intuito de conectar as pessoas de forma a incentivar a troca de experiências entre os residentes mais antigos e os mais novos.

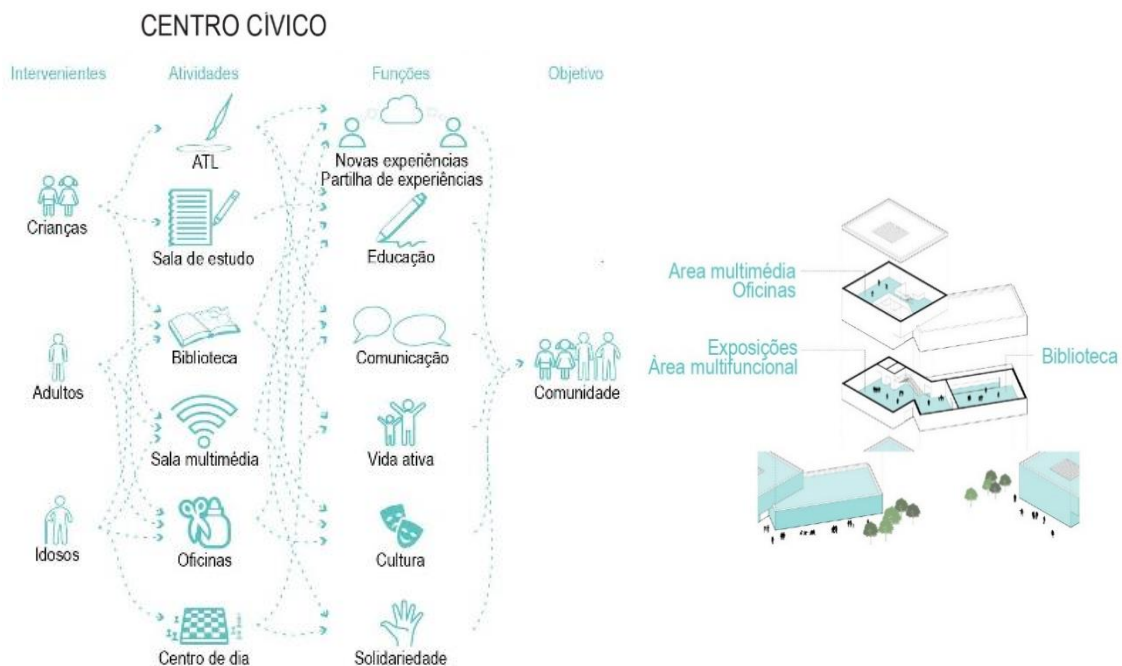


Figura 38: Esquema explicativo dos princípios, funcionalidades e funções do centro cívico.
Fonte: Equipa projetista.

O depósito da água que foi construído no ponto mais alto da localidade passará a ser um **miradouro** onde as pessoas podem desfrutar da paisagem envolvente, visto que das praças já não é possível desfrutar de uma visão tão dominante devido à construção de novas habitações. A *Sección Femenina*²³ será transformada numa **cantina comunitária** que terá como principal função servir as refeições das escolas e de todos os trabalhadores da “Acequia” e, como funções secundárias, servir refeições

a todas as pessoas que ali se deslocam. Junto à igreja foi projetado um pequeno **quiosque** que servirá como local de encontro da população.

²³ Sección Femenina, foi uma das ramificações do partido de Falange Espanhola, partido este que era de ideologia fascista e foi dissolvido após a morte do general Franco (Richmond, 2003).

Foi criado um **parque** ao longo de toda a localidade, pensado como um espaço multifuncional. Este tem a função de produção, proteção e recreação, fazendo a transição entre o “ager” e a “urbe”, com caminhos que aproximam as pessoas de ambas as realidades. Este parque também serve como recriação da mata original, mas com a particularidade de toda a vegetação escolhida originar produtos que podem integrar os ciclos da associação, desde plantas aromáticas a árvores de fruto. Esta vegetação foi escolhida criteriosamente para que se possa recolher matéria prima de todos os elementos. Para dotar a localidade de novas funções e atrair mais pessoas foi projetado um **centro equestre** na periferia do parque. A atividade equestre é identitária desta região sendo tradicionalmente utilizada para funções de trabalho. Este centro equestre foi projetado junto ao local onde era a antiga “*cooperativa Lechera*” sendo agora um edifício multifuncional, com o potencial de hospedar vários eventos. Este funcionará como local de lazer, de desporto ou para atividades terapêuticas. Este espaço está dotado de uma área para exposições e de circuitos para se percorrer a cavalo; permite ainda a realização de atividades desportivas, como a prática de equitação, ou ainda a realização de percursos turísticos de cavalo. Estes percursos serão pré-programados, podendo ir de um simples passeio a cavalo pela localidade, como um percurso até Brovales, passando por locais históricos e outros de grande valor ecológico, associados ao Rio Ardila. Este centro também irá utilizar os cavalos para terapia de pessoas com necessidades especiais.

No parque está também prevista uma **piscina biológica pública**, num local central, para aproveitar a escorrência natural da água. Esta piscina serve como reservatório de água para rega, em caso de necessidade, e como piscina para a prática de desportos e lazer, atividades estas que terão uma maior afluência nos meses mais quentes por ser uma piscina ao ar livre.

Na extremidade oposta ao centro de equitação encontra-se um **parque de campismo**, que servirá para local de receção de visitantes em alguns eventos e atrairá também uma população mais jovem nos meses de verão. A zona de campismo está equipada com balneários, parque de merendas, zona de caravanas e zona de tendas. A receção do parque de campismo será feita na sede da “Acequia”.



Figura 39: Funções e estrutura de instalações públicas fundamentais para a evolução da comunidade. **Fonte:** Equipa projetista.

O parque, ao estender-se por toda a vertente sudoeste da localidade, abraça o já existente campo desportivo, local utilizado pela população para as festas, integrando-o. Junto ao parque foi desenhada uma **praça**, que lhe serve de receção e de local de transição entre este e o “coso”. Esta nova área servirá como local para realização de festas, servindo como complemento ao campo, local pequeno para a quantidade de pessoas que a localidade atrai em épocas festivas.



Figura 40: Fotografia ilustrativa da sobrelotação do espaço na festa da chuleta e da ocupação do campo de jogos para a sua realização. **Fonte:** Google imagens

A conversão de várias infraestruturas abandonadas oferecerá novos serviços, novas oportunidades e uma nova atratividade para La Bazana. Para além do já referido centro equestre e centro cívico, as principais infraestruturas produtivas de La Bazana são o centro de transformação e a sede da “Acequia”. Em relação ao **centro de transformação**, este tem um papel importante na dinâmica económica – é onde a maioria dos produtos “acequia” são feitos, empregando várias pessoas, contrariando a tendência da sazonalidade na economia e promovendo produtos locais. A grande função deste centro é de transformar, embalar e engarrafar todos os produtos provenientes da rede acequia, para que eles possam chegar em perfeitas condições a ao consumidor final.

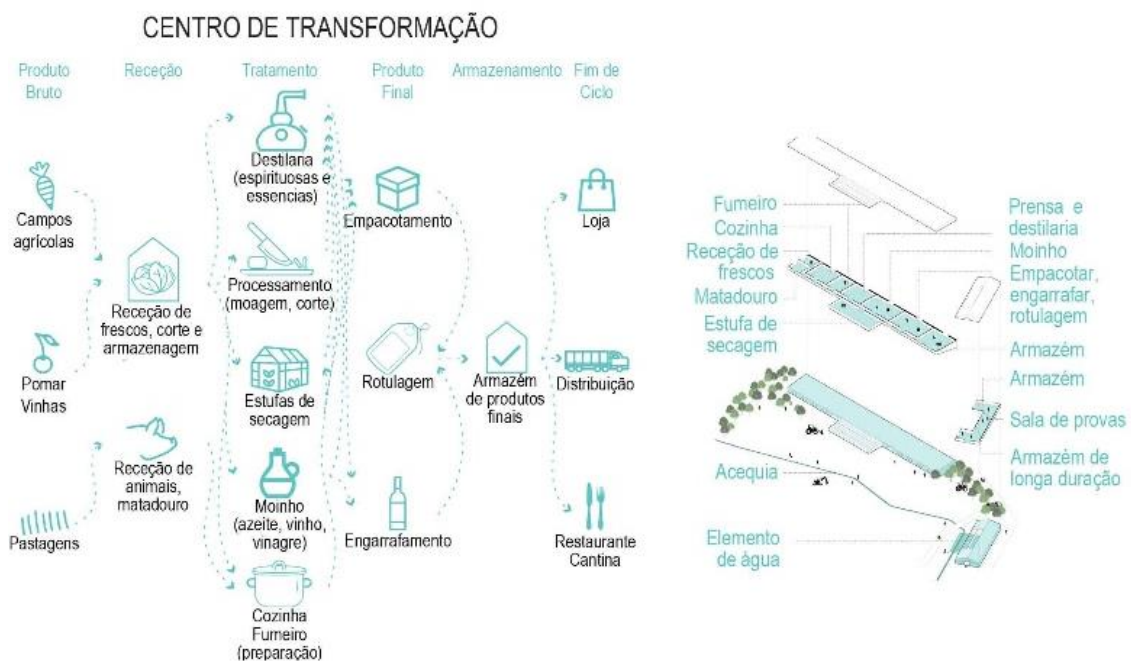


Figura 41: Esquema explicativo dos processos realizados no centro de transformação. **Fonte:** Equipa projetista

Propõe-se que a antiga “hermandade Sindical” seja transformada na **sede da “Acequia”**, onde os serviços administrativos e de comunicação estão localizados, trabalhando como sede da associação em La Bazana. Este será o motor de todo o processo de transformação da localidade num centro produtivo tornando-o novamente num local para se viver. Esta estrutura, para além de ser a sede da “Acequia”, também alberga outras atividades, nomeadamente: a receção do parque de campismo; local de realização de workshops; cafetaria que também servirá de apoio ao parque; posto de turismo e estação de autocarros.

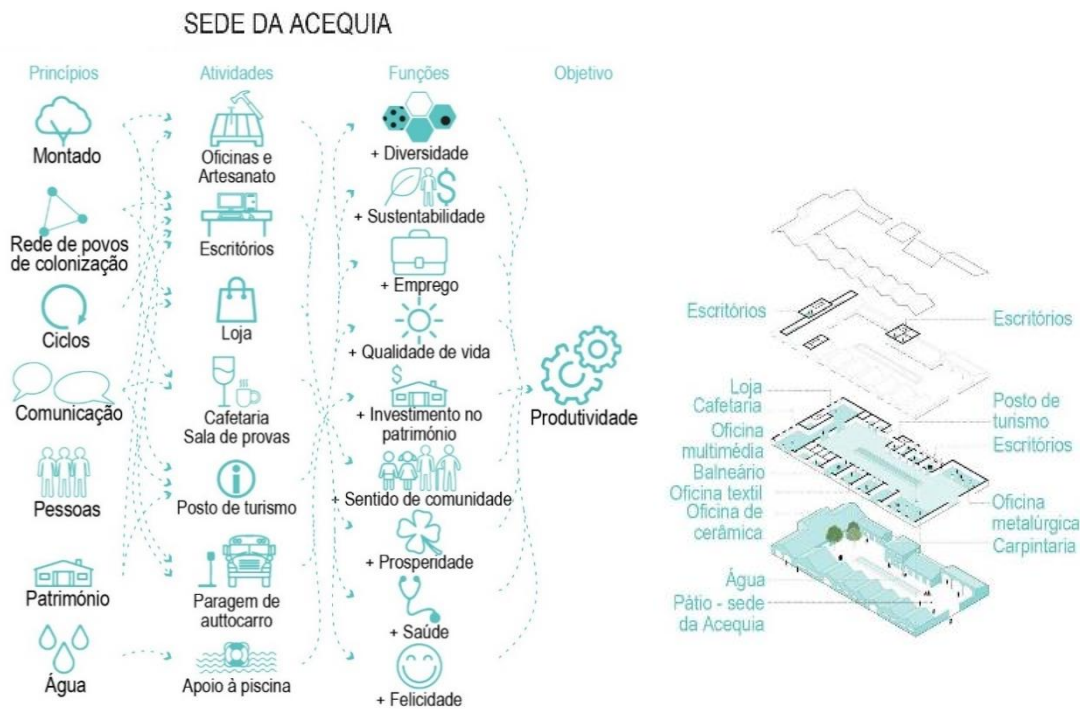


Figura 42: Esquema explicativo das atividades realizadas pela sede da “Acequia”, as suas funções e os seus objetivos. **Fonte:** Equipa projetista.

Por último, mas não menos importante, foi proposta a requalificação e conversão de um edifício industrial, que se encontra a 500 metros a norte de La Bazana, numa **pousada**, com o intuito de oferecer um local para receber turistas, mas também um local onde os trabalhadores da rede “acequia” podem pernoitar quando for necessário. Esta pousada permite que quem aqui pernoite possa contemplar a paisagem cultural de La Bazana, pelo fato de se encontrar um pouco afastada da localidade. A pousada, apesar de ter uma ligação viária para La Bazana, também tem algumas ligações pedestres, permitindo a passagem por alguns locais de interesse, nomeadamente a zona produtiva a norte de La Bazana, a Ribeira e a galeria ripícola. A reconversão deste edifício em pousada é muito importante, para o turismo local. Após implementação da proposta, os atrativos para os turistas serão diversos: a história, a cultura e arquitetura desta localidade, (proveniente da implementação do plano Badajoz e do projeto de De La Sota); a gastronomia, que foi desenvolvida por esta comunidade ao longo dos anos através dos recursos que tinham disponíveis; o “birdwatching”, encontrando-se esta localidade na rota de migração de diversas aves; o centro equestre, a piscina e todas as atividades, provenientes da implementação do plano “acequia”. Esta grande diversidade de oferta faz com que a localidade tenha atratividade durante todo o ano, atraindo novos visitantes e, conseqüentemente, aumentando as dinâmicas sociais e económicas fundamentais à sustentabilidade do lugar. A afluência de turistas a esta localidade é muito importante, essencialmente por dois fatores: em primeiro lugar, porque faz com que as pessoas

conheçam estas comunidades e a sua história e sintam vontade de vir aqui fixar-se, em segundo lugar, porque a afluência de pessoas faz com que a economia destas localidades prospere.

As novas funções, descritas anteriormente, têm em conta as pré-existências, e o intuito de atrair mais pessoas para esta comunidade. Assim, ela poderá crescer de uma forma equilibrada. Estas funções são necessárias porque irão criar novos e diversificados postos de trabalho. Por outro lado, irão criar novas dinâmicas na localidade, aumentando a produtividade geral e proporcionando qualidade de vida aos moradores. Ao restaurar a vegetação ribeirinha, as sebes de compartimentação dos campos agrícolas e criando um parque, estamos a potenciar vários corredores ecológicos que contribuem para a biodiversidade, para a amenidade micro-climática e para o benefício da circulação das brisas. Com isto faremos com que estes fluxos de energia entrem no tecido urbano, aumentando a produtividade e a atratividade da localidade.

As infraestruturas descritas e a proposta geral abordam a produtividade no seu todo, atuando de forma sistémica, criando não só oportunidades económicas, mas também gerando novas dinâmicas sociais e comunitárias, além de renovar a estrutura ecológica. Esta abordagem fará prosperar La Bazana em todas as suas funções produtivas.

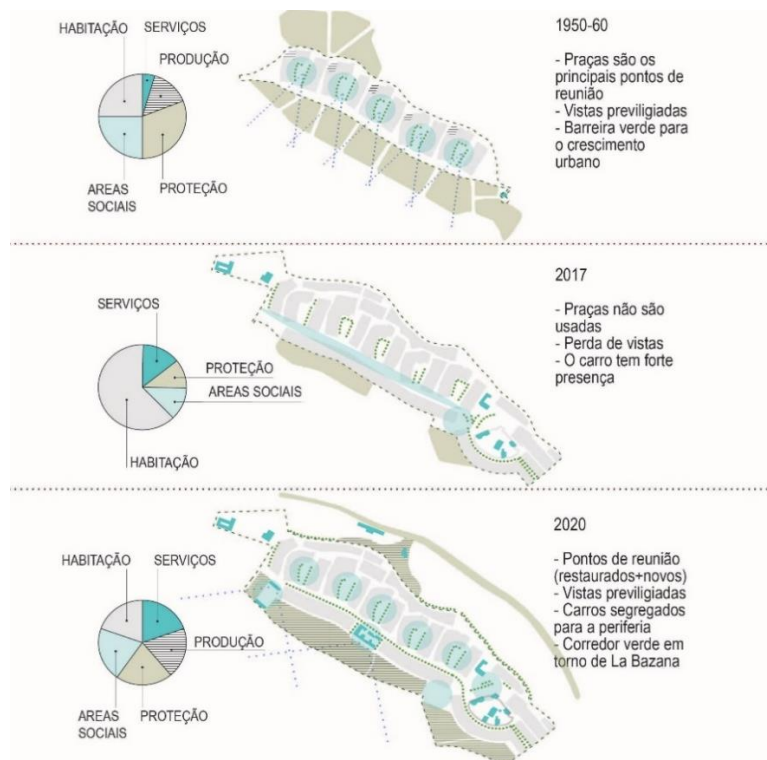


Figura 43: Esquema ilustrativo da evolução pretendida nas funções de La Bazana com o intuito de atingir um equilíbrio entre as funções do espaço. **Fonte:** Equipa projetista.

Implementação da proposta

De forma a fasear o investimento necessário à revitalização de La Bazana, a proposta foi dividida em 3 diferentes etapas de implementação. Em cada uma das fases, para além dos trabalhos base, está previsto um projeto que será construído pela comunidade, permitindo alcançar dois objetivos distintos – a redução de custos e o envolvimento da comunidade em todo o processo.

Na primeira fase serão construídos os elementos fundamentais e impulsionadores de todo o “Plano Acequia” e serão restabelecidas as continuidades ecológicas, de forma a impedir uma expansão descontrolada da localidade. Com estas construções estarão a ser criadas as bases do “Plano Acequia”, através da criação de algumas áreas de recreio, lazer, educação e produção.

Na segunda fase, onde se prevê algum amadurecimento do ciclo de produção da povoação, serão construídos os armazéns para os diferentes produtos, permitindo aumentar a produção. Nesta fase também será feita a requalificação do espaço urbano e do centro cívico, de forma a devolver este espaço à população.

Na terceira e última fase serão requalificados todos os espaços de importância ecológica e todos os espaços que terão funções complementares. Esta fase, apesar de ser a última, irá ter uma grande contribuição para a valorização da localidade e para melhorar as funções ecológicas, tendo repercursões no dia a dia das pessoas. O envolvimento da comunidade é essencial em todas as fases, de forma a ganhar uma nova afinidade com La Bazana.

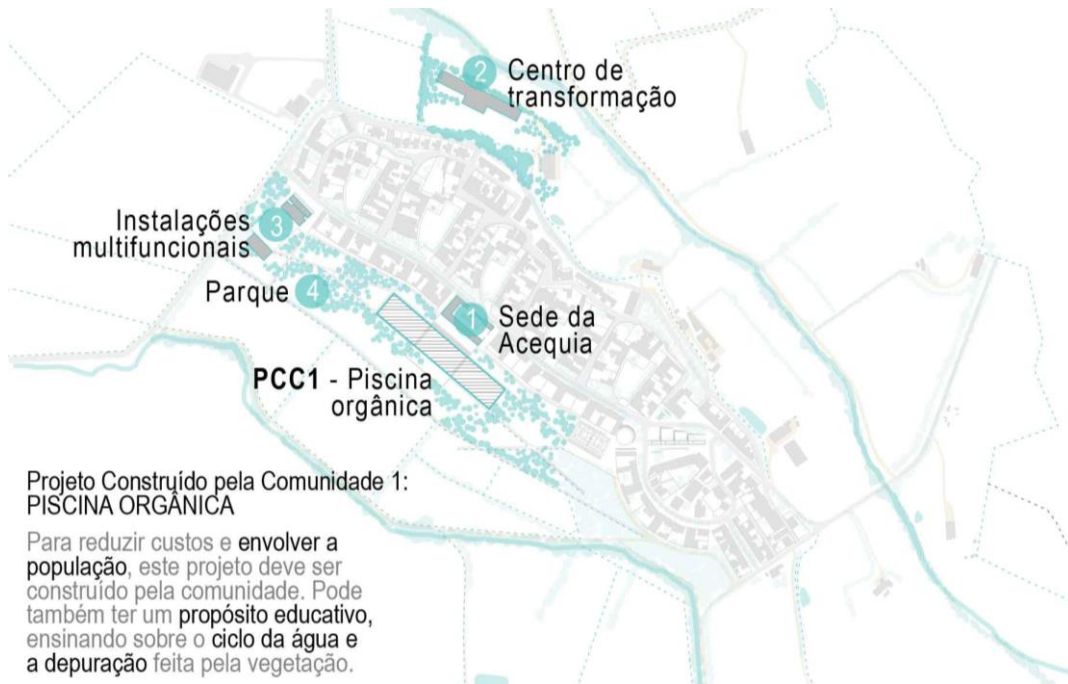


Figura 44: Esquema da primeira etapa de implementação do projeto em La Bazana, com o apoio da comunidade. **Fonte:** Equipa projetista.

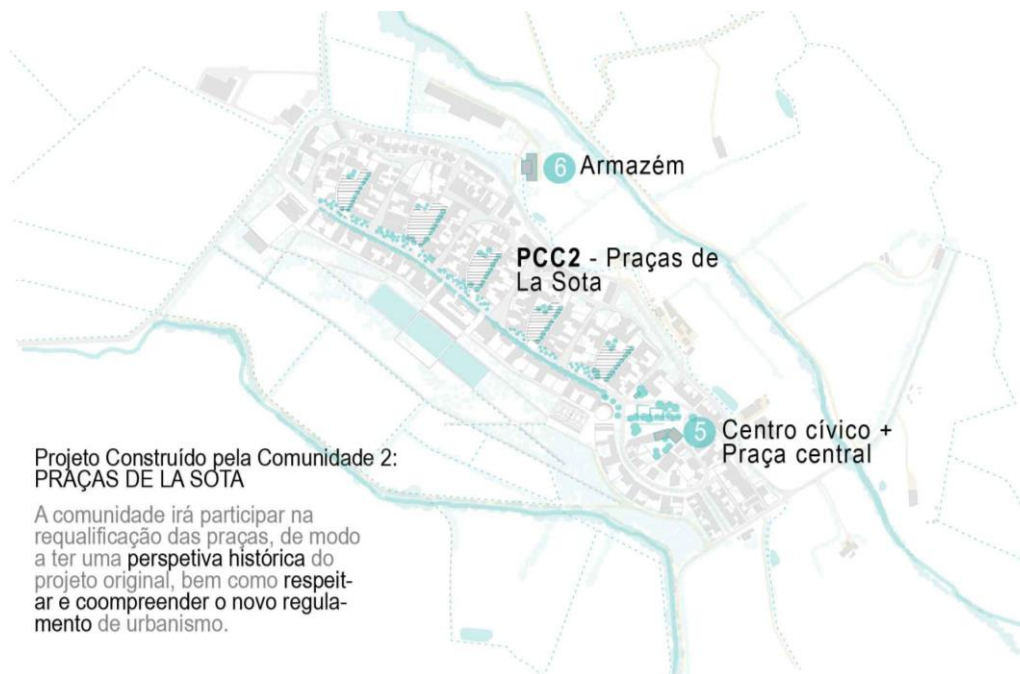


Figura 45: Esquema da segunda etapa de implementação do projeto em La Bazana, com o apoio da comunidade. **Fonte:** Equipa projetista.

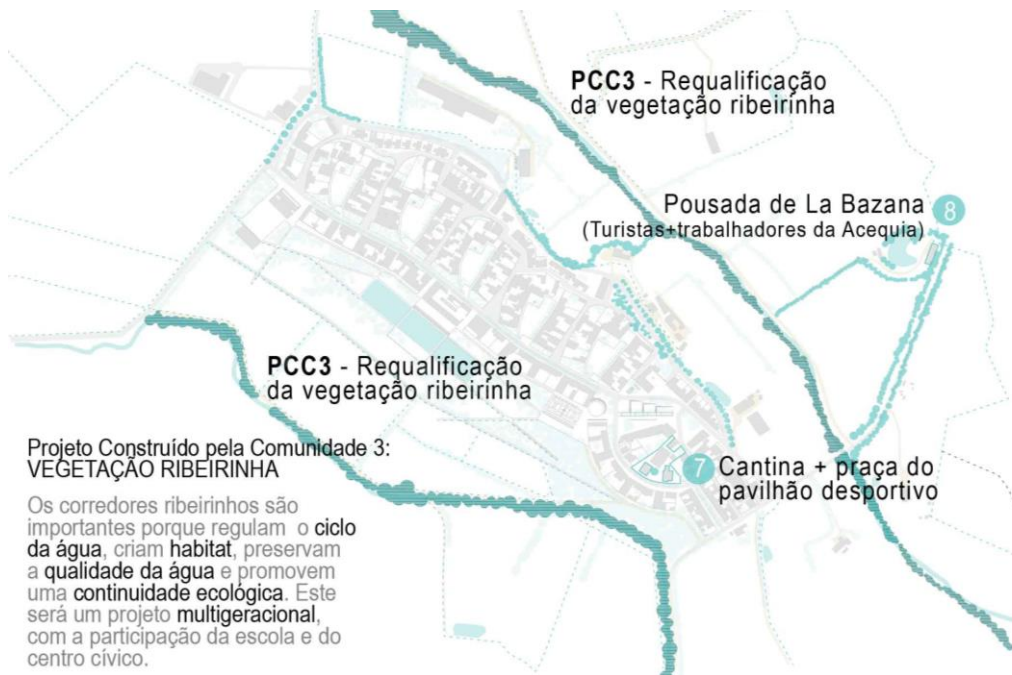


Figura 46: Esquema da terceira etapa de implementação do projeto em La Bazana, com o apoio da comunidade. **Fonte:** Equipa projetista.

Após a implementação total do projeto piloto, pretende-se que ele se expanda para todos os povoados de colonização. Após a implementação em La Bazana pretende-se que ele se expanda numa primeira fase para Brovales e Valungo, que são os povoados de colonização mais próximos e, posteriormente, para as restantes povoações.

Outros projetos realizados no estágio

5. Outros projetos realizados no estágio

Neste capítulo pretende-se fazer uma breve apresentação de outros trabalhos desenvolvidos ao longo do estágio. Numa breve descrição será dado mais ênfase às questões relacionadas com a comunidade. Os seguintes projetos apresentar-se-ão por ordem cronológica, conforme a sua realização, e sofrerão um aumento gradual na escala de trabalho. O primeiro será o projeto para a localidade de Hornachuelos, cujo programa foi centrado na criação de um espaço permeável comunitário e num lote de habitação acessível para jovens. O segundo, foi desenvolvido para Lillestrøm, e centrava-se na transformação de uma zona industrial num espaço multifuncional que fosse uma extensão da cidade. O terceiro e último projeto pretendeu criar uma estratégia de desenvolvimento sustentável para o corredor entre Oxford e Cambridge.

5.1. Projeto para Hornachuelos, Espanha – OutSideln

Este projeto foi realizado para o concurso de arquitetura Reth!nking. O concurso tem como conceitos base a Habitação, a Densidade, a Natureza, a Ecologia²⁴, o Detalhe²⁵, a Escala²⁶, os Limites²⁷ e a Mobilidade²⁸. Neste concurso em específico, *Living the collective*, os conceitos a explorar são habitação, densidade e natureza. Através da articulação destes três conceitos propõe-se criar um espaço coletivo, composto por espaço aberto e espaço edificado.

Passamos então a explorar a importância dos temas base para o desenvolvimento da proposta. O tema “habitação” é central no programa, que prevê a criação de uma zona habitacional com edifícios versáteis que se adaptem a diferentes estilos de vida. No programa prevê-se também que estes espaços sejam multifuncionais e tenham em consideração o uso coletivo para promover a interação social.

²⁴ Ecologia – É um conceito que é tido como reformulador e requalificador, sendo que as intervenções devem ser qualificadoras do lugar, resistentes e sinérgicas com o meio ambiente e as tecnologias. Aqui a sustentabilidade é um pilar importante, onde é necessário intervir para preservar.

²⁵ Detalhe – este refere-se ao mais ínfimo pormenor, que faz despertar a percepção e os sentidos sensoriais dos utilizadores do espaço.

²⁶ Escala – esta é tida em conta, como uma capacidade de relação de uns espaços com os outros e não como uma medida.

²⁷ Limites – este prende-se com a dificuldade de se identificar os limites físicos que compõem a cidade.

²⁸ Mobilidade – está relacionada com as infraestruturas de transporte e comunicação, onde estas são uma grande influência no traçado da cidade e da sua organização.

O tema “densidade” é bastante identitário deste local, sendo a densidade uma característica muito marcante deste aglomerado que, devido às suas características morfológicas, fisiográficas e históricas, não dispõe de muito espaço para se expandir. Os terrenos expectantes são raros e deverão ser ocupados de forma consciente e tendo em vista o bem comum. Apesar da proposta se desenvolver num espaço reduzido, deve respeitar as necessidades urbanísticas assim como a privacidade de cada um.

O tema “natureza” surge como orientador do programa do concurso porque se pretende, um equilíbrio entre o natural e o humanizado, através da noção de que as paisagens são feitas para serem usufruídas. Para tal é necessário existirem estruturas que possibilitem o seu usufruto sem pôr em causa as suas características. No caso específico desta proposta, a criação de relações físicas e visuais entre a zona urbana e a paisagem envolvente foi central no desenvolvimento da solução.

O objetivo do concurso é adaptar a cidade às novas necessidades inserindo novas valências, respeitando sempre a identidade do lugar. Estas adaptações também devem considerar os aspetos ecológicos, de forma a não comprometer o futuro destes espaços, e não romper com as ligações ecológicas a uma grande escala. Os novos elementos a inserir devem satisfazer as necessidades da comunidade, de modo a não desvirtuar os locais, e transformá-los em sítios apelativos e atrativos, para que constituam espaços de criação.

Foi pretendido que a intervenção estivesse dividida em duas partes: A primeira corresponde à intervenção parcial 1, que corresponde à área construída e é do domínio da arquitetura. Deverá constituir-se de habitação de qualidade para que possa atrair a população mais jovem. Esta área deverá incorporar, também, um espaço de domínio público. A intervenção parcial 2, corresponde aos espaços públicos abertos nomeadamente os arruamentos e o miradouro. Este espaço encontra-se sobre umas grutas e, como tal, não tem muita capacidade de carga, motivo este que levou a tornar-se num espaço permeável. Do domínio da arquitetura paisagista, esta área tem uma grande amplitude visual sobre a envolvente. Pretende-se que estes espaços sejam multifuncionais e do usufruto de todos.

5.1.1. Equipa

Arquitetura paisagista: P4 – Artes e Técnicas da Paisagem

Arquitetura: João Félix

5.1.2. Sítio do projeto

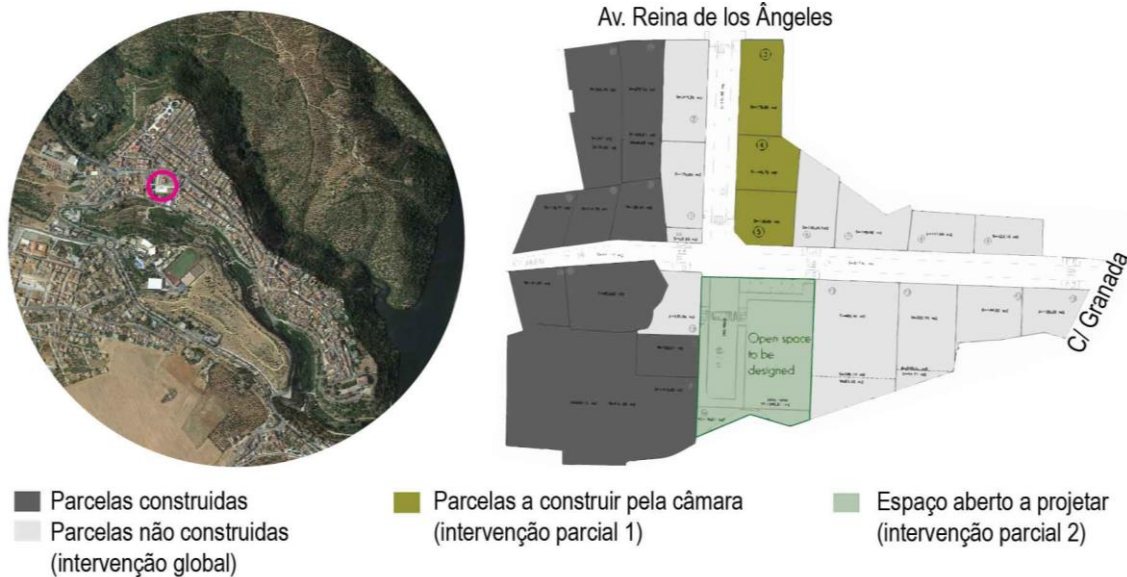


Figura 47: Localização da área de intervenção e zonamento da área a intervir. **Fonte:** Programa concurso

A área de intervenção localiza-se em Espanha, no município de Hornachuelos, Córdoba. Hornachuelos é um lugar de transições, estando localizado na transição entre as planícies do Rio Guadalquivir e as montanhas da serra Morena (Anexo 2, página 1 - Síntese Fisiográfica), entre os terrenos agrícolas do *Ager* e a flora natural do *Silva* (Anexo 2, página 2 - Uso do Solo). O fato de estar na zona de transição entre o rio e a montanha faz com que esteja, também, numa zona de transição climática (Anexo 2, página 3– Unidades Biogeográficas). O combinar destas características faz com que Hornachuelos se encontre numa zona de transição de unidades de paisagem (Anexo 2, página 4 - Unidades de Paisagem). As áreas de transição são zonas muito ricas ecologicamente e Hornachuelos não é exceção, assim; este “grito verde e azul de serras e água” (Marquez, 1976) tem de entrar pela localidade, para trazer a frescura e a amenidade que é identitária desta paisagem.

A área de intervenção tem uma extensão de 52000 m² e posiciona-se numa zona de transição entre o centro histórico e o vale encaixado. É um local fundamental na garantia da continuidade da estrutura ecológica no interior da cidade. A proposta pretende criar corredores verdes que tirem partido do potencial dos vazios urbanos. Com a função de criar sentido de comunidade, trazendo para esta população os elementos identitários do lugar (pontos de domínio visual sobre a paisagem) através dos espaços abertos, a estrutura ecológica suporta e fomenta, assim, a transformação que Hornachuelos merece.



Figura 48: Vista aérea de Hornachuelos. **Fonte:** espacios-naturales.blogspot.pt.

5.1.3. Conceito da proposta



Figura 49: Esquema do conceito da proposta. **Fonte:** Equipa projetista.

O nome atribuído a este projeto, muito relacionado com a metodologia de intervenção proposta, foi *OutSideIn*. O nome prende-se com a intenção de trazer toda a riqueza ecológica de fora para dentro da localidade criando, assim, uma conexão física e funcional com a paisagem envolvente. A proposta tem como objetivo fazer com que as pessoas tenham uma maior ligação com a paisagem e que esta, por seu lado, tenha uma maior influência sobre a estrutura da cidade. A ligação entre pessoas e paisagem é realizada através de locais onde é possível contemplar a paisagem (miradouros), servindo também como espaços de reunião e encontro, o que os torna espaços criadores de comunidade, tornando-se identitários desta localidade. A ligação paisagem/aglomerado será potenciada através da conexão dos miradouros, com os percursos pedestres e os espaços vazios, criando assim uma estrutura ecológica contínua. A área de intervenção, em conjunto com outras áreas já desenvolvidas, serão o motor destas ligações. Os miradouros serão os pontos de contacto entre a população

e a paisagem, tendo grande importância nesta localidade, devido à densidade de construção e à coerência de espaços abertos.

5.1.4. Espaços para criação de comunidade

Acompanhar a leitura com o plano presente no Anexo 2, página 5 – OutSideIn.

Neste projeto, a área de intervenção está dividida em duas partes. Ambas serão locais de criação de comunidade. Na intervenção parcial 1, são projetadas habitações de qualidade inspiradas nas casas tradicionais deste aglomerado, nomeadamente, nos seus terraços. No caso das habitações propostas, os terraços serão comunitários. Estes serão espaços de encontro e de contemplação, unindo as pessoas entre si e unindo-as com a paisagem, sendo assim geradores de comunidade. Neles foram projetadas pérgulas cobertas com plantas trepadeiras para que as pessoas aqui possam permanecer, usufruindo de sombras frescas. Além de serem locais de estadia, estes terraços com pérgulas contribuem, complementarmente, para a estrutura ecológica de Hornachuelos e para a regulação climática das habitações. Estes espaços são sobretudo caracterizados por serem multifuncionais e destinados a toda a comunidade.

A proposta para a área de intervenção parcial 2 foi dividida em duas fases: Na primeira fase, foi realizada uma modelação do terreno para amenizar o declive e criar uma zona relvada com várias depressões. Este relvado serve de zona de infiltração de água nos meses húmidos e de zona de recreio nos meses secos. Uma característica desta área é que, sendo dividida em várias bacias de retenção a cotas diferentes, é possível verificar a circulação da água, da área plantada mais a norte para a área mais a sul. Esta circulação é visível através dos percursos que passam por cima destas bacias, que foram planeados num pavimento translúcido. Esta elevação relativamente ao solo permite lembrar a instabilidade do terreno onde nos encontramos, assente sobre grutas, lembrando o carácter do lugar. A sul destas depressões foi criada uma zona, também ela relvada, mais elevada, funcionando como uma varanda com vista para o vale adjacente. Esta área mais elevada é limitada por uma bancada que permite uma estadia mais formal. Estas bancadas, na periferia das áreas plantadas, encontram-se dispostas em duas direções para que as pessoas tenham uma maior amplitude visual. Num espaço com uma grande densidade de construção como Hornachuelos, preservar um espaço aberto permeável é de extrema importância. Preservar os poucos espaços públicos é essencial para fortalecer o sentido de comunidade. O projeto, através da promoção do encontro e do recreio no espaço aberto, cria uma maior ligação entre os diversos membros da comunidade e entre as pessoas e a paisagem que as rodeia, aumentando a sua afetividade relativamente ao sítio onde vivem, contribuindo assim para a construção de comunidade.

Apesar das duas áreas terem potencial para contribuir para melhorias ao nível do sistema ecológico e da criação de espaços para a comunidade, a proposta parcial 2

permitiu, devido às suas características, criar espaços mais inclusivos e mais focados na comunidade.

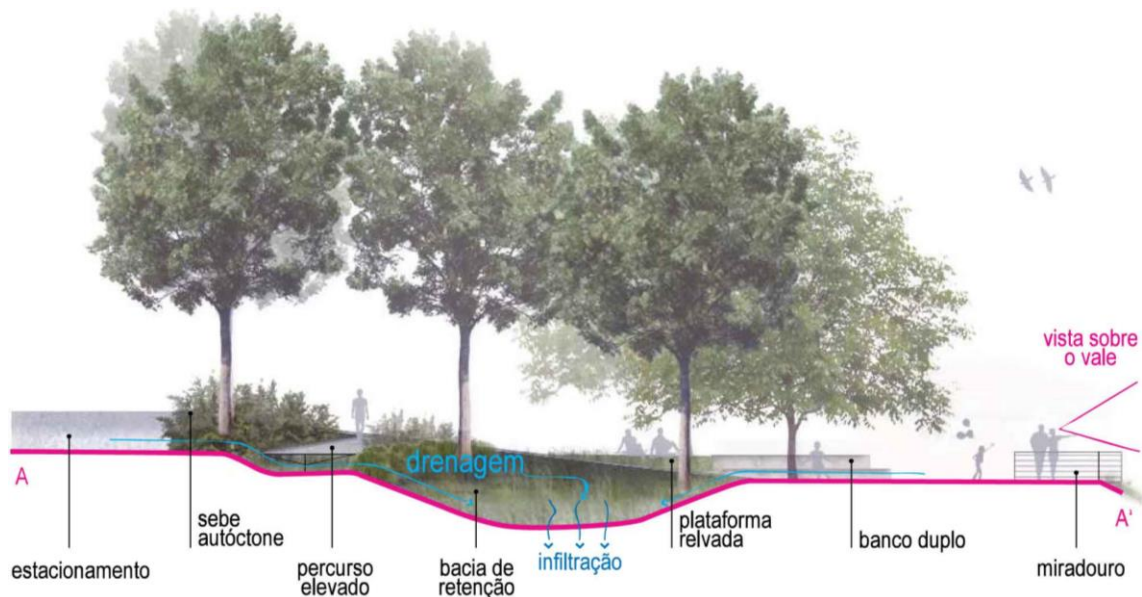


Figura 50: Corte da primeira fase da intervenção 2. **Fonte:** Equipa projetista.

Como complemento à proposta descrita propusemos uma segunda fase para a intervenção da área parcial 2, que pretende tirar partido dos vazios urbanos para criar uma ligação ecológica e funcional entre a zona alta e a zona mais baixa do aglomerado, centrada no elemento água. Apesar de não estar inserida no concurso, esta área é estruturante para a estratégia defendida – criação de uma estrutura ecológica urbana.

Nesta fase é desenvolvido um pequeno espaço de lazer e recreio e são criados locais de estadia para usufruto da paisagem. Em contraponto a uma zona de infiltração, côncava, onde se faz a retenção da água drenada da área do miradouro, existe uma zona convexa. Ambas são áreas de recreio informais e multifuncionais. Na ligação entre o miradouro e esta área, existe um percurso acompanhado por uma vala central onde se presencia a escorrência da água. Além de se poder usufruir da paisagem, este espaço permite que as pessoas se aproximem das grutas existentes.

Os espaços desenvolvidos nesta fase serão muito importantes para a estrutura ecológica da localidade por criarem uma continuidade entre vários pontos, importantes para a comunidade, e pela criação de espaços de encontro, recreio, lazer e estadia.

5.2. Projeto para Lillestrøm, Noruega – Sløw Stream

Este projeto foi também realizado no âmbito do concurso European 14. À semelhança do projeto para La Bazana, também foi projetado a duas escalas (sítio de projeto + sítio estratégico). No entanto, nesta proposta, o sítio de projeto era apenas uma fração do aglomerado urbano (Lillestrøm).

Segundo os subtemas já referidos no tópico 4.2.2., “Temas e subtemas do EUROPAN 14”, Lillestrøm insere-se no subtema “de área produtiva a cidade produtiva” onde foram incluídas as áreas periféricas que operam isoladamente do resto da cidade. Pretende-se então fazer com que este espaço faça parte do sistema urbano, gerando sinergias e complementaridades, tornando Lillestrøm uma cidade mais sustentável.

Posto isto, o objetivo do concurso para esta cidade, era que ela crescesse de forma inteligente, para que não se tornasse numa cidade dormitório. Assim sendo, foi proposta a reformulação de uma área industrial, o parque industrial de Nesa, oportunidade que surgiu da deslocação de uma indústria de grandes dimensões para outro local. O objetivo seria tornar esta área uma parte integrante da cidade e do seu plano de desenvolvimento, contribuindo para a multifuncionalidade de Lillestrøm. Para tal, pretendeu-se explorar o potencial de Nesa tornando-a numa área urbana, produtiva e multifuncional que estivesse integrada na paisagem envolvente. Estes objetivos serão possíveis através da conjugação das indústrias existentes com outras funções, nomeadamente a habitação, essencial para que a cidade pudesse albergar mais pessoas e funções de caráter público, com o objetivo de satisfazer a população e criar dinâmicas neste espaço. Dado o crescimento populacional da região é de destacar a importância da criação de habitações e espaços públicos que contribuam para a melhoria da qualidade de vida.

A intervenção proposta foi dividida em duas fases: Uma primeira fase onde se inclui a recuperação das indústrias que irão permanecer em Nesa, e uma segunda fase que corresponde ao restante espaço, resultante da desativação da maior indústria situada em Nesa, onde serão instalados os restantes programas.

5.2.1. Equipa

Arquitetura paisagista: P4 – Artes e Técnicas da Paisagem

Arquitetura: Ana Queirós e José Maia

5.2.2. Sítio Estratégico

O sítio estratégico – Lillestrøm - localiza-se na Noruega, no município de Skedsmo, a 18Km da capital, Oslo. Dada a sua proximidade com a capital e da sua grande rede de transportes públicos, Lillestrøm tem apresentado uma tendência consistente de aumento populacional. Para que não se torne numa cidade dormitório é necessário criar atratividade. O programa do concurso sugeriu que se criassem habitações para suportar este aumento populacional, mas, ao mesmo tempo, que se criassem espaços de encontro, recreio, lazer e que se melhorassem as infraestruturas de mobilidade suave. Era proposto ainda, que se salvaguardassem os recursos existentes, a conexão com o centro urbano e a futura conexão com a outra margem do rio. As propostas deverão ainda demonstrar a compreensão e integração nesta paisagem sensível.

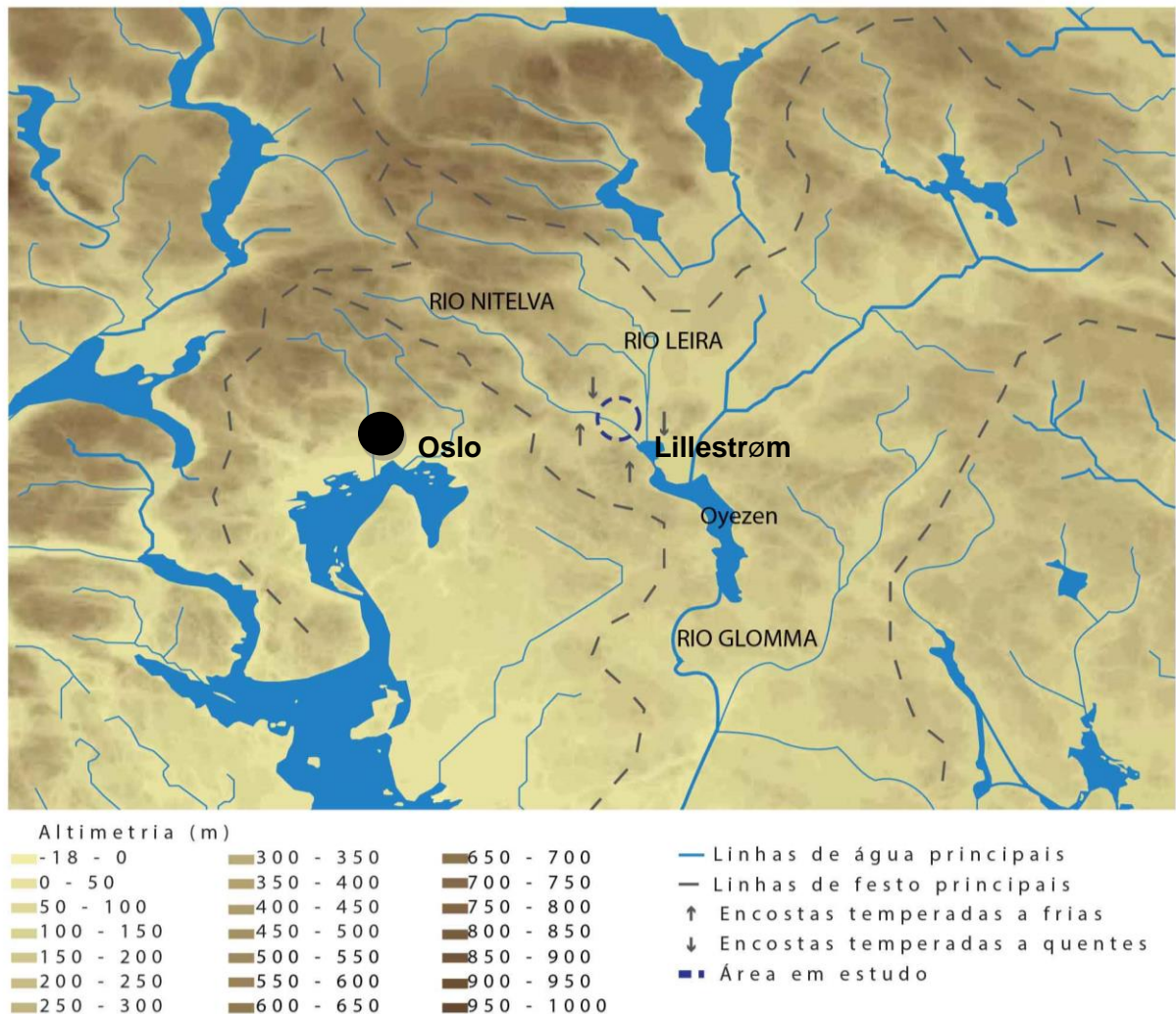


Figura 51: Localização de Lillestrøm em relação a morfologia e hidrografia desta região. **Fonte:** Equipa projetista.

O sítio estratégico é limitado por alguns elementos estruturantes: o Rio Nitelva, a sul, muito importante na definição de identidade do lugar e grande fonte de biodiversidade; a reserva natural de Sørumsneset, a oeste, elemento natural de grande importância; a linha de caminho-de-ferro, a noroeste, o símbolo da origem do aglomerado urbano e fonte de dinâmicas urbanas.



Figura 52: Zonamento do sítio do projeto e a sua envolvência. **Fonte:** Programa do concurso.

5.2.3. Sítio de projeto

O Sítio de Projeto é designado de Nesa Sul, localiza-se no extremo sudeste do sítio estratégico e é confinado pela reserva natural, o rio Nitelva e a estrada RV159. Esta área de transição entre a cidade e o rio é limitada por uma estrada de grande fluxo, que faz com que a ligação rio-cidade seja dificultada existindo, pontualmente, alguns pontos de passagem para Nesa Norte.



Figura 53: Polígono da área do projeto, sítio estratégico. **Fonte:** Equipa projetista.

Figura 54: Polígono da área do projeto sítio do projeto. **Fonte:** Equipa projetista.

Nesa Sul, é atualmente uma zona de uso exclusivamente industrial, sendo o objetivo do concurso transformar esta área numa área habitacional, com as devidas estruturas de apoio à população. Atualmente, Nesa Sul é composta por 6 indústrias diferentes, devidamente limitadas por um complexo sistema de vedações.

A proposta para Nesa será dividida em duas fases: na primeira fase é pretendido que se faça o ordenamento das indústrias e locais de comércio que permanecerão, compostas por uma farmacêutica (Life Technologies As), um espaço de lavagem de automóveis (Car Wash), uma loja de materiais de construção (Maxbo), uma zona de aluguer de contentores (ok Mini Storage), armazéns industriais (Storage facilities) e uma indústria de equipamento elétrico (Tavlebygger'n / Berggård Amundsen). Numa segunda fase deverão construir-se as habitações e os locais de apoio à população, nomeadamente escolas, serviços, etc. Esta fase deverá ser desenvolvida na área correspondente à *Dynea* -indústria de aglutinantes de madeira- e que ocupa a maior fração de Nesa Sul. Esta será relocada devido ao seu impacto ecológico e à falta de integração no desenvolvimento sustentável pretendido pelo município.

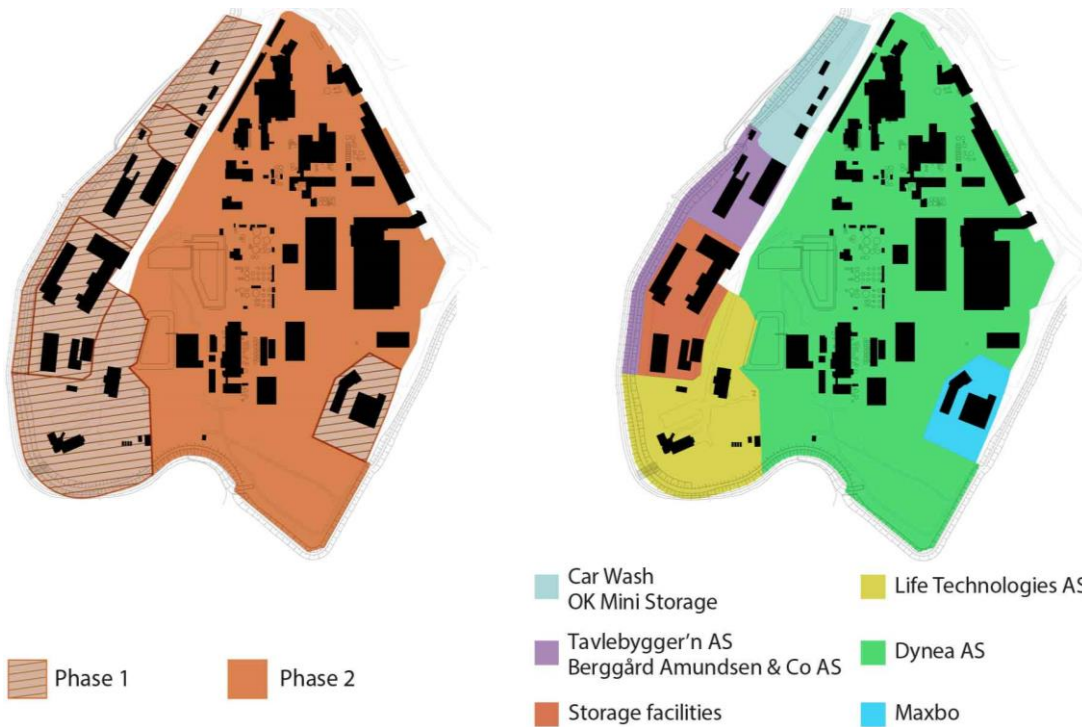


Figura 55: Fases de implementação do projeto e zonamento das indústrias existentes. **Fonte:** Programa do concurso.

5.2.4. Conceito da proposta



Figura 56: Logotipo do conceito da proposta. **Fonte:** Equipa projetista.

O conceito desta proposta foi baseado nas dinâmicas sociais, ambientais e económicas. Ao realizarmos conexões consistentes nestas dinâmicas criamos uma rede de produtividade. Estas ligações podem ser realizadas através de corredores, que terão a função de proteção, conexão, produção e recreio. Nesta encontra-se numa zona de transição entre o aglomerado urbano, o rio e a reserva natural e é objetivo desta proposta tirar partido destas dinâmicas. A criação desta rede produtiva é essencial para preservar a identidade do lugar, mais precisamente a identidade produtiva desta zona. Para tal pretende-se levar para o interior da área estratégica toda a dinâmica da envolvente, através de corredores ecológicos, com o objetivo de expandi-los para toda

a cidade. Esta rede irá manter a identidade produtiva, e irá criar mais diversidade de funções e espaços, para assim atingir a multifuncionalidade. O conceito de 'Sløw Stream' está relacionado, num sentido mais figurativo, com a criação de um novo canal meandrizado que atravessa Nesa representando, simbolicamente, a fertilidade trazida pela água, mas também com a criação de um bairro mais voltado para o peão e para a bicicleta, mais lento, promovendo a mobilidade suave.



Figura 57: Esquema representativo das dinâmicas pretendidas pelo sistema urbano, pela estrutura ecológica e pela água. **Fonte:** Equipa projetista

5.2.5. Reformulação de um espaço para expansão da comunidade

Acompanhar a leitura com os documentos presentes no anexo 3 – Sløw Stream

Sítio estratégico

Em relação à intervenção no sítio estratégico, a proposta está essencialmente voltada para a criação de áreas de recreio, lazer e educação. Estas áreas são parte integrante da estrutura ecológica. Esta estrutura é proposta a partir dos corredores ecológicos principais e pretende criar orlas de proteção para limitar a expansão a locais mais sensíveis, como a reserva natural de Sørumsneset. Em relação ao Rio Nitelva, que assume um grande papel nas dinâmicas ecológicas, económicas e sociais desta localidade, é proposta a recuperação do ecossistema de sapal que desapareceu devido à expansão urbana. A regeneração deste ecossistema pretende recuperar a identidade deste local, assim como cumprir funções ecológicas, diminuindo a velocidade do rio, de

forma a proteger esta comunidade de eventuais cheias e criando maior biodiversidade. O sapal, para além da grande importância ecológica e identitária que tem em Lillestrøm, é também um espaço muito importante para a educação da comunidade para a importância destes sistemas.

Para tal, propõe-se um parque ao longo desta margem ribeirinha, que será um grande espaço aberto de recreio e lazer para a comunidade. Neste parque são propostas zonas de mata e de clareira, de forma a criar uma maior diversidade de funções e de espaços. As zonas de mata desenvolvem-se mais perto da via automóvel, de modo a criar uma barreira de proteção visual e sonora; as zonas de clareira posicionam-se mais próximas do rio, sendo por excelência espaços multifuncionais, adequadas para diversos tipos de atividades recreativas. O clima na Noruega permite que este espaço tenha funções distintas ao longo de todo o ano; esta comunidade tem uma grande relação com o espaço público, o que faz com que tire grande partido deste tipo de espaços sempre que possível. Como defende Hester²⁹, todas as comunidades têm recursos significativos, como um rio ou uma mata, porque sem tais recursos, a cidade não se desenvolve nesse local, o que faz com que seja essencial aproveitar todo o potencial destas zonas. Estes recursos, ou “*Fishheads*”, como defende Hester numa das suas perspetivas, são essenciais numa comunidade para o seu desenvolvimento (Project for Public Spaces, 2009).

A estrutura ecológica, rede estruturante no desenho do sítio de projeto, promove áreas verdes permeáveis e multifuncionais; estes espaços são geradores de oportunidades e importantes no planeamento do espaço. Estes lugares são projetados com o objetivo de serem “lugares sagrados³⁰”, espaços que servirão para que a comunidade se identifique com eles, criando fortes ligações com estas novas áreas.

²⁹ Randolph Hester é um arquiteto paisagista, professor e sociólogo que centrou o seu trabalho na aplicação de metodologias sociológicas para o desenho de bairros, cidades e paisagens. Hester é um forte defensor da participação da comunidade no desenvolvimento (Berkeley, university of California, 2017).

³⁰ Lugares sagrados são as áreas, recursos e elementos de uma cidade ou bairro com os quais a comunidade possui uma forte conexão (Project for Public Spaces, 2009).

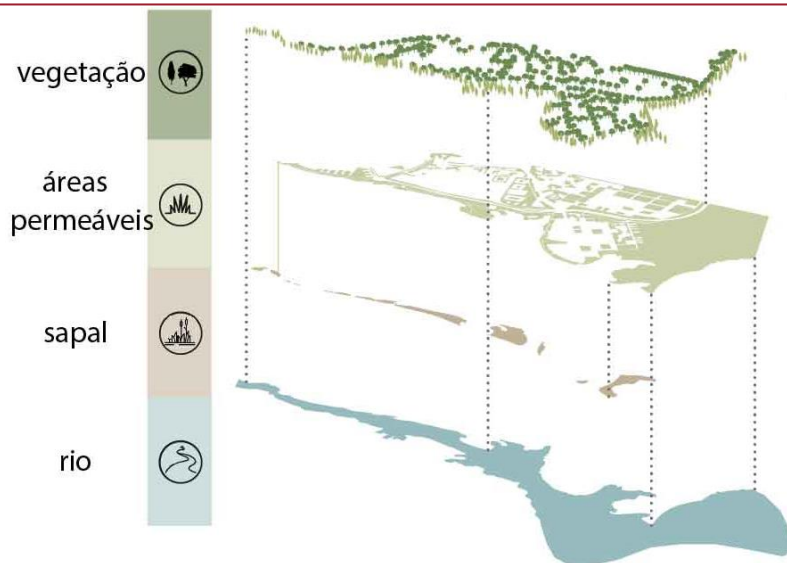


Figura 58: Esquema representativo das diferentes camadas da estrutura ecológica proposta e existente. **Fonte:** Equipa projetista

Nesta área estratégica também foi desenvolvida uma rede de mobilidade, voltada essencialmente para a mobilidade suave, que surge para complementar o sistema de percursos existentes. A rede de transportes públicos foi também melhorada criando-se, para tal, uma nova linha de metro que une as duas margens do rio. Esta ligação é fundamental para que o rio não seja uma barreira para a comunidade, criando dinâmicas entre as duas margens. Para que estas dinâmicas sejam ainda mais potenciadas, é também proposta uma passagem pedonal e uma viária, de modo a potenciar a produtividade. Esta estrutura, para além de melhorar a mobilidade e encurtar a distância entre as duas margens, funcionará também como miradouro, o que promoverá um maior contacto da população com a paisagem envolvente.

A rede de mobilidade suave estará totalmente integrada nos corredores ecológicos e fará uma ligação entre todas as zonas de Lillestrøm, facilitando a deslocação dos residentes. Ao longo destes percursos também serão desenvolvidas áreas de estadia, umas mais próximas do percurso principal e outras mais afastadas, criando áreas mais intimistas. Estas áreas têm como objetivo serem locais de encontro e de reunião, para que possa haver um maior contacto entre os diferentes utilizadores deste espaço e, assim, desenvolver o sentido de comunidade. Algumas destas áreas posicionam-se sobre o rio para que a comunidade possa realizar atividades relacionadas com o plano de água, como a pesca. O acesso a estas áreas sobre o rio é feito através de percursos sobrelevados, reduzindo o impacto ecológico e protegendo o sapal. Estes percursos sobrelevados desenvolvem-se, também, dentro da reserva natural, para que a comunidade tenha um maior contacto com este sistema natural, ficando mais sensibilizadas para as importantes funções de regulação que este ecossistema desempenha.

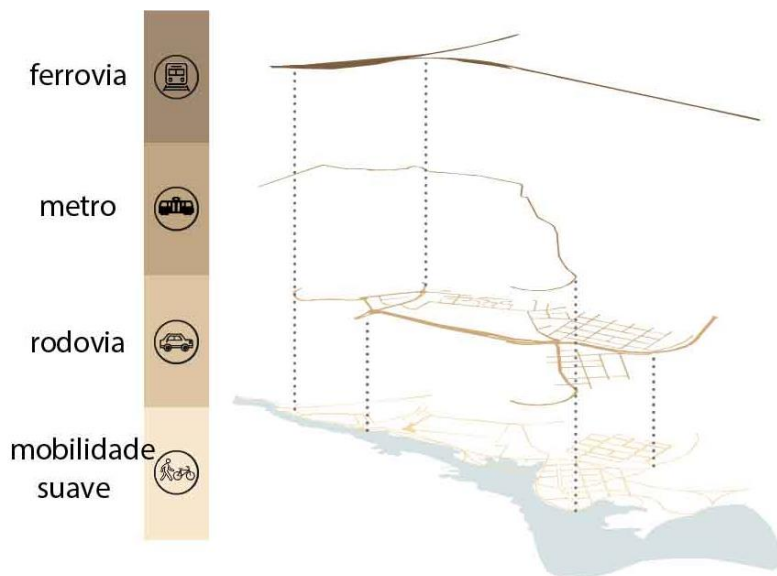


Figura 59: Esquema representativo do sistema de percursos proposto e existente. **Fonte:** Equipa projetista

A forte relação entre a estrutura ecológica e a rede de mobilidade beneficia ambas as estruturas. Se, por um lado os percursos são corredores que permitem facilmente a implementação e a continuidade da estrutura ecológica, por outro a presença desta estrutura torna a utilização dos vários percursos mais agradável e confortável.



Figura 60: Fotomontagem do percurso ribeirinho proposto junto às indústrias. **Fonte:** Equipa projetista.

Sítio do projeto

No sítio de projeto, complementarmente à estrutura ecológica, é proposta uma rede de espaços construídos que desempenhem as funções essenciais para o desenvolvimento sustentável desta comunidade, garantindo locais para habitar, educar, produzir e

comercializar. Estes espaços terão a função de atrair novas pessoas para este novo bairro de Lillestrøm, respondendo às necessidades prementes de habitação. Este aumento de população trará para esta localidade muitas pessoas que não estão familiarizadas com esta comunidade, sendo necessário integrá-las e criar elos com a comunidade existente.

O desenho para este espaço é desenvolvido através dos corredores ecológicos referidos anteriormente, estes são multifuncionais e também têm a função de proteger este local dos ventos, da poluição e dos ruídos. Foram propostos, para esta área vários elementos de água, trazendo para o interior do bairro este elemento identitário. A presença da água representa a fertilidade e a frescura presente na envolvência, e com ela é promovido o recreio no interior do tecido urbano. Neste tecido urbano também foram criadas praças, promovendo a proximidade entre as pessoas. Quanto mais contacto houver entre as pessoas, mais interações vão surgir e mais integradas na comunidade vão ficando.

Nesa distingue-se dos restantes bairros de Lillestrøm pela tipologia de habitação proposta. Os bairros tradicionais são compostos por moradias unifamiliares, geralmente de dois pisos. No entanto, a grande procura de habitação em Lillestrøm e as reduzidas opções para expansão deste tecido urbano (Lillestrøm encontra-se limitado pelo rio a sul e a poente e pela reserva natural a nascente) ditaram que a tipologia de habitação fosse plurifamiliar. Os edifícios mais altos encontram-se mais afastados do rio, junto ao limite norte, zona com maior capacidade de carga. A altura dos edifícios vai reduzindo à medida que nos vamos aproximando do rio, zona mais sensível. Esta disposição garante ainda a melhor exposição solar de todos os edifícios, sendo que a zona mais a sul é ocupada pelas estufas comunitárias, que beneficiarão da melhor exposição solar de toda a Nesa.

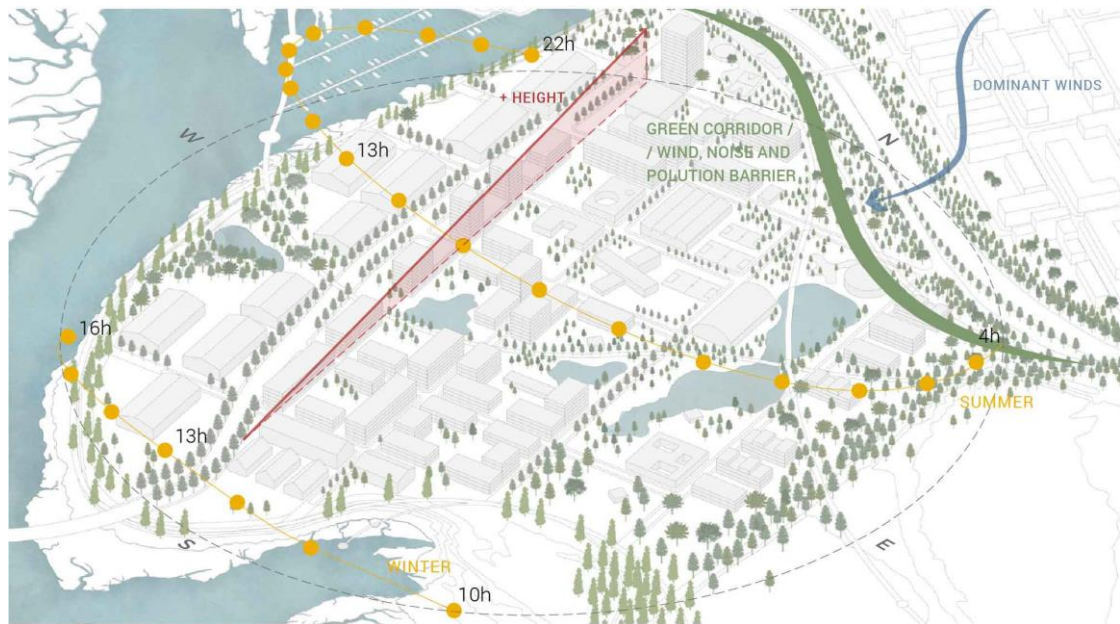


Figura 61: Esquema da relação do movimento do sol e das brisas dominantes com a altura do edificado proposto. **Fonte:** Equipa projetista.

Todos os edifícios de habitação propostos albergam outras funções, como o comércio, escritórios ou oficinas. Os pisos térreos destes edifícios serão permeáveis e multifuncionais, criando assim uma praça interior com ligações físicas e visuais com o bairro e o rio. Esta conjugação de funções faz com que estes edifícios sejam espaços multifuncionais e tenham um maior fluxo de utilizadores, promovendo assim novas dinâmicas entre eles.

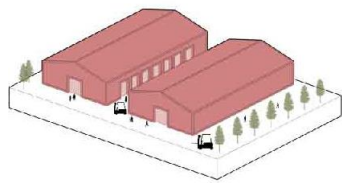
Nos edifícios com piso térreo serão instaladas as zonas de comércio e os serviços públicos. Estas funções estão presentes quer na área de intervenção (Nesa Sul) quer na zona a norte, de forma a assegurar uma continuidade funcional com Nesa Norte, pensando no bairro como um todo. Esta continuidade fará com que as pessoas de Nesa Norte e Nesa Sul compartilhem os espaços de forma a promover uma maior integração na comunidade.

Para além dos elementos referidos, que serão essenciais para a criação de comunidade, foram projetadas outras funções que terão o objetivo de promover as dinâmicas entre os diversos elementos da comunidade. Uma das propostas, a **Dynea Tower**³¹, funcionará como marco identitário das antigas instalações industriais situadas neste local; será um edifício de habitação e escritórios, sendo que o último piso será um miradouro de uso público, com vista sobre a cidade, o parque e o rio. Propõe-se ainda

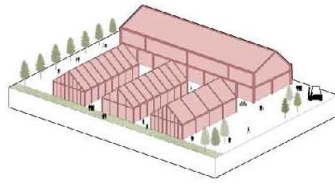
³¹ Dynea Tower é o edifício mais alto de Nesa sul e representa a chaminé da antiga área industrial, que era o elemento mais alto desta zona e marcante pela sua cor azul.

uma escola, serviço de extrema importância para a qualidade de vida e integração na comunidade e **um mercado**, que se encontra no grande parque do bairro e que será um local muito importante para a interação interpessoal e para a estimulação da economia local. Estes espaços são fundamentais para a comunidade, porque é neles que as pessoas têm um maior contacto com quem as rodeia, promovendo assim o sentimento de pertença, a identificação com os restantes membros da comunidade e a confiança nesta. Propomos também um **centro comunitário**, fundamental para a troca de experiências entre as pessoas, onde são promovidas atividades e discussões sobre as necessidades da comunidade, podendo ser este o local onde as pessoas mais contribuem com ideias para melhorar a cidade. Outra das propostas é a criação de um **Centro interpretativo da reserva natural e do Rio Nitelva**, onde é explorada a importância que a paisagem envolvente tem na identidade desta comunidade e no suporte ecológico e económico de Lillestrøm. Neste centro serão promovidas atividades de educação e sensibilização ambiental, assim como atividades relacionadas com a descoberta da paisagem envolvente. Prevê-se também a criação de um **Centro cultural**, local onde se promovem atividades de carácter educativo e cultural, que servirão de elo de ligação entre os diversos elementos da comunidade. São ainda propostos mais programas voltados para a comunidade, como a **biblioteca**, uma **área desportiva**, o **pavilhão desportivo**, o **parque infantil**, **cafetarias**, uma **galeria de arte**, uma **casa de chá**, **estufas comunitárias**, **oficinas comunitárias** e um **centro de transformação comunitário**.

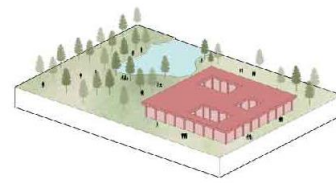
Todas as estruturas planeadas irão contribuir para a criação do sentido de comunidade, quer através da partilha de uma atividade, como o desporto, ou de aprendizagens, como a escola. Se as pessoas criarem um senso de propriedade para com o espaço público, baseado na responsabilidade coletiva, na associação familiar e no uso frequente, esses espaços tornam-se vitais numa comunidade. Este senso de comunidade designa-se de “espaço de vizinhança”. Embora o espaço de vizinhança ocorra naturalmente através da interação da comunidade e do uso do espaço físico, é sempre necessária uma facilitação através do desenho do projeto; mas para que este seja bem-sucedido, precisa de ser um produto do processo de desenvolvimento da comunidade (Project for Public Spaces, 2009).



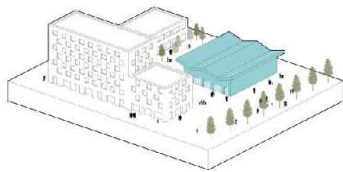
EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS
Dinâmicas sociais e económicas



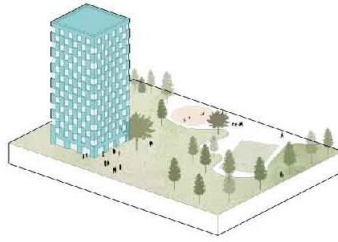
ESTUFAS COLETIVAS E
CENTRO DE TRANSFORMAÇÃO
Dinâmicas económicas, sociais e
ambientais



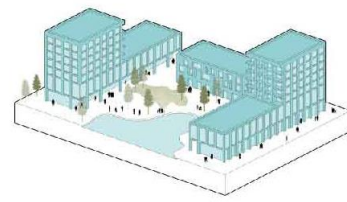
CENTRO INTERPRETATIVO DE
SØRUMSNESET
Dinâmicas económicas, sociais e
ambientais



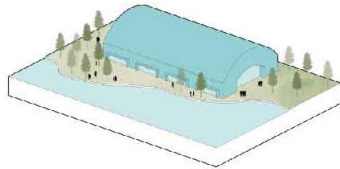
ESTAÇÃO DE METRO
ESTACIONAMENTO DE BICICLETAS
Dinâmicas económicas, sociais e
ambientais



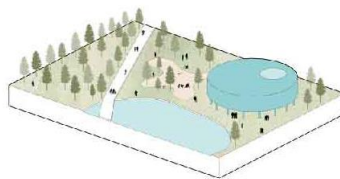
DYNEA TOWER
Dinâmicas económicas e sociais



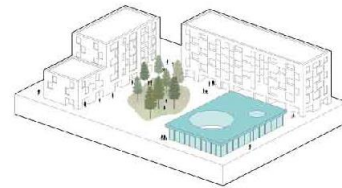
ELEMENTO DE ÁGUA DENTRO DO
QUARTEIRÃO RESIDENCIAL
Dinâmicas económicas, sociais e
ambientais



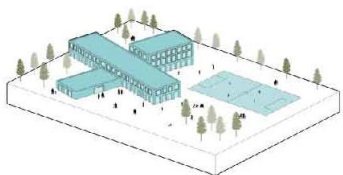
MERCADO DE PROXIMIDADE
Dinâmicas económicas, sociais e
ambientais



CENTRO COMUNITÁRIO
Dinâmicas sociais



BIBLIOTECA - CENTRO
RECREATIVO, CULTURAL E
EDUCATIVO
Dinâmicas sociais



ESCOLA PRIMÁRIA E
SECUNDÁRIA
Dinâmicas sociais



ÁREA DESPORTIVA
Dinâmicas sociais



QUARTEIRÃO RESIDENCIAL
Dinâmicas económicas, sociais e
ambientais

Figura 62: Tipologia e edifícios propostos na área de projeto e dinâmicas associadas. **Fonte:** Equipa projetista.

5.3. Projeto para o corredor Oxford Cambridge, Reino Unido – W.E.B. West East Bond

Este projeto foi promovido pela “National Infrastructure Commission” e organizado pela “Malcolm Reading Consultants”. A entidade promotora do concurso é uma organização que identifica as necessidades de infraestruturas e as apresenta ao parlamento, com o intuito de atuar sobre as zonas carenciadas. Para este concurso, o objetivo era realizar um modelo de desenvolvimento para o corredor de ligação de Oxford a Cambridge.



Figura 63: Corredor de ligação Oxford-Cambridge, sem escala. **Fonte:** 5th Studio; Programa do concurso.

Esta competição está organizada em duas grandes fases - na primeira terá de ser entregue uma visão inovadora e sustentável que resolva os problemas do corredor e os detalhes da equipa participante, preferencialmente uma equipa multidisciplinar; na segunda fase, à qual só passarão quatro equipas, serão distribuídos novos *briefs*, com o objetivo de orientar a criação de propostas para quatro zonas específicas do corredor. Estas quatro equipas passarão a trabalhar em conjunto com a entidade promotora, para o desenvolvimento de um relatório que será entregue ao parlamento.

Este corredor é caracterizado por ser uma das zonas mais produtivas do Reino Unido, devido à presença de grandes universidades e de empresas de trabalho altamente qualificado, sendo também a zona onde há maior concentração de pessoas qualificadas. A conjugação destas duas características faz com que a economia do corredor seja baseada numa “economia do conhecimento”, que é caracterizada pela “sinergia de uma

série de inovações sociais, institucionais, tecnológicas, organizacionais, económicas e políticas, a partir das quais a informação e o conhecimento passaram a desempenhar um novo e estratégico papel” (Lastres & Albagli, 1999), conjugando assim a economia baseada na produção, com o uso e distribuição de conhecimento.

O corredor abrange uma parte do *greenbelt* de Londres, o que faz com que a expansão urbana dos aglomerados presentes nesta faixa seja limitada e, por consequência, não satisfaz a necessidade de habitação destas localidades, fazendo assim disparar o preço do setor imobiliário. Por sua vez, este aumento do valor imobiliário poderá afastar as pessoas e as empresas desta zona, influenciando assim a economia deste corredor. Para além da carência de habitação, este corredor também tem a carência de infraestruturas de ligação entre as localidades.

Assim sendo, o objetivo deste concurso é realizar uma proposta conceptual inovadora, sustentável e criativa, para resolver os problemas associados ao corredor, de forma a estimular o crescimento e torná-lo numa zona mais atrativa. A proposta também deverá preservar e aumentar a rede de conhecimento e assim preservar a identidade do lugar. No fundo, o que se pretende é consolidar uma grande comunidade através da conexão e melhoria da qualidade de vida das pequenas comunidades.

Para que tal seja atingido, o programa sugere algumas tipologias de crescimento para estas localidades, podendo também ser sugeridas pelas equipas projetistas outras tipologias de desenvolvimento. As tipologias apresentadas pelo promotor do concurso (figura 63) foram: intensificação urbana, lugares conectados e lugares autónomos. No que respeita à intensificação urbana, pode ser tanto no centro das localidades, como nos subúrbios, ou na periferia; os lugares conectados consistem numa extensão urbana, agregada às infraestruturas ou a pequenos aglomerados existentes; no que diz respeito aos lugares autónomos pretende-se desenvolver novos aglomerados urbanos com novas estruturas, podendo ser pequenas ou grandes cidades.

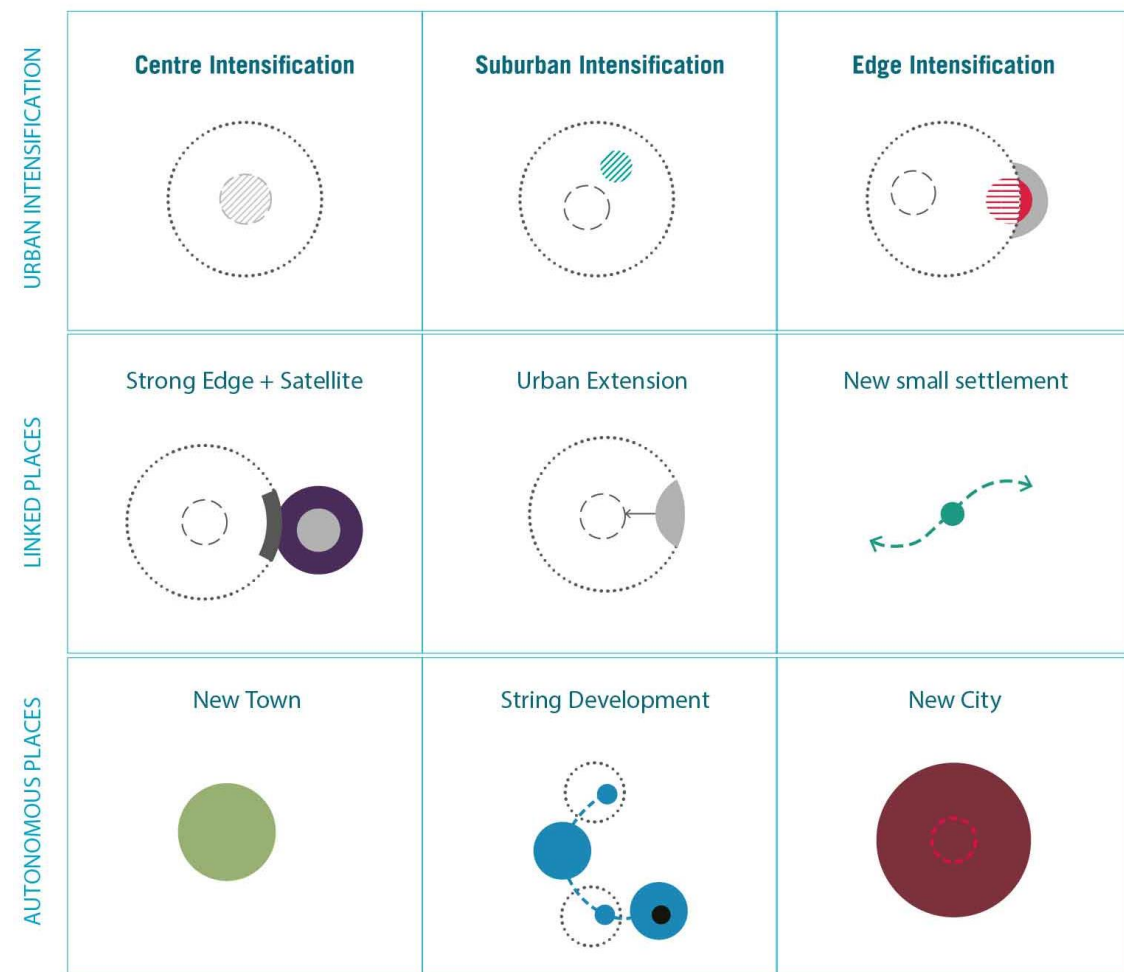


Figura 64: Tipologias de crescimento propostas pelo NIC. **Fonte:** 5th Studio; Programa do concurso.

5.3.1. Equipa

Arquitetura paisagista: P4 – Artes e Técnicas da Paisagem

Arquitetura: Ana Queirós e José Maia

Direito: Helena Barbosa Amaro

Geografia: ICA - Climate Independent Adviser

Geobotânica e fitossociologia: Mauro Raposo

Engenharia civil e ambiental: André Gomes Antunes e Márcia da Mina Silva

Plataforma multidisciplinar: Ateliernob

Criatividade e Inovação: Mindshake

5.3.2. Sítio do projeto

O corredor Oxford – Cambridge localiza-se a norte de Londres, Reino Unido. Tem uma extensão de 209,21km e uma área de 10100,95Km², abrangendo cidades como Oxford e Cambridge, ambas conhecidas cidades universitárias; Northampton, uma das maiores cidades de Inglaterra; Milton Keynes, cidade criada no pós-2^a Guerra mundial e com a maior universidade de Inglaterra; e uma parte do *greenbelt*³², fator limitador da expansão urbana de algumas cidades. Este corredor conta com uma população de 3,3 milhões de pessoas e tem uma grande tendência para aumentar.

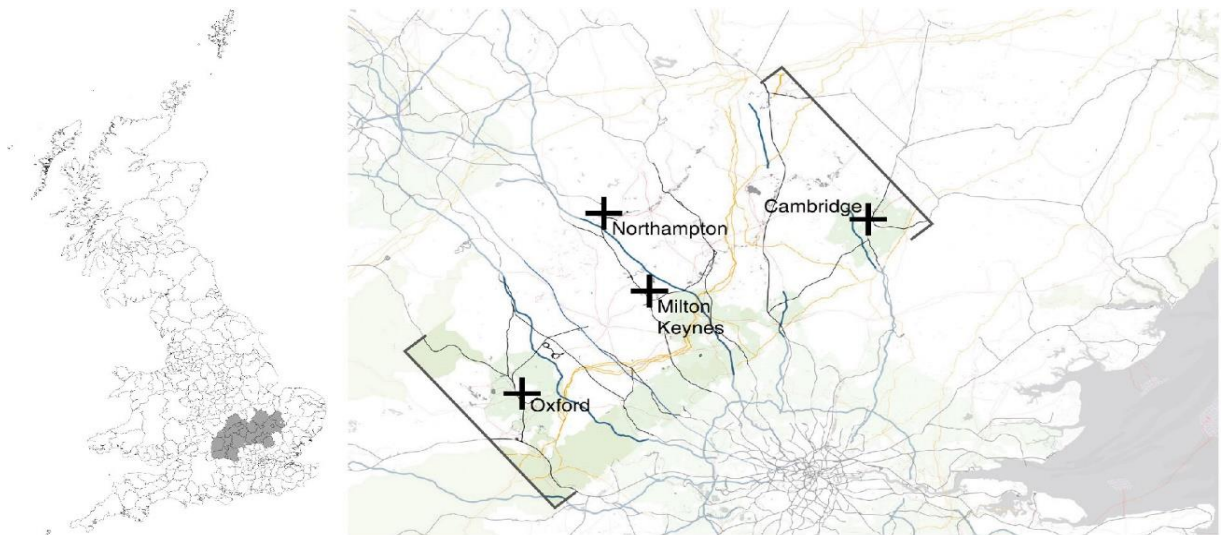


Figura 65: Enquadramento do corredor em Inglaterra e localização das cidades mais importantes do corredor. **Fonte:** 5th studio, Programa do concurso.

No centro da área em estudo, existe uma linha de fecho que faz a separação dos rios principais desta região, nomeadamente os rios Cam, Ouse Isis e Cherwell, que drenam para Fens e o rio Thames (rio que passa em Londres) que drena para oeste. É junto a estes rios que se encontram as maiores cidades do corredor, o que limita a expansão urbana das mesmas devido à zona de cheia dos rios. A área em estudo encontra-se ainda limitada, a norte por pequenas colinas denominadas de Cotswolds e a sul por pequenas escarpas calcárias que se estendem de Oxfordshire³³ até Buckinghamshire, e são denominadas de Chilterns.

³² Greenbelt – Estas cinturas verdes, são espaços multifuncionais que circundam aglomerados urbanos, com a função de limitar a expansão urbana, proteger o espaço rural, preservar o caráter das cidades históricas, impede a sobreposição das cidades e auxilia a regeneração urbana contribuindo, em muito, para a sua estrutura ecológica (London Green Belt council, 2018).

³³ O prefixo Shire, faz referência aos condados, neste caso ao condado de Oxford.

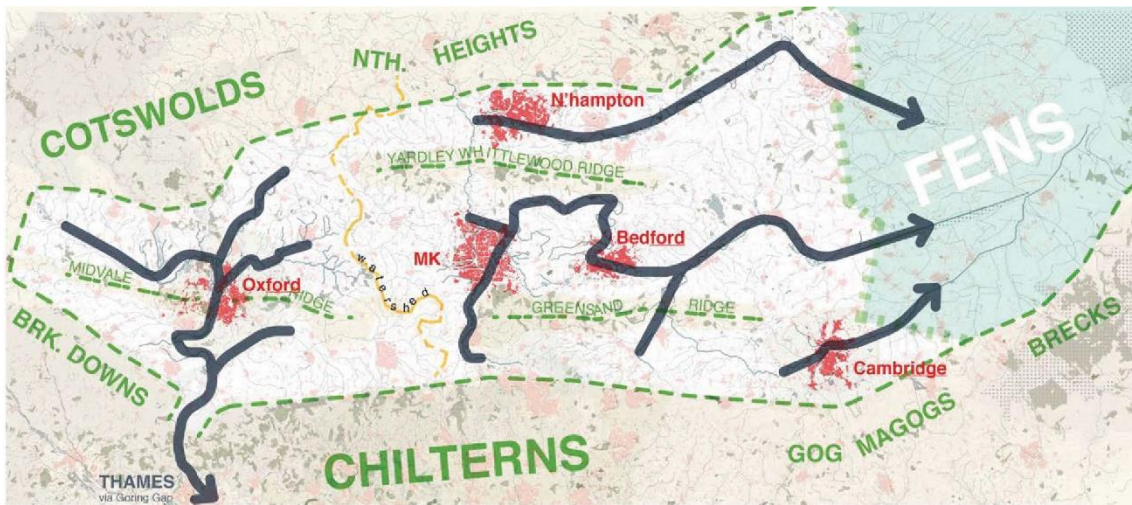


Figura 66: Relação da área de intervenção para com as características morfológicas e hidrográficas. **Fonte:** Programa do concurso.

Apesar dos constrangimentos no aumento dos aglomerados urbanos (rios e *greenbelt*), este corredor também apresenta a carência de infraestruturas, nomeadamente as de transporte. Existem boas ligações norte/sul, mas é nas ligações este/oeste, que surgem as maiores limitações. A rede viária (Figura 67) possibilita a ligação entre estas localidades, mas através de estradas secundárias, visto que as autoestradas só fazem a ligação norte/sul. A inexistência de autoestradas, este/oeste, faz com que as ligações dentro do corredor sejam lentas e demoradas, o que não contribui para o desenvolvimento da região e não oferece a oportunidade de as pessoas poderem morar longe do trabalho, aumentando a pressão imobiliária. Em relação à rede ferroviária (figura 68), a situação torna-se mais complicada, visto que a única forma de se viajar dentro do corredor é passando por Londres, o que causa um grande congestionamento de pessoas nas estações ferroviárias de Londres, fazendo com que as viagens sejam mais longas e demoradas. Estas demoras, distâncias e congestionamentos afetam o quotidiano das pessoas, fazendo do percurso casa-trabalho um percurso lento e cansativo. Estas consequências fazem com que as pessoas prefiram ir trabalhar para a Capital, devido à facilidade dos acessos.

Estes constrangimentos afetam diretamente a vida desta comunidade, assim como a economia do corredor, já que as deslocações a Londres são mais fáceis e práticas. Estando o problema identificado foram realizadas propostas para o solucionar, nomeadamente através da construção da East West Rail (EWR) e da Oxford to Cambridge Expressway (OCE)- uma nova linha férrea e uma nova autoestrada.

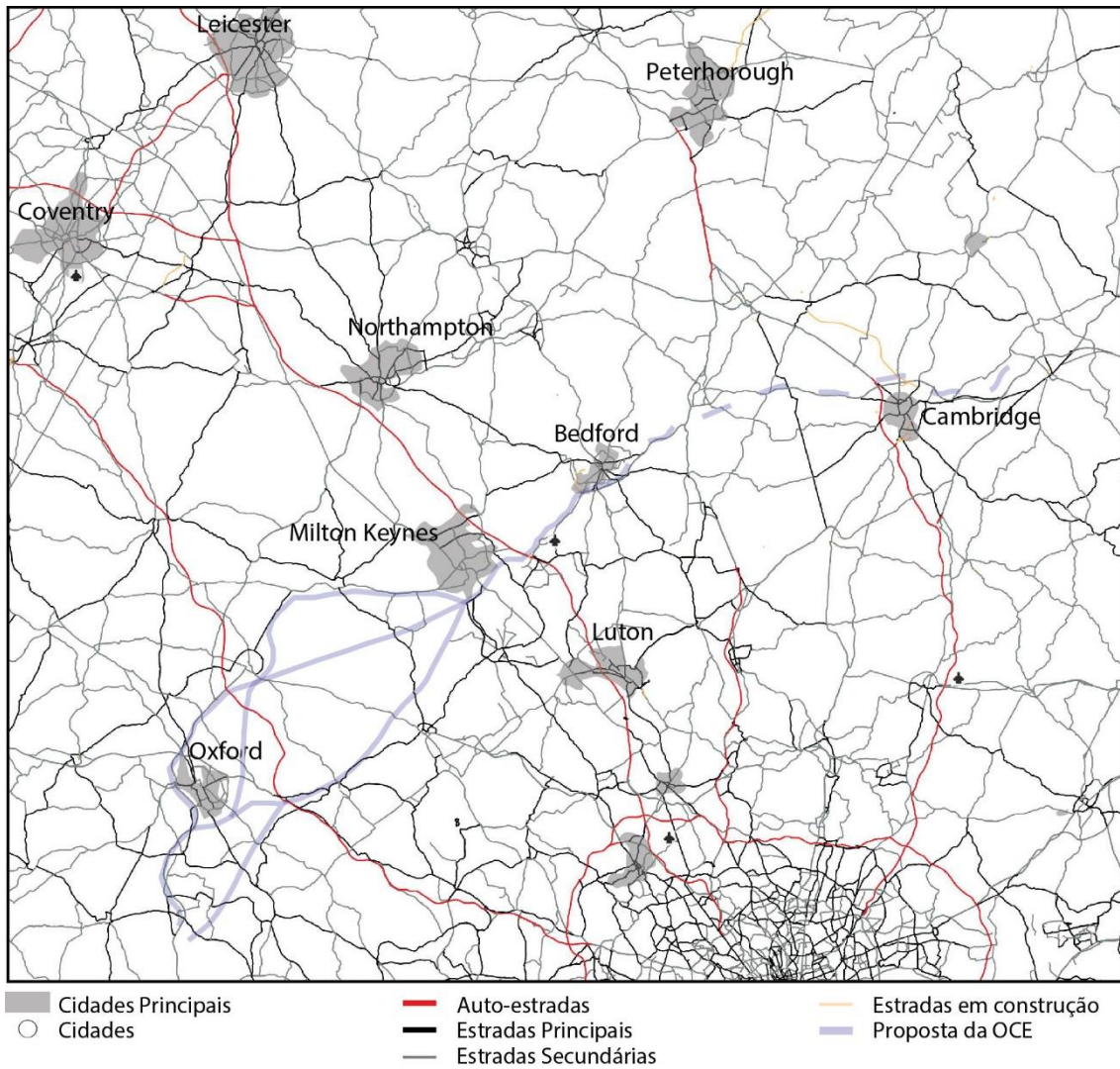


Figura 67: Rede viária. Sem escala. **Fonte:** Equipa projetista.

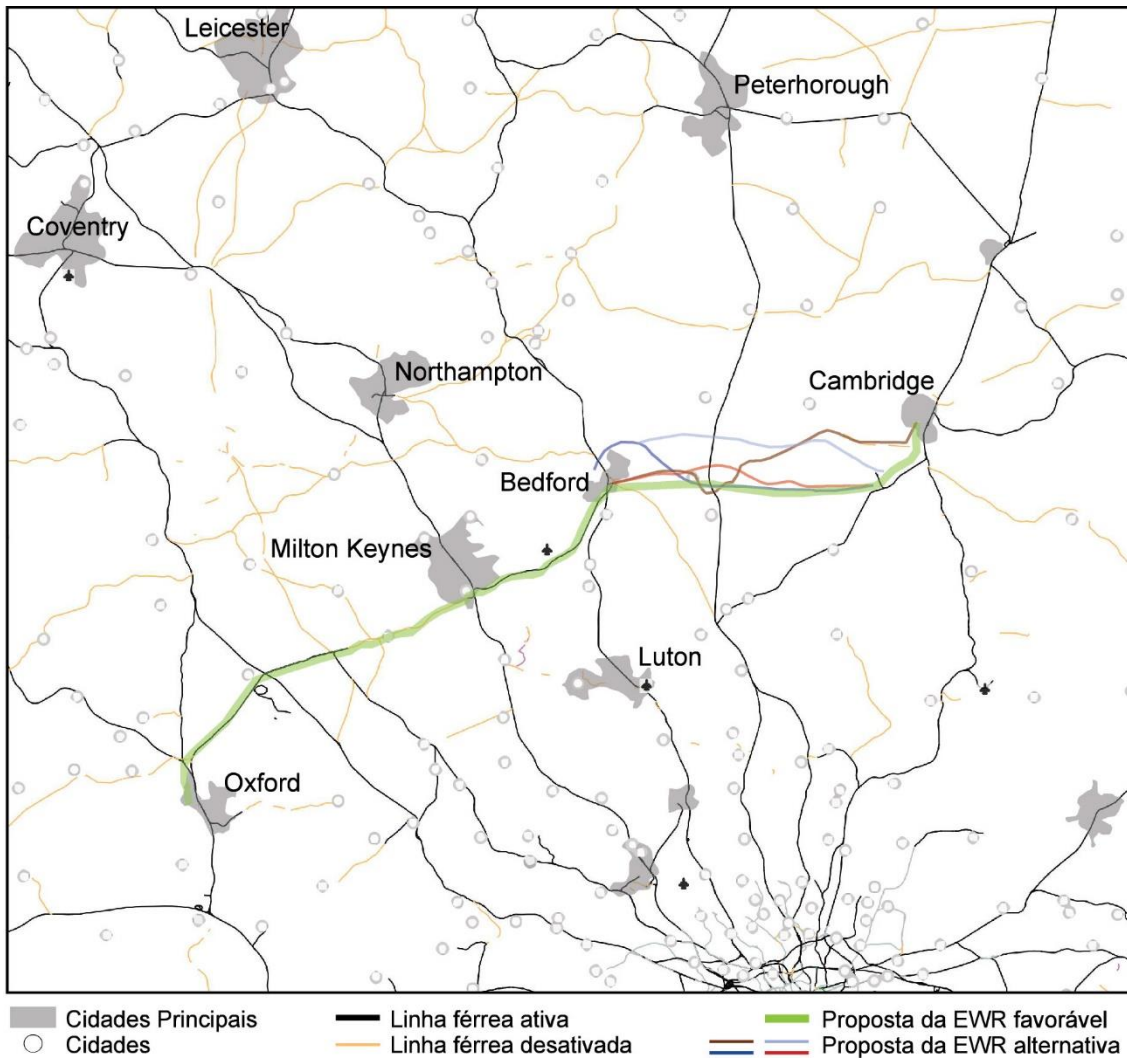


Figura 68: Rede ferroviária. Sem escala. Fonte: Equipa projetista.

5.3.3. Conceito da proposta

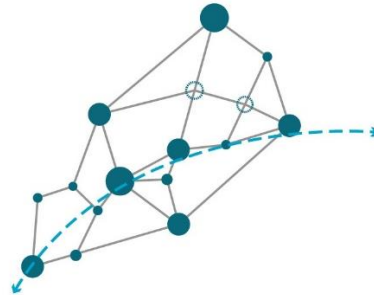


Figura 69: Conceito geral da proposta. Fonte: Equipa projetista.

O conceito desenvolvido para a proposta denomina-se de W.E.B. Este conceito de W.E.B. – West East Bond tem como principal pilar a conectividade das localidades dentro do corredor, dando ênfase às ligações menos desenvolvidas no sentido Este/Oeste. Estas ligações são fundamentais para que se possa considerar a existência de uma grande comunidade ao longo do corredor. Para desenvolver uma estratégia requalificadora, unificadora e sustentável, ela foi assente em três princípios: (1) a **estrutura ecológica**- propondo-se uma consolidação e unificação através da requalificação das linhas de água e das linhas de cumeada, para assim melhorar a flora desta zona e atrair mais fauna. Esta consolidação e unificação irá aumentar o valor estético e ecológico do corredor que, por sua vez, promove a coesão e interação social. A estrutura ecológica foi determinante no desenho de novas infraestruturas e espacialidades; (2) o **contexto social, cultural e económico** que aqui deverão incluir variáveis como a habitação e mobilidade, de forma a criar melhores condições de vida para comunidade, através de melhores acessos e mais curtos e de casas mais próximas do local do trabalho; (3) a **criação de conexões**, associando o desenvolvimento da mobilidade ao desenvolvimento da estrutura ecológica, de forma a criar corredores verdes, reduzir o impacto das infraestruturas e promover o contacto das pessoas com a natureza.

5.3.4. Unificação de pequenas comunidades mantendo a identidade individual

A estratégia de desenvolvimento proposta para o corredor pretende alcançar um desenvolvimento sustentável, centrado não só na economia do corredor, mas essencialmente na comunidade e na ecologia, através de uma abordagem multidisciplinar. Para tal pretende-se incluir a rede de transportes numa estrutura ecológica equilibrada, de forma a dotar esta paisagem de novas infraestruturas, para que assim se possam criar novos espaços para a oferta de habitação de qualidade, de recreio e lazer de forma a agradar todos os intervenientes e melhorar as condições e relações sociais. fazer um equilíbrio entre a estrutura ecológica e a rede de transportes, para assim aumentar a oferta de habitação, de recreio e lazer, de forma a agradar todos

os intervenientes e melhorar as condições e relações sociais. Um equilíbrio entre a estrutura ecológica e a mobilidade irá criar pontos de conexão entre a população e o património, tanto cultural como natural. Uma rede de transportes com várias ligações irá melhorar as conexões entre todas as localidades do corredor, promovendo assim o contacto entre as pessoas de vários locais. Esta melhoria dos transportes irá reduzir a distância nas deslocações, o tempo despendido nas mesmas e irá proporcionar mais tempo livre para as pessoas, trazendo maior qualidade de vida.

Uma consolidação da estrutura ecológica, para além de melhorar as qualidades ambientais, também aumenta a qualidade do trabalho produzido nestes espaços, atraindo mais empresas. Com esta atração para as empresas, a economia também é valorizada e são criados novos postos de trabalho, que atrairão novas pessoas para estas comunidades. Esta consolidação é essencial, porque será a coluna vertebral do corredor, abrangendo funções de proteção, produção e lazer. Ao longo desta estrutura ecológica serão desenvolvidos percursos de mobilidade suave, promovendo novas formas de deslocação e de contacto com a paisagem envolvente.

Dentro dos aglomerados urbanos, uma melhoria na rede de transportes irá descongestionar o trânsito, melhorando a qualidade do espaço público. Nestes espaços também serão propostos novos espaços públicos que, em conjunto com a participação da população, poderão traduzir-se em espaços mais agradáveis e de criação de comunidade; isto porque a participação da população nas intervenções é fundamental para consolidar as comunidades e a identidade das mesmas.

Para estratégia de desenvolvimento do corredor foi criada uma tipologia híbrida baseada nas tipologias sugeridas no programa. A tipologia desenvolvida, (*String development*)³⁴ pretende fazer com que as localidades se desenvolvam de uma forma contínua e interligada. Esta tipologia também é baseada na ligação entre as localidades, de forma a que elas se desenvolvam todas ao mesmo ritmo, para que exista um equilíbrio entre as mesmas. Esta tipologia tem em consideração a identidade de cada localidade, apesar de pretender também criar uma identidade coletiva, contribuindo para a criação de uma relação forte entre todas as localidades e assim uma grande comunidade. Esta comunidade será desenvolvida através da partilha e da dinâmica de funções, de forma a que umas localidades complementem as outras.

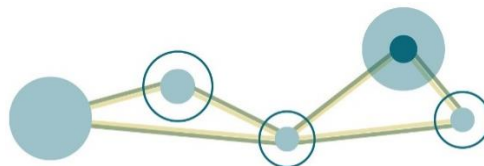


Figura 70: Esquema geral da tipologia de desenvolvimento. **Fonte:** Equipa projetista.

³⁴ (*String development*) – Desenvolvimento em corda ou desenvolvimento em anéis, com este jogo de palavras, pretendemos que as localidades desenvolvam de para a periferia e em continuidade.

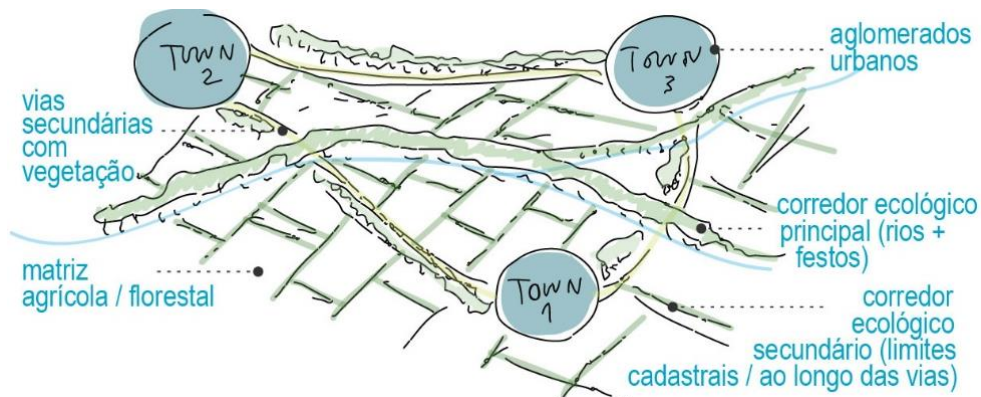


Figura 71: Esquízo da tipologia de desenvolvimento, integrando a estrutura ecológica. **Fonte:** Equipa projetista.

Sendo a estrutura ecológica a base de todo o desenvolvimento do corredor, foram realizadas tipologias para vários casos, de forma a abranger toda a área do corredor. Para além dos corredores ecológicos principais e secundários, que fazem as ligações entre as localidades, propõem-se manter a matriz agrícola e florestal, que correspondem à identidade desta paisagem. Na figura 72 verificamos as tipologias de elementos que compõe a infraestrutura ecológica ao longo da área de intervenção.

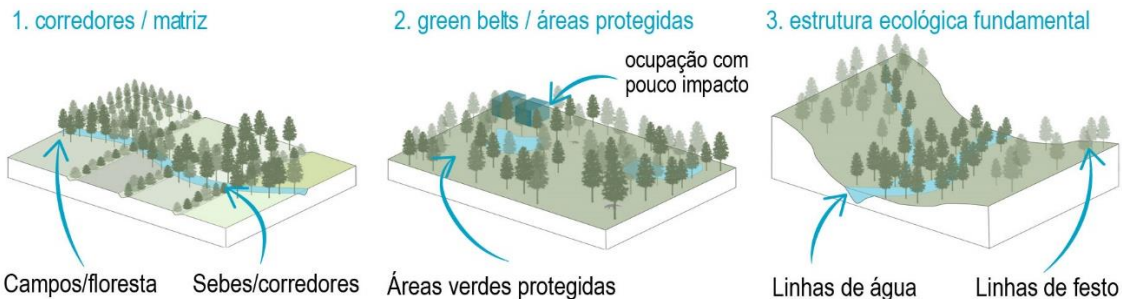


Figura 72: Tipologias estratégicas para preservar e melhorar a estrutura ecológica. **Fonte:** Equipa projetista.

A proposta para a infraestrutura de mobilidade assenta na consolidação da rede de transportes, através de um aumento de oferta e de uma integração. Esta rede será melhorada e serão desenvolvidas outras rotas, garantindo uma maior facilidade na deslocação entre as diversas localidades, possibilitando e promovendo o contacto entre elas. Estas novas ligações são uma oportunidade para criar novas dinâmicas entre as localidades e promover novos usos e funções, potenciando assim o seu crescimento e consequentemente, o desenvolvimento de todo o corredor.



Figura 73: Tipologias propostas para a rede de mobilidade. **Fonte:** Equipa projetista

No que diz respeito aos aglomerados urbanos, tendo em consideração a identidade do lugar e a intenção de evidenciar essa mesma identidade, propõem-se novas habitações e a requalificação das existentes, de forma a permitir uma maior diversidade de zonas residenciais. Para tal, é importante considerar a tipologia identitária de cada localidade, de forma a não as desvirtuar, promovendo uma continuidade no desenho urbano. As tipologias propostas (figura 74), pressupõem uma análise caso a caso, de forma a podermos aplicar a tipologia que melhor se enquadra: regeneração/compactação, consolidação ou consolidação e expansão planeada.

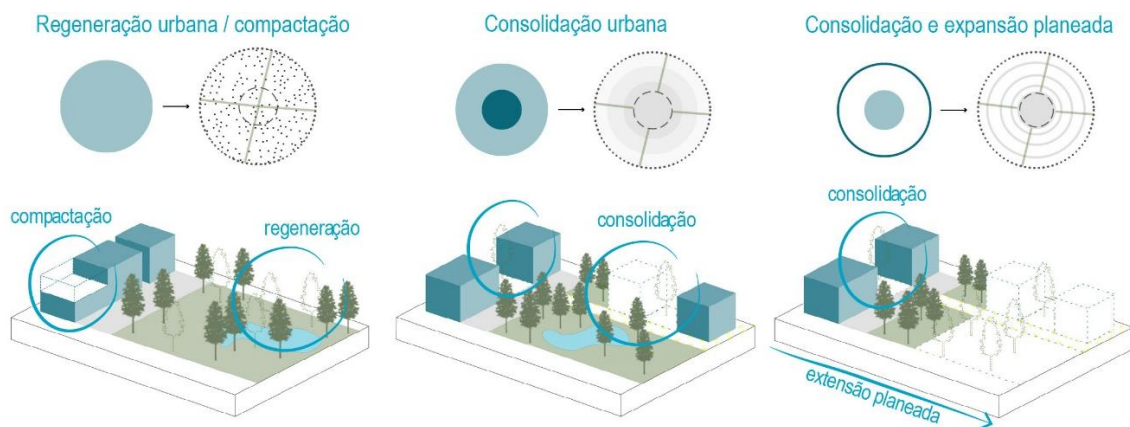


Figura 74: Especificações das estratégias para o desenvolvimento dos aglomerados urbanos. **Fonte:** Equipa projetista.

Para que esta proposta conceptual seja posta em prática é necessário existir um trabalho conjunto entre todos os intervenientes do corredor. Intervenientes estes que estão presentes no esquema da figura 75. Estes intervenientes serão geridos por uma equipa coordenadora para que o projeto seja conduzido da melhor forma possível. Esta equipa multidisciplinar ficará responsável pelo desenvolvimento controlado e programado do corredor, de forma a que se atinja um plano de expansão sustentável, que garanta a qualidade de vida de todo o corredor.



Figura 75: Intervenientes no processo de desenvolvimento e respetivas funções. **Fontes:** Equipa projetista.

Esta proposta é baseada na ligação entre as várias comunidades, de forma a criar uma grande comunidade, o que implica um trabalho conjunto, de modo a manter a identidade de cada local. Tendo a identidade como ponto de partida, pretende-se desenvolver ligações que unifiquem todas as localidades presentes no corredor, de modo a promover a qualidade de vida desta comunidade e a conseguir um desenvolvimento sustentável deste eixo de grande potencial económico, ecológico e social.

Considerações Finais

6. Considerações finais

A paisagem é uma construção humana, moldada segundo as suas vontades e necessidades. Por outro lado, a paisagem é o lugar onde o homem habita, o seu suporte de vida, o seu habitat. Existe uma relação íntima entre a paisagem e o homem onde eles se influenciam mutuamente e, nesse sentido, a sobrevivência de um depende do outro. O caráter e identidade da paisagem, ou dos lugares que habitamos, desenham o nosso próprio caráter e identidade. Diga-se, não apenas uma identidade individual, mas uma identidade coletiva. Somos uma construção da paisagem tal como ela é uma construção nossa.

Por vezes, o homem tende a intervir de forma “inconsciente”, pondo em causa o sistema complexo que é a paisagem e, assim, o seu próprio habitat. As comunidades necessitam de entender e respeitar o lugar que habitam, tornando-se responsáveis pela sua gestão constante e proteção contra essas ações inconscientes. É importante perceber que qualquer intervenção que não respeite o lugar poderá por em risco as comunidades que nele habitam. Sem caráter ou identidade, as pessoas não conseguirão interligar-se entre si ou com a paisagem, tendo dificuldade em nela habitar. Assim, a inter-relação paisagem/comunidade e comunidade/paisagem é essencial para a manutenção da paisagem, para a sobrevivência dos lugares e para a sobrevivência da população.

Enquanto interveniente na paisagem, o arquiteto paisagista deverá ter uma visão holística e integrada, não descaracterizando o lugar ou as comunidades. Percebendo e respeitando as interligações mútuas entre estes dois elementos, poderá atuar em prol dos dois simultaneamente. Entenda-se que uma qualquer intervenção deverá comportar preocupações ecológicas e sociais em igual grau de importância. No fundo, atua-se de forma consciente, não colocando nenhum elemento em risco e, se necessário, solidificando as ligações. Assim, dever-se-á proteger, manter ou criar um sentimento de pertença e, conseqüentemente, de comunidade. O arquiteto paisagista deverá satisfazer as necessidades e vontades da população sem danificar o complexo funcionamento da paisagem. Dando-lhe as premissas base, a população irá moldar a paisagem segundo o seu caráter que é espelho da paisagem onde habita, conduzindo a uma evolução sustentável. Em suma, o arquiteto paisagista tem a capacidade de proteger, fortalecer ou criar “comunidade”, ou seja, tem o papel de estabelecer uma relação sustentável entre o homem e a natureza, entre a comunidade e a paisagem, suportando a sobrevivência de ambos. Este papel pode resultar de ações efetivas no espaço, de aconselhamento na definição de políticas ou através de sensibilização das populações.

Se a arquitetura paisagista pode contribuir para a comunidade, a comunidade também tem um papel a desempenhar no desenho da arquitetura paisagista. Na fase de conceção do projeto, deverá haver uma participação ativa da população, ou seja, uma

participação pública consistente. O projeto deverá integrar as ideias e preocupações das pessoas que efetivamente vivem e viverão o espaço depois de concretizada a obra. Para tal, é necessária disponibilidade e vontade tanto da equipa projetista como da população. Ao nível da obra, achamos importante que a população seja envolvida em algumas tarefas de maneira a relacionar-se com o lugar. A transição entre o passado e o futuro do espaço é suavizada, permitindo que seja mais fácil relacionarem-se com ele quando este tiver uma nova configuração. Veja-se o exemplo de La Bazana onde em todas as fases de implementação do projeto existe um “Projeto Construído pela Comunidade”. Envolvendo a população, consegue-se que esta se relacione com o espaço e se solidifique como uma “comunidade”. Tendo margem para deixar as suas marcas, a população torna o lugar seu e aumenta a viabilidade do projeto. Numa fase posterior à obra, quando o arquiteto paisagista já saiu de cena e fica apenas a obra construída, é a comunidade quem tem o papel principal. É ela quem vive o lugar, quem usufrui dele, quem o transforma, quem o cuida. A evolução do lugar e da paisagem será dependente do grau de envolvimento da comunidade. Um projeto apenas se propagará no tempo, com as alterações inerentes, e cumprirá os seus objetivos no sentido em que a comunidade se apropria do espaço, se envolve, vive.

No que respeita a experiência do estágio, esta foi muito enriquecedora porque tivemos a oportunidade de trabalhar em equipas multidisciplinares e de ter a experiência de realizar projetos para concursos. Apesar de só termos tido contacto direto com arquitetos, foi-nos possível compreender algumas das vantagens e desafios de trabalhar em equipas multidisciplinares. Um dos desafios prende-se com o facto de cada área científica ter os seus conceitos e metodologias de trabalho e atuação. O vocabulário, por exemplo, tem por vezes conotações e significados diferentes de acordo com cada disciplina. As diferentes formas de pensar o espaço representam outro grande desafio. A visão do arquiteto paisagista é holística, partindo das características biofísicas do lugar, das suas pré-existências e da sua identidade. Além disso, encara o espaço e a paisagem como algo evolutivo e mutável no tempo. Expor e defender uma perspetiva numa equipa que nem sempre partilha a mesma visão, poderá ser difícil. Cada disciplina valoriza uma parte do todo e é no encontro das partes que encontramos a visão necessária ao projeto. É essencial, portanto, alcançar uma boa comunicação. As diferenças irão tornar cada projeto mais rico e consistente.

Referências Bibliográficas

- Project for Public Spaces. (1 de janeiro de 2009). Obtido de Project For PUBLIC SPACES: <https://www.pps.org/reference/rhester/>
- Alberti, M. (2013). *Planning under uncertainty: Regime shifts, Resilience, and Innovation in Urban Ecosystems*. Seattle: The Nature of Cities.
- Annan, K. (26 de Dezembro de 1999). *o significado de comunidade internacional*. Obtido de Público: <http://www.publico.pt/j128307>
- Bartle, P. (15 de 11 de 2017). *What is community?* Obtido de Community Empowerment Collective: <http://cec.vcn.bc.ca/cmp/whatcom.htm>
- Berkeley, university of California. (20 de 11 de 2017). *Randolph Hester*. Obtido de Berkeley, university of California: <https://ced.berkeley.edu/ced/faculty-staff/randolph-hester>
- Cabral, F. C. (1993). *Fundamentos da Arquitetura Paisagista*. Lisboa: ICN.
- Calvino, I. (2015). *As Cidades invisíveis*. Alfragide: Ieya.
- CIAM - Congresso Internacional de Arquitetura Moderna. (1933). *Carta de Atenas*. IPHAM - Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional.
- Conceitos.com. (12 de Março de 2017). *Comunidade*. Obtido de Conceitos: <https://conceitos.com/comunidade/>
- Costa, J. A., & Melo, A. S. (s/d). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Coville-Andersen, M. (Abril/Maio/Junho de 2017). O que significa planear uma cidade para pessoas? *SMAART/CITIES*, pp. 8-9.
- European ES. (2017). *CIUDADES PRODUCTIVAS - Programa de necesidades*. Madrid: European.
- Extremadura, J. d. (Novembro de 2015). Directrices de Ordenación Territorial de Extremadura. *Fase I - Síntesis de la información y diagnóstico inicial*. Extremadura: Ezquiaga, Junta da Extremadura.
- Fadigas, L. (2010). *Urbanismo e Natureza - Os Desafios*. Lisboa: Edições Silabo.
- Francisco Franco Bahamonde em Biografías y Vidas*. (15 de Novembro de 2017). Obtido de Biografías y Vidas: <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/f/franco.htm>
- Fulgência, C. (2001). *A importância dos espaços verdes urbanos*. Obtido de WWW.naturlink.pt
- Geoffrey, S. J. (2002). The Landscape of Man (1987). Em S. Swaffield, *Theory in Landscape Architecture - A Reader* (pp. 80-82). Philadelphia: Universidade of Pennsylvania Press.
- Hester, R. (2002). Community Design. Em S. Swaffield, *Theory in Landscape Architecture - A Reader* (p. 49). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

-
- Infopédia. (2 de 11 de 2017). *comunidade (sociologia)*. Obtido de Infopédia dicionários Porto Editora: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$comunidade-\(sociologia\)](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$comunidade-(sociologia))
- Lastres, H., & Albagli, S. (1999). *Informação é Globalização Na Era Do Conhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda.
- Lévêque, C. (2002). *Ecologia: do ecossistema à biosfera*. Lisboa: Instituto Piaget.
- London Green Belt council. (20 de 1 de 2018). *About London's Green Belt*. Obtido de London Green Belt council: <http://londongreenbeltcouncil.org.uk/about-londons-green-belt/>
- Lopes, S. (1987). *Desenvolvimento Regional: Problemática Teoria, Modelos*. (p. 139). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Los ojos de hípatía. (5 de 1 de 2018). *Sección Femenina. La mujer dentro del franquismo*. Obtido de Losojosdehípatía: <http://losojosdehipatia.com.es/cultura/historia/seccion-femenina-la-mujer-dentro-del-franquismo/>
- Marquez, F. S. (1976). *Guia secreta de Cordoba*. Madrid: Al-Borak.
- Matos, F. L. (2010). *Espaços Públicos e Qualidade de Vida nas Cidades - O Caso da Cidade Porto*. Porto: Departamento de geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Matos, R. S. (2010). *A Reinvenção da Multifuncionalidade da Paisagem em Espaço Urbano - Reflexões*. Tese de doutoramento. Évora, Portugal: Universidade de Évora.
- McMillan, D., & Chavis, D. (1986). *Sense of Community: A definition and theory*. *Journal of Community Psychology*, 6-23.
- Melo, M. T. (2013). *Desafios do projeto e do plano no desenho da cidade*. Évora: Universidade de Évora.
- NO-DO (Realizador). (2005). *La Provincia Resurge, El Plan de Badajoz* [Filme].
- Pollak, M. (1992). *MEMORIA E IDENTIDADE SOCIAL*. Em M. Augras, *Estudos Históricos* (pp. 200-212). Rio de Janeiro: Dora Rocha.
- Rando, E. S. (2014). *Trazado urbanístico y trama urbana en los proyectos de los poblados de colonización de Valuengo y La Bazana de Alejandro de la Sota. 1954*. *Revista de Estudios Extremeños, Tomo LXX, 1701-1728*.
- Rando, E. S. (2015). *El vacío Colonizador - Vivenda y espacio público en los poblados de colonización de La Bazana y Valuengo de Alejandro De La Sota*. Tese de doutoramento. Madrid, Espanha: Universidade Politecnica de Madrid - Escuela tecnica superior de Arquitectura.
- Reigado, F. M. (2000). *Desenvolvimento E Planeamento Regional, uma abordagem sistémica*. Lisboa: Editorial Estampa.
- reTHINKING - ARCHITECTURE COMPETITIONS. (2017). *Living the Collective*. Hornachuelos, Córdoba, Espanha: Ayuntamiento de Hornachuelos.

-
- Richmond, K. (2003). *Women and Spanish Fascism*. London: Routledge.
- Rivas-Martinez, S. (1987). Memoria Mel Mapa De Series De Vegetacion De España. *Memoria Mel Mapa De Series De Vegetacion De España 1:400.000*. Espanha: ICONA.
- Saldanha, F. (2017). O Capital Natural e as empresas. *Protocolo do Capital Natural* (p. 2). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sem autor. (25 de Outubro de 2017). *Conceito de penaplanície*. Obtido de Conceito.de: <https://conceito.de/peneplanicie>
- Sota, A. d. (Janeiro de 1954). Memoria del Proyecto del Núcleo de la Bazana. Extremadura: Junta da Extremadura.
- Sota, A. D. (1954). *Proyecto del nucleo de La Bazana Jerez de los Caballeros*. Badajoz: Instituto Nacional De Colonização.
- Spirn, A. W. (1998). The language of Landscape. Em S. Swaffield, *Theory in Landscape Architecture - A Reader* (p. 125). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Telles, G. R. (2003). A CIDADE E A PAISAGEM GLOBAL DO SÉCULO XXI. Em J. O. Caetano(Coord), *A UTUPIA E OS PÉS NA TERRA, Gonçalo Ribeiro Telles* (pp. 332 - 340). Lisboa: Instituto Português de Museus.
- Telles, G. R. (1 de Outubro de 2012). Entrevista a Gonçalo Ribeiro Telles. (A. Gomes, Entrevistador)
- Telles, G. R. (2016). O Ensino de Arquitetura Paisagista. Em G. R. Telles, *Gonçalo Ribeiro Teles* (pp. 119-121). Lisboa: Argumentum.
- Telles, G. R. (2016). O Homem perante a paisagem. Em G. R. Telles, *Gonçalo Ribeiro Telles* (pp. 19-23). Lisboa: Argumentum.
- Telles, G. R. (2017). *Universidade de Évora*. Obtido de <http://www.ensino.uevora.pt/ap/>
- unidas, N. (16 de Agosto de 2014). *UNRIC - Centro Regional de Informação das Nações Unidas*. Obtido de UNRIC - Centro Regional de Informação das Nações Unidas: http://www.unric.org/pt/component/rsfiles/download?path=factosessenciais_web.pdf